



SANDINO VIDA E OBRA

João Pedro Stedile e Mónica Baltodano (orgs.)







SANDINO VIDA E OBRA

João Pedro Stedile e Mônica Baltodano (orgs.)



1ª edição

**EXPRESSÃO
POPULAR**

São Paulo - 2008





Copyright © 2008, by Expressão Popular

Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*
Revisão: *Cristina Daniels e Geraldo Martins de Azevedo Filho*
Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S217 Sandino: vida e obra / Mônica Baltodano, João Pedro Stedile
(orgs.) --1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular,
2008.
176 p.

Vários autores.
Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>
ISBN 978-85-7743-088-8

1. Sandino, Augusto César, 1895-1934 - Vida e obra.
2. Revolucionários - Nicarágua - Biografia. I. Baltodano,
Mônica, org. II. Stedile, João Pedro, org. II. Título.

CDD 923.57285
972.85

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2008

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Rua Abolição, 197-Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo-SP
Fone/Fax: (11) 3112-0941
vendas@expressaopopular.com.br
www.expressaopopular.com.br





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>Mónica Balodano</i>	
VIVA SANDINO	25
<i>Carlos Fonseca</i>	
SANDINO, CLASSE E IDEOLOGIA.....	103
<i>Sergio Ramirez</i>	
IDEÁRIO POLÍTICO DO GENERAL SANDINO	
A ira do povo	129
Programa para os problemas sociais	133
Política revolucionária	137
Internacionalismo	141
O imperialismo <i>yankee</i> e o povo dos Estados Unidos.....	153
Moralidade.....	157
APÊNDICE BIOGRÁFICO	165







APRESENTAÇÃO

MÓNICA BALTODANO

Em 1995, em uma de minhas viagens ao Brasil, fiz uma apresentação sobre a Nicarágua na Universidade Federal de São Luis, Maranhão. Nela afirmei que um dos fatores fundamentais para rearticular o espírito de luta do povo nicaragüense – vital para o triunfo da Revolução de 1979 – foi a recuperação da figura, do ideário e da luta do general Augusto César Sandino. Essa tarefa que coube ao fundador da Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN –, Carlos Fonseca, continua vigente depois de mais de 80 anos do assassinato de Sandino.

As relações com os movimentos sociais brasileiros me permitiram levar uma e outra vez às terras de Marighella, de Ruy Mauro Marini, de Florestan Fernandes e de tantos outros lutadores, alguns fragmentos do pensamento, da vida e da obra de Sandino. Não só com apresentações e textos sobre Sandino, mas também com textos de Carlos Fonseca, Ricardo Morales, Sergio Ramirez e Ernesto Cardenal, que permitem conhecer sua heróica proeza e a vigência de seu exemplo.

Em diferentes momentos eu e João Pedro Stedile conversamos sobre a importância da vida do general Sandino, de suas contribuições à resistência latino-americana contra a dominação imperialista, do espírito



que o animava, de sua coragem, de sua integridade e, sobretudo, da atualidade de seus principais ensinamentos. Foi em parte assim que surgiu a idéia de um livro que recolhesse textos sobre Sandino que permitissem o conhecimento essencial de sua vida e de seu pensamento.

A seleção incluiu dois textos referenciais. “Viva Sandino”, escrito por Carlos Fonseca, e uma análise do pensamento de Sandino, esboçada por Sergio Ramirez na Conferência “Sandino Classe e ideologia”.

“Viva Sandino” me pareceu indispensável. Carlos Fonseca dedicou-se com disciplina e fervor ao estudo de Sandino quando na Nicarágua o mantinham oculto ou soterrado em calúnias e mentiras. Carlos dedicava muitas horas à pesquisa com todas as limitações da vida clandestina e da perseguição. Apoiava-se em militantes para buscar informação em bibliotecas e arquivos nos quais ele não podia pesquisar diretamente.

Priorizou o que considerou indispensável e, por isso, adiantou a publicação do *Ideário de Sandino*. Carlos, como nos disse Jaime Wheelock, considerava que o fundamental era dotar os jovens lutadores antisomozistas “primeiramente das lições de moral, de dignidade, de patriotismo, em uma palavra, da ideologia prática renascida das mesmas raízes da luta pela defesa da soberania nacional”. Às nossas mãos de garotos e garotas chegaram essas letras impressas clandestinamente em mimeógrafos, que reproduzíamos de maneira simples nas reuniões.

“Viva Sandino” fazia parte das primeiras pesquisas e ficou empilhado entre caixas de papéis de Carlos e de Angelita Morales Avilés, que, por ser de sua equipe, havia trabalhado arduamente nelas. Carlos cai combatendo em novembro de 1976 e Angelita Morales em maio de 1977.¹ “Viva Sandino” só pôde ser divulgado em 1982.

¹ Angela Morales Avilés caiu em um combate desigual, juntamente com a operária Mercedes Avendaño, sábado, 14 de maio de 1977, nas redondezas da Igreja Monseñor Lezcano. Angela tinha 27 anos de idade e Mercedes, 22.



A Escola de Quadros da FSLN “Ricardo Morales Avilés”, fundada em 1979, concedeu grande importância ao aprofundamento do estudo da história de nosso país. Sandino ocupava um lugar central nesse processo.

Sergio Ramirez já havia escrito o *Muchacho de Niquinohomo*, em 1973, e o *Pensamento vivo de Sandino*, em 1974. Os tão esperados estudos dos documentos de Sandino são sintetizados na conferência magistral que Ramirez faz a numerosos militantes e jovens guerrilheiros ainda vestidos de verde-oliva e saídos recentemente da luta contra a ditadura nos primeiros meses da revolução, em 12 de maio de 1980. “Sandino, classe e ideologia” é uma análise do pensamento, das razões de Sandino, porém extraídos não de textos teóricos, que ele não teve oportunidade de escrever, mas do desenvolvimento de sua práxis. Sua publicação foi incorporada ao *Pensamento vivo de Sandino* na edição de 1981.

Os textos escolhidos, traduzidos para o português, permitirão o acesso mais profundo das novas gerações de brasileiros ao conhecimento de nosso general de Homens Livres.

Aos nicaragüenses, Sandino nos enche de orgulho nacional. Foi o guerrilheiro que infligiu a primeira derrota militar em solo latino-americano aos militares estadunidenses, em um pequeno país de 130 mil km², em 1933. Enaltece-nos, além disso, como um herói da liberdade, como exemplo de dignidade, coragem, valor. Por sua honradez pessoal e ética de vida consagrada a altos ideais. Pela consequência entre o que falou e o que fez.

Sandino em seu tempo foi reconhecido e admirado em diferentes pontos do planeta, também por sua genialidade. Ele, talvez sem saber, desenvolveu com enorme sabedoria os princípios essenciais da guerra de guerrilhas, descobriu a importância do fator político-moral na guerra do povo, e por isso, buscou o respaldo camponês à luta, desenvolvendo um trabalho político dentro do campesinato analfabeto, pobre e abandonado.





Frente a uma população que não sabia ler nem escrever, Sandino, com seu exemplo, com o trabalho direto pôde convencer milhares de camponeses a apoiarem-no e a se somarem com valor ao assalto da utopia e a combaterem contra o exército *yankee*, que já era o mais poderoso da América.

O “guerrilheiro da América”, como o chama Gregorio Selser, foi respaldado por um mundo que olhou com assombro “o gesto de um desconhecido, trabalhador, camponês, que se tornou herói quando não restou outra alternativa, salvo morrer de vergonha”. Na Nicarágua, entretanto, pela opressão ditatorial, a dimensão da luta de Sandino foi apenas objeto de estudos clandestinos até o final dos anos de 1950.

O nome de Sandino e sua figura começam a aparecer em panfletos e comunicados clandestinos, em pinturas de paredes, nos anos de 1960; porém, sua luta só pôde ser conhecida e massivamente divulgada para os nicaragüenses após o triunfo da revolução, em 1979. A ditadura somozista inutilmente se encarregou não só de abafar sua grandeza, mas de distorcer a natureza de sua luta, sua qualidade moral e os objetivos que perseguia.

Contexto da luta de Sandino

Sandino nasceu em 18 de maio de 1895 – morre Martí e nasce Sandino – 74 anos depois da independência de nossos países centro-americanos do domínio espanhol, em 1821.

Depois da independência e com as nações incorporadas à Confederação de Repúblicas Centro-Americanas, em 1823, os Estados Unidos impõem a doutrina Monroe. Em vez de permanecer unida para oferecer maior resistência às pretensões imperiais, a Confederação se divide, em 1836, dando lugar a pequenas repúblicas – os países centro-americanos. As ambições dos grupos oligárquicos e seus desejos de poder são um fator determinante nessa ruptura.

As vantagens naturais da Nicarágua para a comunicação (eventual canal) entre o Pacífico e o Mar do Caribe através do Lago Cocibolca





e o rio San Juan determinaram que as grandes potências disputassem o controle deste país. Primeiro, foram os ingleses que dominaram a costa atlântica e controlaram a desembocadura no Caribe e, mais tarde, os holandeses (1831) e, depois, os franceses (1846).²

O interesse dos Estados Unidos na Nicarágua aumenta com a febre do ouro na Califórnia. A determinação estadunidense de nos dominar se expressa nos tratados unilaterais de 1847, 1848, 1849 e no tratado Clayton-Bulber (1856), mediante o qual a Inglaterra e os Estados Unidos, fazem um acordo sobre o controle da posição geográfica do país. Em 1854, entretanto, já se havia produzido o primeiro ataque armado dos Estados Unidos à Nicarágua.

As disputas interoligárquicas favoreceram a dominação estrangeira a tal ponto que, em 1855, um pirata estadunidense, William Walter, consegue dominar a Nicarágua; proclama-se presidente (com o beneplácito do governo de Washington), restabelece a escravidão e tenta dominar toda a América Central. Pela primeira vez os nicaragüenses se unem e, com o respaldo de outras nações centro-americanas, conseguem derrotar o invasor em maio de 1857. Porém, a intromissão estadunidense continuou enquanto os liberais e conservadores se revezavam no poder.

Nos fins do século 19, o regime econômico feudal dá mostras de esgotamento. Os setores populares aparecem com força na guerra dos índios de Matagalpa, em 1881, o que favorece as idéias liberais. Em 1893, triunfa a revolução liberal dirigida por Zelaya, que empreende algumas reformas inspiradas na Revolução Francesa, o que lhe proporciona certa autonomia. Os Estados Unidos impõem a renúncia de Zelaya por meio da nota Knox e, a partir daí, se inicia a intervenção aberta na Nicarágua, o país passou a ser um protetorado estadunidense.

² O príncipe francês Luís Napoleão Bonaparte publicou, em 1846, um trabalho abordando o problema da construção de um canal interoceânico pelo istmo nicaragüense.





Os Estados Unidos obrigam a Nicarágua a firmar o tratado Chamorro-Bryan, em 1914, para impedir que outro Estado construísse um canal que viesse a competir com seus interesses no já construído canal do Panamá. Diversos governos títeres convivem com a intervenção e são chamados para servirem de suporte militar. É essa a situação que se vive em 1926.

Sandino e sua luta antiimperialista

Quando Sandino completou 17 anos (1912), viu passar entre seu povo uma carreta com o cadáver destroçado do patriota Benjamín Zeledón e, segundo ele relata, isso o marcou para sempre. De origem humilde, chega, com a ajuda de seu pai, a se tornar um comerciante de grãos. Sai da Nicarágua em 1921, trabalha em Honduras e depois na Guatemala nos enclaves de capital estrangeiro. Sua viagem termina no México, onde trabalha como mecânico em companhias petrolíferas transnacionais; sua estada nesse país permite-lhe ampliar seus horizontes.

No México, recebe notícias sobre a nova intervenção dos militares estadunidenses na Nicarágua e decide regressar a seu país, em maio de 1926. Trabalha como operário na mineração de San Albino, onde organiza um grupo de companheiros que retira dinamite dos armazéns da mineradora e toma as armas para incorporar-se à luta. Lançam a “Proclamação de San Albino”.

É inicialmente uma luta de liberais contra conservadores, estes últimos apoiados pelos *marines*, que haviam desembarcado com 5 mil jovens em Puerto Cabezas, em 1926.

A coluna de Sandino conta, para isso, com várias centenas de homens e mulheres, essencialmente camponeses; ela se destaca não só por sua coragem nas batalhas, mas também por suas idéias e por seus emblemas vermelho e negro, diferente de outras forças que andavam com a bandeira liberal vermelha. É uma luta popular na qual:

Os pobres, os humildes, empunham o fuzil em busca de justiça, porém o mando do movimento rebelde está podre de indivíduos vazios de princípios





e carregados de ambições: José María Moncada e Juan Bautista Sacasa. (Carlos Fonseca, p. 46)

O liberal José María Moncada lidera as forças rebeldes, porém, em 4 de maio de 1927, se encontra com o representante do império, Henry Stimson, e, sob a sombra de uma árvore de espinho negro, firmam o que se conhece como “o pacto do espinho negro”, ou a “traição do espinho negro”. Mediante esse pacto, Moncada aceita render-se, com a promessa de eleições vigiadas pelos Estados Unidos. Chama os rebeldes para entregarem suas armas e oferece dez dólares por fuzil entregue.

Ao saber disso, Sandino decide não se render. Viaja a Segovias, escolhe os mais provados combatentes e com eles – não chegam a 30 – lança sua declaração de guerra patriótica.

Minha resolução é esta: eu não estou disposto a entregar minhas armas mesmo que todos o façam. Eu morro com os poucos que me acompanham porque é preferível morrer como rebeldes a viver como escravos.

A partir de 4 de maio de 1927, Sandino combate os estadunidenses e as forças mercenárias “vende-pátrias”. Em sua tática, ele nunca manteve uma posição fixa na qual pudesse ser atacado. Seus combates, ainda que em condições desiguais, conseguem infligir, de maneira crescente, derrotas fundamentais ao inimigo.

Sandino consegue a adesão de camponeses que combatem em condições terríveis, descalços, em farrapos, sem comida. Seus generais são camponeses e trabalhadores como Juan Pablo Umazor, Pedro Altamirano (Padrón), Francisco Estrada, entre outros. Também se integram mulheres, destacando-se, por sua combatividade e apoio à luta de Sandino, María Altamirano, Conchita Alday, Blanca Arauz, Teres Villatoro.

Os combates avançam cada vez mais na geografia nacional e os estadunidenses empenham contra eles todo seu poderio, como mais tarde o fariam no Vietnã. Para se ter uma idéia da força de enfrentamento, basta assinalar que em 4 de janeiro de 1928 se posicionaram seis navios de guerra na costa nicaragüense. Em 1° de fevereiro de





1928, os estadunidenses posicionaram 4 mil militares e 27 aviões; nesse mesmo ano, puseram mais 14 tanques de guerra, com 5.365 *marines*. No final de 1928, chegavam a 5.600 os *marines* combatendo em nosso pequeno e despovoado país.

Em 4 de novembro de 1928 se realizam eleições sob intervenção dos estadunidenses e Moncada sobe ao poder. A faixa presidencial é colocada no peito do traidor em 1º de janeiro de 1929. Novamente o Almirante D. F. Seller, da Marinha estadunidense, obriga Sandino a se render, sob ameaças. Sandino responde:

O patriotismo a que você apela é o que me tem mantido rechaçando a força com a força, desconhecendo em absoluto toda intromissão do seu governo nos assuntos interinos de nossa nação, e demonstrando que a soberania de um povo não se discute mas se defende com as armas na mão.

Firmado nisso é que respondo a você que, para chegar a esse acordo de paz efetivo com o general José María Moncada, impomos como primeira condição, absolutamente indispensável, a retirada das forças estadunidenses sob seu comando de nosso território.

Não acredito ser demais informar a você que as propriedades estrangeiras ficarão mais garantidas por nós, os nicaragüenses, que por forças de um governo estranho, porque toda intromissão estrangeira em nossos assuntos só traz a perda da paz e a ira do povo.

Os EUA organizam uma força repressiva nicaragüense, a Guarda Nacional, dirigida por estadunidenses. Porém, em 5 de novembro de 1932, antes da realização de uma nova farsa eleitoral, o embaixador estadunidense impõe, com a submissão das camarilhas dos dois partidos tradiocionais, a estrutura da Guarda Nacional, e nomeia como chefe-diretor Anastasio Somoza Garcia.

A farsa eleitoral de 16 de novembro de 1932 – todos os presidentes das mesas e da Comissão “Nacional” Eleitoral, são estadunidenses – dá a presidência ao liberal Juan Bautista Sacasa. A partir dele se inicia um processo de paz, que tem como condição primordial, posta por Sandino a retirada das tropas estadunidenses.





Em janeiro de 1933, os *marines* se retiram da Nicarágua sem conseguirem vencer as forças de resistência do Exército Defensor da Soberania Nacional. Sua retirada constitui a primeira derrota militar às ambições imperialistas sobre nossa América.

O processo de negociação fez Sandino viajar a Manágua e, em fevereiro de 1934, ele realiza sua quarta e última viagem; depois de um jantar na casa presidencial, a apenas 300 metros do palácio, Sandino é preso e posteriormente assassinado junto com seus generais Juan Pablo Umanzor e Francisco Estrada.

Quando revistaram seus bolsos, disse: “Não tenho um só centavo porque jamais me apropriei de recursos da nação”. Era 21 de fevereiro de 1934.

As idéias de Sandino

Sandino não pôde realizar diretamente a sistematização de suas idéias e práticas revolucionárias. O estudo de seu ideário realizado por destacados pesquisadores nos permite afirmar que era portador de uma proposta além da mera derrota do invasor imperialista. Sandino tinha uma visão patriótica, mas também uma proposta ética, cultural e social.

Quem o conheceu pessoalmente – como o escritor nicaragüense Salomón de la Selva e o jornalista basco Ramón de Belausteguigoitia – diz que Sandino era parte de uma família que cultivou grandes ideais. O pai de Sandino tinha uma biblioteca na qual o filho iniciou seus conhecimentos sociais e filosóficos. (Mac Caulay e Belausteguigoitia, citado por Alejandro Bendaña, p. 14)

Enquanto a luta se desenvolve, Sandino vai fortalecendo sua convicção de que não se trata somente do combate à intervenção, mas se trata da luta contra uma realidade de exclusão. Fortalece sua perspectiva de classe, porém de acordo com nossa realidade. A Nicarágua é, então, um país sem desenvolvimento industrial e as poucas concentrações operárias se encontram em enclaves, longe dos centros políticos. As áreas bananeiras, as explorações florestais e minerais se localizavam



principalmente na isolada região do caribe Nicaragüense. Por isso, Sandino atribui um papel muito importante aos camponeses.

Quando sai da Nicarágua, ele carrega inquietudes sociais e políticas e, ao chegar ao México, é sensibilizado pelos ares da revolução mexicana. Vivia-se em todo o país a agitação e a mudança e reinava o radicalismo frente aos Estados Unidos. O próprio Sandino reconhece isso ao afirmar:

Bendigo a hora em que emigrei a um país onde saciei minha sede de ensinamentos, bebendo novas idéias, acalmei meu espírito, purificando-o no sentimento de amor pátrio. Não quero dizer que fui à Europa na busca de escola de heróis, pois estamos convencidos, meu bom amigo, de que os heróis se improvisam segundo as circunstâncias do momento e sempre surgem da classe do povo.³

Além disso, Sandino, como operário da companhia petroléira no México, entra em contato com os sindicatos mais radicais da época. O pesquisador Bendaña afirma que, ao longo dos escritos de Sandino, é possível identificar a influência do socialismo libertário, que professavam os anarcossindicalistas mexicanos.

Esse sindicalismo influencia Sandino, não estamos falando do anarcossindicalismo como o conhecemos depois, mas daquele existente nos momentos mais importantes do trabalho de Sandino no México. Não nos referimos ao anarcossindicalismo que nega toda autoridade, mas sim ao que estava fundado nas idéias do socialismo libertário, que dá à autogestão um papel fundamental, o que reclama um regime coletivo de propriedade, e o que se distancia da ditadura do proletariado por considerá-la autoritária. Apesar de Sandino nunca se auto-intitular anarquista, utilizava os termos socialista e comunista racionalista:

enquanto você renega ser chamado de comunista, eu declaro ao universo inteiro, com toda a força de meu ser, que sou comunista racionalista. (Carta a Humberto Barahona, 27/5/1933, II, p. 338)

³ Richard Grossman. Documento 16 resgatado junto com outros documentos do Centro Histórico de Infantaria da Marinha dos Estados Unidos. Carta de Sandino a D. Arnoldo M. Ramírez, 17 de junho de 1927.



Carlos Fonseca, ao estudar seu pensamento de forma ousada, localiza suas idéias sociais nos limites do socialismo. Sua luta anti-imperialista, portanto, apresenta conteúdos de transformação social. Sandino se expressa contra a propriedade privada e critica a apropriação da riqueza pelos oligarcas.

Em um boletim de guerra assinado em agosto de 1931,⁴ Sandino recorda aos combatentes do EDSNN que:

Nossa guerra é guerra de libertadores, para matar a guerra dos covardes agressores que consomem o que não produzem e se valem das mesmas armas que o povo lhes confiou para lançar o povo contra o mesmo povo.

Ramón de Belausteguigoitia, em suas crônicas, se refere a que no acampamento de Sandino se entoava o hino “A Internacional”.

Sandino e seu projeto

Sandino combate a intervenção estadunidense, porém não se detém no nacionalismo; ele é sensível à situação de miséria e de exclusão em que vive a maioria dos nicaragüenses e propõe a construção de uma Nicarágua sem exploração.

Ele mesmo o explica, ao se referir a seu regresso do México e ao trabalho realizado na Mineradora de San Albino:

Eu, de minha parte, comecei a trabalhar com o ânimo daqueles trabalhadores, explicando-lhes os sistemas de cooperativas de outros países e o quanto éramos tristemente explorados e que devíamos nos preocupar com um governo que realmente se preocupasse com o povo, para que este não fosse vilmente explorado pelos capitalistas e pelas grandes empresas estrangeiras, pois o povo é a nação; e que devíamos exigir, como em todos os países civilizados do mundo, que todas as empresas que operam na Nicarágua proporcionassem a seus trabalhadores atendimento médico, escolas, leis e organizações, tais como a união

⁴ Escrito inédito que foi desclassificado pelo Departamento de Estado e a que se teve acesso há apenas 10 anos.



de trabalhadores e que nós não tínhamos nada disso. (Román, p. 49 citado por Bendaña, p. 59)

Imediatamente após a retirada dos *marines*, Sandino reflete sobre o caráter econômico e político da intervenção, assinalando a função das oligarquias representadas nos dois partidos tradicionais: “A Nicarágua continuava política e economicamente invadida e assim continuaria enquanto os governos estivessem nas mãos dos partidos existentes”.

Quando o exército de Sandino consegue expulsar os *marines*, o general de homens livres avaliou a possibilidade de criar um partido político e apresentar as características de um governo popular. Concebe a formação de um governo representante de uma sociedade em que os operários e camponeses não seriam explorados. Esse governo “estaria desligado de elementos burgueses, que em todos os tempos quiseram que aceitássemos as humilhações impostas pelo *yankee*”. (Arellano, p. 55)

Um reflexo desse projeto chega a se realizar; com o processo de paz, Sandino trabalha um ano em Wiwilí e impulsiona projetos de colonização na região do rio Coco para “fazer uma agricultura cooperativista”.

Mais que um programa agrário é um projeto social que, por sua vez, pretende resolver o problema dos camponeses sem terra e dos trabalhadores desempregados pela via do regime de cooperativas e da autogestão operária, protegido por um sistema de milícia popular.

Para a realização desse projeto econômico nacional empreendido diretamente pelos trabalhadores, negocia créditos com o governo e faz contato com comerciantes do Cabo Gracias a Dios “para organizar o intercâmbio comercial de Wiwilí com uma companhia mexicana para o cultivo de banana na costa atlântica e para expropriarmos a United Fruit”. (Bendaña, p. 69)

Sandino e os comunistas

No início da luta, Sandino recebeu o apoio decidido dos comunistas agrupados na Terceira Internacional, porém, em 1929, se



produzem transformações que levam ao distanciamento. Sandino vai para o México a fim de reverter o processo de isolamento que ameaça sua luta. Ele se expressa assim:

Agoniava-nos o silêncio, o isolamento, o desespero de permanecer ignorados. Era-nos necessário que o mundo soubesse que ainda estávamos na luta (...) a luta continuava na Nicarágua tão intensa como antes, porém, o dinheiro estadunidense nos impôs o silêncio.

A resolução do VI Congresso da Internacional Comunista de 1928 convocava a apoiar efetivamente a luta antiimperialista de Sandino.

(...) Essa linha de ação corresponde ao pensamento marxista latino-americano de Julio Antonio Mella (...) de José Carlos Mariátegui, que manteve fecunda fidelidade à causa de Sandino até o final de seus dias, e de Gustavo Machado, que defendeu Sandino até a véspera de sua morte em 1983, na Venezuela. (Armando Amador, p. 19)

A Internacional Comunista dispunha, como instrumento para fazer valer seu respaldo a esse tipo de luta, da Liga Antiimperialista Mundial; antes de 1929, predominava a tese da Frente Única para as lutas nos nossos países, que enfrentavam o colonialismo, e para as tarefas de independência nacional.

Jorge Dimitrov soube promover a estratégia fundamental para a formação de uma Frente Única Antiimperialista que agrupara todas as forças de libertação nacional. Obviamente essa estratégia propunha e desenvolvia a política da Internacional Comunista em relação ao problema nacional das colônias, elaborada sob a direção de Lenin nos primeiros momentos da IC de 1919 a 1924. (Armando Amador, p. 118)

Essa tese correspondia às convicções de Sandino, que vinha propondo a necessidade da construção de uma Frente Única Antiimperialista:

A primeira vez que o general Augusto C. Sandino propôs a formação de uma frente única contra os avanços dos conquistadores *yankees* na América Latina foi como um recurso fundamental proposto perante 15 presidentes de governo que, em agosto de 1928, expressavam autonomia



em suas manifestações oficiais em conferências internacionais. (Armando Amador, p. 116).

Porém, quando se modifica a linha da Internacional Comunista, que passa à defesa da “pureza ideológica”, a percepção comunista muda e o Partido Comunista do México encabeça essa posição. Em nome dessa “pureza ideológica”, criticam Sandino em muitas coisas; por exemplo, não estão de acordo que peça apoio ao governo mexicano para sua luta; expressam desacordo em relação à iniciativa de uma conferência latino-americana para colocar a rota do canal interoceânico e o Golfo de Fonseca sob a jurisdição da América Latina; criticam seu apelo aos liberais burgueses contra o imperialismo.

A essa altura, Sandino propõe um chamado amplo, que envolva todos os setores na luta contra o imperialismo. A tese da Frente Única havia sido abandonada pelos comunistas que não compreendiam Sandino.

Uma expressão das boas relações de Sandino com os comunistas se reflete na cooperação de Farabundo Martí, que lhe outorgou o grau de capitão e lhe serviu de secretário-geral, acompanhando-o ao México em 1929. É certo que existiam diferenças entre eles, que alguns têm supervalorizado. Nas próprias palavras de Sandino, em 1933:

Seu entusiasmo e boa fé me deixaram uma viva impressão e muito lamentei sua morte. No fundo tinha grandes méritos, porém, desgraçadamente, um caráter sumamente rebelde... Realmente, eu nunca tive nenhuma disputa ideológica com ele, porém, a rebeldia dificultou sua compreensão das limitações da missão no México, e de sua categoria de subordinado. (Román, p. 132)

Estava de acordo com todas as suas idéias... porém, explicava que naquele momento não era isso o que cabia e que minha luta devia seguir sendo nacionalista e antiimperialista. Explicava que primeiro era preciso defender o povo nicaraguense das garras imperialistas, livrá-lo delas, expulsando esses cães de nosso solo, as companhias estadunidenses, e que o passo seguinte era organizar os trabalhadores. (Conversación en Niquinohomo, II, p. 366)



Salvador Calderón Ramírez, em seu livro *Últimos dias de Sandino*, relata que, dois dias antes do crime, o herói lhe dissera algumas palavras sobre sua separação do mártir comunista salvadoreño Agustín Farabundo Martí: “nos separamos repletos de tristeza, na maior harmonia, como dois irmãos que se querem e não podem se compreender”. Farabundo Martí sempre respeitou o guerrilheiro antiimperialista. Antes de receber a descarga que lhe tiraria a vida, o comunista Martí declarou:

Dou testemunho agora da integridade moral, da pureza absoluta do general Sandino. Consta-me que no México recebeu repetidas ofertas de consideráveis somas de dinheiro, para que abandonasse sua luta em Las Segovias e que essas ofertas foram rechaçadas pelo general com a mais nobre indignação.

(...) Tenho interesse em que se aclarem esses pontos para estabelecer a verdade histórica.

E já para morrer, a dois passos da execução, declarou solenemente que o general Sandino era o primeiro grande patriota do mundo.

Sandino também teve relações com a Apra, cujas idéias expressam alguma influência em Sandino. Esteban Pavletich foi membro de seu Estado-maior. Porém, dentro dos conflitos, também teve que se afastar de Pavletich e expressou suas abertas diferenças em relação ao aprismo. Relaciona-se com Haya de la Torre, porém, discorda quanto ao papel da burguesia na condução dos movimentos de emancipação. Sandino acredita que esse papel é dos operários e camponeses.

Sandino foi um revolucionário de seu tempo, muito imerso na realidade nacional e por isso, se pode afirmar que esboçou os traços de uma teoria que não teve tempo de desenvolver. Baseou-se na realidade da Nicarágua, um país invadido e submetido aos ditames estadunidenses, sem uma classe operária ampla. Seu objetivo foi o nacionalismo, a defesa da soberania e da autodeterminação democrática, e sua preocupação central foi a situação de exploração e miséria de seu povo. Considerava vital a conquista da soberania para avançar





na transformação da realidade de opressão pela qual eram responsáveis em sua grande maioria políticos mestiços.

Sandino vive. A luta continua!

Depois do assassinato de Sandino, sobreveio uma longa noite. As bases de Sandino foram duramente reprimidas, seu nome desprezado, sua luta postergada. Somoza executou o assassinato de Sandino, decidido na Casa Branca, e se instalou ditatorialmente por 40 anos. Um dos generais de Sandino, o coronel Santos López, conseguiu sobreviver às matanças. E, no final dos anos de 1950, se encontrou na luta com Carlos Fonseca. Contou-lhe suas experiências. Fonseca estudou a vida de Sandino, se enamorou de sua luta, e fundou a Frente Sandinista de Libertação Nacional, que conduziu o povo à vitória total sobre a ditadura somozista em 1979.

O exemplo de Sandino continua inteiramente atual, porque seguem vivos os ímpetos de dominação imperialista. Para alguns ingênuos, o imperialismo já não existe; para outros, a dominação do capital não tem referências geográficas. Também houve quem afirmasse que a dominação imperial estava abandonando as formas militares para se concentrar na econômica.

A realidade tem mostrado que o imperialismo existe, que as grandes transnacionais têm sua sede principalmente nos Estados Unidos, que o poder mundial capitalista tem seu gerente na Casa Branca, que o uso da força e da supremacia militar estão na ordem do dia, não só para intervir diretamente, como se fez no Afeganistão e no Iraque, mas para fazê-lo indiretamente, como na Colômbia ou na Palestina.

A dominação do sistema capitalista e do imperialismo se manifesta em todas as esferas: social, econômica, cultural, religiosa. As previsões de Sandino expressas na reunião de presidentes latino-americanos em 1928 cumpriram-se.





Refletir, então, sobre as lições da história, sobre o pensamento e a ação de homens como Augusto C. Sandino é hoje mais urgente que nunca. Para extrair seus ensinamentos, para aprender, porém, sobretudo, para nos animar, para nos enchermos de sua coragem e de sua dignidade. Porque de Sandino não só ressaltamos sua força e seu valor, mas sua ética, sua honradez e sua sinceridade. Disso necessitamos nestes momentos em que campeiam a corrupção, o pragmatismo e a resignação, em momentos nos quais tudo parece submetido à negociação. Refletir sobre essa vertente é tão importante como seu antiimperialismo, porque ambos estão indissolivelmente ligados. Só a um louco, idealista e puro seria possível ocorrer em 1926 que pudesse derrotar, começando com um exército de 30 patriotas, o imperialismo estadunidense. É isso o que necessitamos agora. Um pouco dessa loucura divina, desse ardor, dessa convicção, dessa mística.

Bibliografia

AMADOR, Armando. *El Exilio y las Banderas de Nicaragua*. Federación Editorial Mexicana, México, 1987.

BENDAÑA, Alejandro. *La Mística de Sandino*. Centro de Estudios Internacionales, Colección Perspectivas, 1994.

FONSECA, Carlos. *Obras. Tomo 2. Viva Sandino*. Editorial Nueva Nicaragua, Segunda Edición, 1985.







VIVA SANDINO

CARLOS FONSECA

1

Augusto César Sandino foi o herói nicaraguense cuja imagem representou a rebeldia patriótica dos povos da América Latina no palco da histórica Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina, realizada em Havana, em janeiro de 1966. Nguyen Van Troi pela Ásia, Patrice Lumumba pela África, Augusto César Sandino pela América Latina; essa foi a trindade heróica que representou, na Conferência Tricontinental, a decisão dos povos subjugados de expulsar a intervenção imperialista, a decisão dos povos subjugados de se tornarem donos absolutos de seus próprios destinos.

A I e a II Declaração de Havana, como se sabe, constituem os documentos que, formulados pela Revolução Cubana, orientam a marcha dos combatentes defensores da terra latino-americana. Nos dois documentos, consta o nome de Sandino entre os mais representativos do heroísmo de nossos povos. Proclama a I Declaração de Havana:

Na luta por essa América Latina livre (...) nas entranhas de suas minas de carvão e de estanho, em suas fábricas e usinas de açúcar, em suas terras trans-



formadas em feudos, onde esfarrapados, cholos, gaúchos, jívaros, herdeiros de Zapata e de Sandino empunham as armas de sua libertação (...)

Proclama, por sua vez, a II Declaração de Havana:

Em Punta del Este, o imperialismo *yankee* reuniu os chanceleres para arrancar deles (...) a submissão dos povos à vontade absoluta dos Estados Unidos da América do Norte, contra a qual lutaram os próceres, desde Bolívar até Sandino

O lugar destacado de Sandino foi definido explicitamente por seu digno seguidor, Ernesto Che Guevara, diz o comandante Guevara em *Guerra de Guerrilhas: um método*:

Na América recorreu-se à guerra de guerrilhas em diversas oportunidades. Como antecedente indireto mais próximo pode-se mencionar a experiência de Augusto César Sandino, lutando contra as forças expedicionárias *yankees* na Segovia nicaragüense.

É claro, portanto, o reconhecimento da dimensão de cúpula do herói nicaragüense, que dirigiu durante mais de sete anos o combate guerrilheiro contra a agressão armada *yankee* em meados da primeira metade do século 20. No entanto, a análise das condições em que se desenvolveu tão importante resistência guerrilheira, assim como o estudo das preciosas lições militares e políticas que podem ser tiradas dessa experiência, é tarefa que, até hoje, apenas começa a ser cumprida. Os próprios revolucionários nicaragüenses mal começam a tomar consciência do caminho ao mesmo tempo amargo e corajoso que nosso pequeno país vem percorrendo no decorrer dos tempos.

É interessante lembrar que foi alguém que em nenhum momento respirou os ares da Nicarágua que elaborou a resenha mais completa até hoje feita dos fatos que cercaram a epopéia sandinista. Trata-se do argentino Gregório Selser, autor das seguintes obras: *Sandino, general de homens livres* (dois volumes), *Sandino, o guerrilheiro* e *O pequeno exército louco*, dedicadas ao relato dos aspectos importantes da resistência nicaragüense. Não é preciso dizer que os revolucionários



nicaragüenses têm obrigação de desenvolver a contribuição que essas obras representam.

A referência ao nome do autor argentino leva a uma necessária dedução: durante longos anos, os próprios nicaragüenses ignoraram a si próprios. Talvez estejamos começando a recobrar a noção de nós mesmos, em conseqüência do início da nova batalha pela libertação cuja primeira vitória definitiva teve Cuba como cenário.

Para uma visão completa da façanha dos heróis das montanhas da Nicarágua, da glória e da tragédia que a cercaram, é imprescindível destacar o papel que corresponde à condição de istmo da geografia do país, a sua localização que o transforma em passagem obrigatória para os poderes colonialistas do mundo; é imprescindível valorizar a fecundidade de seu solo, a cobiça e a prepotência da oligarquia local, a copiosa e tradicional rebeldia de um povo camponês, combinada, lamentavelmente, com um denso obscurantismo ideológico; é imprescindível apreciar como repercutem, em um pequeno e confinado país, os acontecimentos mundiais.

Trazer alguma luz sobre esses aspectos é o propósito deste livro; ficaremos satisfeitos em saber que contribuiu, ainda que minimamente, para traçar a trilha certa que haverá de conduzir à vitória definitiva da justiça na Nicarágua. Para que seja possível alcançar tal vitória, é indispensável unir à vontade de expor a vida, uma determinada consciência dos objetivos perseguidos. Não escondemos nossa identificação com o princípio de que “sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”. Mas nossa máxima satisfação não consiste em escrever sobre os heróis, mas em seguir seu exemplo, na trincheira rural ou nas catacumbas urbanas.

A resistência sandinista deve ser registrada reunindo-se vários fatos de peso fundamental; nos anos de 1920 culminava na Nicarágua mais de um século de caudalosa rebeldia popular, traída quase sempre pelos oligarcas locais (desde 1823 até 1926 não se passou praticamente um só ano na Nicarágua em que o sangue popular





não fosse derramado em guerras ou em simples conspirações); do mesmo modo, nos anos de 1920, continuava em prática a política *yankee* que buscava o monopólio do canal nos mares da América, assim como o controle das posições geográfico-estratégicas que tal política implicava; por fim, é preciso lembrar a presença da distante e jovem República Soviética que, embora não fosse desempenhar um papel determinante nos acontecimentos da Nicarágua, não deixou de exercer influência sobre eles.

2

Vejamos os mais remotos antecedentes do destino histórico do povo nicaragüense. Possivelmente incorreremos em redundância. Mas, como em geral, tais antecedentes não são conhecidos, esperamos que essa redundância seja justificada.

Quando partiu da Espanha, Cristóvão Colombo, como se sabe, navegou em busca de uma nova rota que haveria de ligar o Ocidente com as Índias. Em sua última viagem, Colombo pisou em um território que mais tarde seria denominado América Central. O descobridor ainda não encontrara a rota que buscava e, em suas cartas à Coroa, quando de sua quarta viagem, fala mais de uma vez do “estreito” que se supunha atravessava as últimas terras descobertas.

Os exploradores e conquistadores que sucederam Colombo prosseguiram na busca do estreito. É importante notar que o interesse do conquistador pela região depois denominada Nicarágua não foi senão uma conseqüência do descobrimento do Oceano Pacífico por Vasco Núñez de Balboa. Isso explica porque o istmo nicaragüense foi explorado por expedições que entraram pelo Oceano Pacífico, e não pelo Oceano Atlântico.

Gil González Dávila foi o primeiro explorador; descobriu o maior lago do país, que chamou de Mar Doce, devido à sua grande extensão. González escreveu à corte informando sobre a possibilidade do estreito da Nicarágua, e o imperador Carlos V respondeu





interessando-se pela canalização do desaguadouro, depois chamado rio San Juan, que comunicava o Mar Doce com o Mar do Norte; essa idéia não se mostrou realizável, quando se manifestou, tempos depois, o gravíssimo obstáculo das provocações piratas aos poderes coloniais rivais da Espanha.

A terra nicaragüense foi presa, desde os primeiros tempos da conquista, de colonizadores espanhóis da pior espécie. De fato, caíram sobre a Nicarágua colonizadores que possuíam, como ninguém, a cobiça comum a todos os dominadores recentemente desembarcados, carecendo dos atributos que em outros lugares levaram o conquistador a “realizar (...) as expedições e aventuras mais ousadas e fantásticas”. Paradigma desses elementos foi Pedrarias Dávila que, além de acumular riquezas e assegurar a sucessão do governo para seus descendentes, o que fez de mais notável foi decapitar Vasco Núñez de Balboa e Francisco Hernández de Córdoba. Tal é o tronco da oligarquia que séculos depois se venderia de corpo e alma ao mais cobiçoso dos impérios.

Lugar de trânsito, a Nicarágua, como o Panamá, foi ponto de partida para as expedições contra os povos incas. Encontrando uma população indígena relativamente abundante, os espanhóis dedicaram-se a sangrentas caçadas de indígenas para abastecer suas expedições.

A invasão colonizadora não foi recebida de joelhos por contaes, dirianes, nagrandanos e matagalpas. Na resistência indígena destacou-se o chefe Diriangén. No entanto, também houve ilusões que, somadas a inúmeras condições gerais desfavoráveis, determinaram a consumação da conquista colonizadora. Vítima de tais ilusões foi o cacique dos nicaraos que, sem ser o covarde que pintam os falsificadores da história nicaragüense, sem dúvida padeceu de um pacifismo utópico, que o transformou em inconfundível antepassado dos intelectuais que, já adiantado o século 20, tornariam mais fácil aos carrascos o sacrifício de Sandino.



O litoral atlântico da Nicarágua, marginalizado pela colonização espanhola, converteu-se, em algum momento do século 17, em refúgio de escravos africanos que escapavam valentemente do cativeiro imposto nas explorações estabelecidas pelos europeus nas ilhas antilhanas.

Uma vez consolidada a colonização das terras indígenas, o território nicaragüense foi praticamente compartilhado pelos impérios espanhol e inglês. O litoral do Pacífico e o centro da Nicarágua permaneceram sob domínio espanhol. O litoral atlântico deixou de ser refúgio dos escravos fugitivos e passou para o domínio inglês; os ingleses estabeleceram ali o que denominaram “Reino da Mosquitia”, onde havia, claro, um simulacro de rei.

Devido à condição de istmo do território nicaragüense, este é acessível com relativa facilidade pelos dois mares, razão pela qual a quase totalidade de suas populações sofreu o assédio dos piratas durante os últimos séculos da colonização espanhola; o alvo mais freqüente de tais assédios foi a próspera cidade de Granada que, situada às margens do lago Cocibolca, depois mar Doce e mais tarde lago de Granada, sofreu ataques piratas em 11 ocasiões.

A parcela territorial nicaragüense dominada pela Espanha oferece uma fecundidade que tornou mais vorazes comerciantes e mercadores. Durante o período da colonização espanhola, era grande o lucro que proporcionavam o ouro, o anil, o cacau, o gado, o açúcar extraídos do solo nicaragüense. O monge irlandês Thomas Gage, depois de passar pela Nicarágua em meados do século 17, publicou, em seu regresso à Europa, um relato em que se refere à Nicarágua como “Paraíso de Maomé”.

Os indígenas não permaneceram de braços cruzados diante da opressão e repetidas vezes se insurgiram em defesa de seus direitos; durante as primeiras rebeliões, ocorridas nas proximidades do povoado que os espanhóis chamaram de Segovia, rechaçaram o intruso sedento de ouro; posteriormente, em meados do século 17, obteve renome a insurreição protagonizada pelos indígenas no importante



município de Sébaco. Além disso, chegou à Coroa um relatório de um funcionário sobre os ataques realizados pelos “corajosos índios de Matagalpa”.

Em troca, a tentativa dos países do istmo de obter a independência da Espanha teria um caráter quase incruento se comparada ao processo que se desenrolou nas demais colônias espanholas da América. É verdade que, precisamente na província nicaragüense, assim como na província salvadorenha, a resistência armada assumiu uma certa proporção. Vale lembrar que, em 1812, por cerca de três meses, a cidade de Granada ficou em poder de rebeldes armados, que destituíram temporariamente as autoridades espanholas locais. E que, entre os elementos que permaneceram fiéis ao poder espanhol, estava o rico *criollo* Pedro Chamorro.

Momentos de desespero provocados pelos obstáculos que representavam os primeiros reveses na luta heróica das colônias americanas contra o domínio espanhol fizeram com que, em algum ponto da América, se pensasse que o controle total da Nicarágua pela Inglaterra, assim como do Panamá, poderia determinar a aceleração da derrota definitiva da Espanha.

3

A Nicarágua, como suas irmãs do istmo, emancipou-se da Espanha em 15 de setembro de 1821. Quase imediatamente o istmo foi anexado aos domínios do imperador Agustín I, denominação ostentada por Agustín de Iturbide, que encabeçava a camarilha aristocrática que usurpou a independência do México. Tal anexação contou com o apoio do setor mais reacionário da América Central, e com o repúdio dos setores identificados com os interesses populares. Na Nicarágua desencadeou-se uma rebelião popular, que repudiava a anexação imperial, dirigida pelo caudilho popular Cleto Ordóñez, nome que por certo não recebeu um lugar justo na história do país. A rebelião adquiriu proporções de levante popular, prolongando-se





por muitos meses. A anexação ao império de Iturbide foi efêmera, mas a luta armada persistiu no país, onde a classe reacionária pretendia pelo menos conservar o domínio local. O setor reacionário era dirigido por Crisanto Sacasa, com antecedentes no comércio: seu pai, Roberto Sacasa, orgulhava-se de ser o potentado que dispunha da maior quantidade de bens em toda a Capitania Geral, condição reforçada pelo fato de ter solicitado à Coroa espanhola licença para importar escravos.

A rebelião dirigida por Ordóñez tinha o lema “Acabaram-se os dons”, numa alusão ao título (d.) que ostentavam os indivíduos mais endinheirados. Com efeito, os rebeldes arrancavam das residências dos ricos os escudos supostamente nobres e os destruíam. Os habitantes dos bairros populares e das comarcas rurais vinham e expropriavam os estoques dos armazéns dos principais comerciantes; alimentos e vinhos eram tirados das despensas dos ricos e nas ruas eram servidas refeições populares; o caudilho Ordóñez discursava de uma varanda em Granada para a multidão. O sentido classista dessa rebelião é indiscutível.

No entanto, nos anos seguintes, até a segunda metade do século 19, a violência perdeu esse sentido classista, degenerando em rinhãs entre grupos rivais que disputavam os despojos governamentais. Destacamos a rebelião provocada pela anexação ao império de Iturbide, porque mostra o aspecto preponderante que a violência haveria de adquirir no futuro da Nicarágua. Os princípios políticos enciclopedistas, muito rudimentares, adotados por um dos grupos no primeiro momento, pesaram muito menos na balança das disputas do que o desejo generalizado de lucro, herdado da colônia.

A violência que a partir da separação da Espanha desencadeou-se na Nicarágua pode ser medida considerando-se que a cidade de León, que naquela época chegou a ser a segunda em importância na América Central, foi reduzida a escombros devido às destruições bélicas, morrendo de cada vez cerca de mil pessoas. É preciso lembrar que a população do país oscilava então em torno de 150 mil habitantes.





Já se viu como os conquistadores dizimaram a população indígena do país. Esse despovoamento viria a ser retomado a partir das violências que se repetiriam ano após ano, tendo como seqüela a traição dos grupos oligárquicos e a conseqüente frustração na alma popular. Acaso não será esse fator uma das causas do anseio nicaragüense de peregrinar por países de rumos opostos? O fato é que a causa não reside na sede de aventura; a dialética leva a penetrar nas raízes históricas e materiais do temperamento humano em cada comunidade social.

Durante algum tempo, a partir do estabelecimento da república formal, a Nicarágua seria, com as outras quatro porções do istmo, uma única entidade estatal. Era essa a situação quando foi promulgada, pelo governo dos Estados Unidos, a célebre doutrina Monroe, em 2 de dezembro de 1823.

Aaron Palmer Company, American Atlantic and Pacific Ship Company, The Nicaragua Canal Association Company e Accessory Transit Company foram empresas que, transcorrido o século 19, ou seja, imediatamente após a proclamação da doutrina Monroe, manifestaram interesse pelo istmo nicaragüense. Esse interesse revela o consenso existente com relação à viabilidade da passagem interoceânica pela Nicarágua: segundo Alexandre Humboldt, aquele era um dos nove locais da América onde seria possível construir um canal.

Antonio Cañas, em 1825, M. J. Ibarra, em 1830, Juan de Dios Mayorga, em 1828, Felipe Molina, em 1831, foram funcionários do governo federal centro-americano que se comunicaram com representantes do governo dos Estados Unidos com o objetivo de utilizar o istmo nicaragüense na abertura da rota interoceânica. Vê-se bem que, nas décadas que se seguiram à proclamação da doutrina Monroe, a atenção estadunidense voltou-se para a América Central e ali, em particular, para a Nicarágua.

O que acabamos de indicar mostra claramente que a substituição do império espanhol pela crescente potência estadunidense ocorreu na América Central imediatamente depois de obtida a independência do



primeiro. O que não significa que não se manifeste durante algum tempo a rivalidade de diferentes poderes coloniais do mundo. Assim, em 1831, o governo centro-americano outorgou a uma companhia holandesa uma concessão relativa à via projetada. Ainda que essa companhia não tenha avançado em seu propósito, essa concessão acirrou a cobiça dos Estados Unidos e, em 1835, o presidente Jackson, assim como o faria seu sucessor Van Buren, manifestava interesse em favor de empresas do ramo. Em 1837, o comissionado estadunidense Stephen aconselhava a rota da Nicarágua como mais indicada do que a do Panamá.

A ambição dos poderes capitalistas de se apropriar do istmo centro-americano aumentaria no decorrer do século. E quando era tão necessária a sólida unidade da América Central, foi tirada a vida do líder que entregou sua lúcida inteligência e seu braço vigoroso ao ideal de uma pátria fraternalmente unida, combatendo o separatismo das cinco porções: Francisco Morazán, nascido em Honduras, foi executado em 15 de setembro de 1842; enfrentando a morte com coragem, legou-nos o seguinte testamento:

Louvo a juventude que é chamada a dar vida a este país, que deixo com tristeza por permanecer anarquizado, e desejo que imite meu exemplo de morrer com firmeza antes que deixá-lo abandonado à desordem em que desgraçadamente hoje se encontra.

As rivalidades das potências capitalistas ansiosas pelo privilégio da comunicação interoceânica tornaram-se muito visíveis em meados do século 19. O príncipe francês Luís Napoleão Bonaparte, que algumas décadas depois, como Napoleão III, pretendeu impor uma coroa ao México, dirigiu antes seu olhar para a Nicarágua, publicando, em 1846, um trabalho em que expunha a questão da construção de um canal interoceânico no istmo nicaragüense.

Em 1847, deu-se o primeiro acordo oficial de ingerência *yankee* na Nicarágua: o estadunidense Brown assinou um tratado com o governo nicaragüense. Em 1848 é assinado outro tratado e, em 1849, mais outro, todos lesivos aos interesses da Nicarágua. Em 1848, cresceu



inusitadamente nos Estados Unidos o interesse pela comunicação da costa oriental com a costa ocidental. Naquele ano foram descobertas jazidas de ouro na Califórnia: foi o ano da “febre do ouro”. Na Nicarágua existe um quase canal, natural, formado pelo rio San Juan, navegável, que se comunica com o lago de Granada e cuja margem ocidental dista apenas 15 quilômetros do Oceano Pacífico.

No mesmo ano de 1848, San Juan, Greytown para os ingleses, na foz do rio San Juan, caiu sob a tutela da Inglaterra, que estendeu sua proteção ao “rei” da Mosquitia.

Assim, naqueles anos teve início a série de ingerências *yankees* de todo tipo que empurrariam para os mais obscuros abismos a vida da terra nicaragüense.

Foi em meados do século 19 que os países situados na bacia do Mar do Caribe (América Central, Panamá, Antilhas, Texas), próximos à latitude Sul dos Estados Unidos, converteram-se nas primeiras vítimas de um prolongado expansionismo que está na origem do poder imperialista que, no século 20, maiores calamidades haveria de trazer para toda a humanidade.

Em 1849, os Estados Unidos destacaram um representante diplomático especial para a Nicarágua; trata-se de George E. Squier, que, depois de permanecer um ano no país, publicou, em 1852, o primeiro estudo que existe sobre a Nicarágua. Em seu livro, referindo-se às férteis planícies do litoral pacífico nicaragüense, afirma:

Deixei voar minha imaginação, vislumbrando essa planície em mãos de uma raça empreendedora e vigorosa, com povos de toda parte, e prenhe dos mais saborosos frutos da natureza; e me perguntava se nossa geração não seria testemunha dessa transformação. Por que não? Que os cétricos desta primeira década da última metade do século 19 dirijam seu olhar para as praias da baía de San Francisco, sintam a realidade (...) e calem-se.⁵

⁵ E. G. Squier, *Nicarágua, seu povo e suas paisagens*. Costa Rica, Editorial Universitaria Centroamericana, 1970, pp. 278-279. Nota de Carlos Fonseca.





A missão de Squier foi determinante na assinatura do tratado Clayton-Bulwer, por meio do qual a Inglaterra e os Estados Unidos, ignorando a soberania nicaragüense, passavam a controlar a posição geográfica centro-americana e, em particular, a posição nicaragüense. Complementares a esse tratado seriam os dois seguintes: Webster-Crampton, em 1852, e Dallas-Clarendon, em 1856.

Desde 1851 estava em curso a exploração *yankee* do potencial geográfico nicaragüense que representava facilidade de comunicação entre os dois mares. A Accesory Transit Company, pertencente ao capitalista Vanderbilt, realizou, desde aquele ano, o transporte pelo istmo da Nicarágua. Nas disputas entre a Inglaterra e os Estados Unidos pelo istmo, os *yankees* lançaram o primeiro ataque armado à Nicarágua, em 9 de julho de 1854. O navio de guerra Cyane bombardeou o porto de San Juan del Norte, reduzindo-o depois a cinzas. Como se não bastasse, o governo dos Estados Unidos fez uma cínica e insolente exigência à Nicarágua cobrando 24 mil dólares a título – quem diria! – de supostos danos e prejuízos.

4

Agora era a vez da incursão dos aventureiros *yankees* encabeçados por William Walker. O primeiro desembarque deu-se em junho de 1855. A Nicarágua passava então por uma nova guerra civil e um dos grupos, evidentemente, deixou-se envolver pela oferta de colaboração de Byron Cole, representante do grupo de bandidos *yankees*, que passa a pretender o domínio, não apenas da Nicarágua, mas também de toda a América Central. Os “cinco ou nenhum”, tal era o lema da publicação *The Nicaraguan*, publicada por Walker.

Apesar da divisão partidária da população do país, divisão que mais adiante deixaria temporariamente de existir para unir forças contra os intrusos *yankees*, logrou-se impor a Walker uma primeira derrota, em 29 de junho de 1855, na batalha de Rivas, em que se destacou o heroísmo de Enmanuel Mongalo y Rubio, jovem professor





nicaragüense transformado em combatente. A primeira batalha de Rivas deve ser mencionada como o primeiro enfrentamento armado travado pelos patriotas nicaragüenses contra os agressores estadunidenses, que daí em diante não mais deixariam em paz esta terra rebelde, ancorada entre dois mares e próxima ao covil da fera mais voraz que a zoologia registra.

Walker foi proclamado chefe do Estado da Nicarágua, sendo saudado pelo representante do governo *yankee*, John Wheeler, e reconhecido pelo presidente Franklin Pierce. Entre as medidas tomadas por Walker está a promulgação da escravatura na Nicarágua, que já fora abolida em 1822 pelo governo centro-americano. Sobre a escravidão, a opinião de Walker era a seguinte:

O decreto que restabelece a escravidão, ao mesmo tempo que demonstra como os estadunidenses se propõem a regenerar a sociedade na Nicarágua, põe este país na vanguarda dos Estados do Sul da União⁶ no que se refere ao chamado “insanável” conflito entre o trabalho escravo e o trabalho livre. A política deste ato consiste em indicar para os Estados do Sul o único meio distinto da revolução que torna possível preservar a organização social presente.

As facções nicaragüenses em disputa afastam por fim suas diferenças, pelo menos por um tempo, e se unem, contando também com o apoio dos outros povos da América Central, para expulsar os escravagistas *yankees*, o que efetivamente ocorreu em maio de 1857. Contingentes centro-americanos enfrentaram, em luta solidária, o invasor. Todos fizeram grandes sacrifícios, destacando-se o grande número de costarriquenhos mortos em combate ou vítimas de pestes provocadas pela guerra. Os aventureiros estadunidenses causaram duras perdas materiais e humanas à Nicarágua. A cidade de Granada foi palco do incêndio invasor. Entre os heróis que deram prova de supremo heroísmo, figuram o costarriquenho Juan Santamaría e o nicaragüense Andrés Castro.

⁶ Refere-se à União estadunidense. Nota de Carlos Fonseca.



Enquanto o heroísmo centro-americano vencia em Santa Rosa (Costa Rica) e nas localidades nicaragüenses de Rivas, Masaya e San Jacinto, os poetas compunham canções patriotas como a que segue, de Juan Iribarren, fragmento de um longo canto cujas estrofes vibravam ao compasso da Marselhesa:

¡Guerra a muerte a esos viles ingratos!

¡Guerra al *yankee* de robos sediento!

¡Que reciba un severo escarmiento!

¡Su perfidia, su horrible traición!

A intervenção de Walker na América Central provocou justificada preocupação em amplos setores da América Latina e mesmo em nível de governos, tendo sido firmado, em 9 de novembro de 1856, um Pacto de Aliança e de Confederação entre representantes dos governos de Nova Granada, Guatemala, El Salvador, México, Peru, Costa Rica e Venezuela, assumindo-se também o compromisso de realizar no ano seguinte, em Lima, um congresso com o objetivo de constituir uma Confederação dos Estados Hispano-Americanos.

Não se esgotou o anseio de domínio no derrotado Walker, que se mobilizou nos Estados Unidos para voltar à carga. Não é de estranhar que até Cuba tenha feito parte de sua ambição; como testemunha o discurso que pronunciou em Nobile, em 25 de janeiro de 1858, no qual se expressou como segue:

Não há ninguém entre vocês que não veja com profundo interesse a aquisição de Cuba. Mas, quando Cuba for adquirida pelos Estados Unidos, vocês vão querer Cuba como ela é, com seus aspectos sociais íntegros,⁷ desejam-na como uma comunidade de interesses que a unirão aos Estados do Sul desta confederação.

Esse texto explica bem a associação com Walker de alguns anexionistas cubanos. Era natural que, anos depois, o apóstolo José Martí, em trabalho editado em 1891, aludisse a Walker referindo-se

⁷ Subentende-se escravidão. Nota de Carlos Fonseca.



à águia *yankee*. Em linhas dedicadas a Manuel Mercado, do México, e Enrique Estrazulas, do Uruguai, diz Martí:

Meus amigos sabem como estes versos⁸ saíram de meu coração. Foi naquele inverno de angústia em que, por ignorância, por fé fanática, por medo ou por cortesia, reuniram-se em Washington, sob a temível águia, os povos hispano-americanos. Qual de nós esqueceu aquele escudo em que a águia de Monterrey e de Chapultepec, a águia de López e de Walker, apertava em suas garras todas as bandeiras da América? E a agonia em que vivi, até que pude confirmar a cautela e o brio de nossos povos (...)

5

Uma vez derrotada a ingerência escravagista *yankee*, a intromissão *yankee* nos assuntos da Nicarágua continuaria sem interrupção. Já em 16 de novembro de 1857, foi imposto o tratado Cass-Irisarri, que facultava a intervenção armada dos Estados Unidos no país, tratado este cuja anulação foi obtida pouco depois.

O presidente Buchanan cogitou sobre a possibilidade de derrubar, em 1858, o governo estabelecido naquele momento na Nicarágua. Em 1859, Peter Stout, ex-vice-cônsul dos Estados Unidos na Nicarágua, publicou um livro com o sugestivo título de *Nicarágua, passado, presente e futuro*. Um parágrafo:

Nicarágua (...) posta na trilha florescente da empreendedora República dos Estados Unidos deve ou (*sic*) sair de sua apatia ou, claro, agregar-se, em poucos anos, como mais uma estrela de nossa bandeira.

Na segunda metade do século 19, aumentou o interesse *yankee* pelo istmo. A sociedade estadunidense, com a guerra civil de 1861 e nos anos seguintes, ao passar por uma etapa de conflitos e consolidação, a cobiça *yankee* pela América Central e Caribe limitou-se ao aspecto econômico e político, interrompendo-se por algum tempo a agressão armada aberta.

⁸ Refere-se aos “Versos Sencillos”. Nota de Carlos Fonseca.



Tendo o capitalista Vanderbilt explorado, por vários anos, a via do trânsito, cobrando pelo transporte em seus veículos desconjuntados um preço de usura, negou-se, em troca, a pagar um único centavo a título de impostos às autoridades da Nicarágua. Por esse motivo, assim como pelas destruições ocasionadas oficialmente pelos Estados Unidos à Nicarágua em 1854, o titular de relações exteriores do governo nicaragüense, dr. Tomás Ayón, enviou, em 1869, sucessivas notas ao representante estadunidense na Nicarágua, cobrando o cancelamento de impostos, assim como indenização pelos danos materiais causados pelos Estados Unidos à Nicarágua.

O secretário de Estado Fish propôs, em 1876, ao representante da Nicarágua em Washington, um projeto para a construção de um canal que lesava a soberania do país. No ano seguinte, a Nicarágua é convocada pelo império alemão, por meio da fragata “Elizabeth”, para uma solicitação arbitrária. Os autores da doutrina Monroe fizeram coro com a Inglaterra, apoiando a demanda da fragata alemã. A criação de um único Estado centro-americano títere foi proposta pelo governo de Garfield. Tentou-se impor em 1884 o tratado Zavala-Frelinghuysen, ainda referente ao canal: esse acordo foi definido como uma tentativa de estabelecer “um virtual protetorado, não apenas sobre a Nicarágua, mas também, de certa forma, sobre toda a América Central”.

Ao mesmo tempo em que, procedentes do exterior, apareciam tantas sombras, por meio de cada um dos fatos mencionados, nos anos posteriores à derrota dos aventureiros de Walker, a Nicarágua permaneceu sob a égide dos latifundiários, representados politicamente pela oligarquia conservadora. Naqueles anos, na estrutura social nicaragüense, a burguesia encontrava-se em uma fase incipiente, ainda que, com o passar dos anos, tenha chegado a obter uma certa força, o que a levou a não se conformar com um espaço secundário na direção do Estado.

Se bem que, durante os 30 anos posteriores à expulsão dos aventureiros, tenha se prolongado o domínio conservador, o setor liberal



identificado com os interesses da burguesia nascente quase nunca deixou de conspirar com as armas para alcançar o poder. Um fato econômico importante naqueles anos foi que à pecuária, que dominava o campo nicaraguense, agregou-se um novo cultivo: o café.

Os oligarcas optaram por se revezar periodicamente na chefia do governo e, embora a tônica conservadora episodicamente se atenuasse (um desses governos chegou a expulsar do país os jesuítas), no fundamental negaram-se a realizar a reforma liberal cobrada pela sociedade nicaraguense. Inexoravelmente, as idéias liberais difundiram-se no país, refletindo o ascenso liberal que atingia toda a América Central, e obtendo a vitória na Guatemala, com a reforma encabeçada por Justo Rufino Barrios, que repercutiu positivamente em toda a região.

Um sintoma visível da decomposição do sistema feudal nicaraguense foi a “guerra dos índios” das vertentes de Matagalpa, em 1881, acontecimento que os escritores burgueses do país apenas citam, e só para observá-lo superficialmente. Embora se fale de “guerra dos índios”, tem sentido explicar que não se trata exatamente de indígenas, mas de camponeses mestiços que se expressavam em espanhol, já não conservando seu idioma autóctone, ainda que racialmente preservassem uma origem predominantemente indígena. Os jovens rebeldes de hoje que passam pela montanha de Matagalpa ouvem os velhos camponeses relatar histórias tradicionais da guerra que eles chamam “de 81”, e falar de 10 mil índios que nas colinas de El Cantón faziam pontas de flechas para os rebeldes. Lembram chefes como Higinio Campos e Santos Martinez, nomes ignorados pela história oficial. Sabe-se que a insurreição dos camponeses prolongou-se por sete meses, e que houve uma ocasião em que cerca de mil índios baixaram das serras caindo sobre a cidade de Matagalpa, onde expropriaram os comerciantes que os faziam vítimas da troca usurária.

A “guerra dos índios” de 1881 deve ser considerada um antecedente da colossal guerra de guerrilhas que cerca de meio século depois seria chefiada por Augusto César Sandino. Vale lembrar que a zona





de Matagalpa está localizada no que seria um dos extremos da ampla região do país em que chegaram a operar os guerrilheiros sandinistas. Também é preciso deixar claro que a guerra de 1881 desempenhou um papel de elo transmissor das rebeldias seculares dos camponeses de origem indígena.

6

O setor liberal, que não se conformava em ficar em segundo plano no poder, canalizou o descontentamento desencadeado pela pretensão permanente do conservador Roberto Sacasa de manter-se no governo. O setor liberal lançou-se em uma guerra aberta em que a massa popular combatia gritando “basta de afrontas”; chegou ao poder em 11 de julho de 1893. De nada valeu a mediação do representante estadunidense na Nicarágua, Lewis Baker, que fazia o jogo da oligarquia que estava sendo derrubada. Em 1893, parecia que ia acabar, na Nicarágua, a herança opressiva e feudal dos tempos passados, no decorrer dos quais se impuseram os interesses das classes reacionárias representadas por homens como Crisanto Sacasa, Roberto Sacasa, Fruto Chamorro, P. Joaquín Chamorro, cujos sobrenomes, no século seguinte, permaneceriam em associação com as perpétuas penas da martirizada Nicarágua.

A partir de 1893, estabeleceu-se um regime que empreendeu a reforma burguesa no país.

Um ponto a destacar, tanto nesse tempo quanto ainda no início da segunda metade do século 20, é que as reformas do país foram propostas exclusivamente do ponto de vista da posição burguesa. Não era conhecida uma única opinião socialista em todo esse tempo no país.

As idéias marxistas chegaram tardiamente à Nicarágua, encontrando eco nos setores populares a partir de 1959, com o advento da Revolução Cubana.





Esse atraso na chegada das idéias socialistas e marxistas levou a que o método liberal burguês fosse durante muito tempo o único instrumento de análise dos problemas nacionais.

Na Nicarágua nunca houve imigração de operários europeus portadores das idéias socialistas, fato que em outros países da América foi indispensável para começar a romper, muito cedo, o obscurantismo ideológico herdado da colônia.

Ao fenômeno anterior devemos acrescentar que, por sua vez, a própria classe operária na sociedade nicaragüense manter-se-ia incipiente durante muito tempo, e só tardiamente aumentaria numericamente. Em conseqüência, por volta de 1971, poder-se-ia discutir se efetivamente, mesmo depois daqueles tempos, houve um verdadeiro movimento operário na Nicarágua.

Embora já no final do século 19 houvessem se desenvolvido algumas manufaturas, preponderantemente artesanais, a economia dependia principalmente dos produtos provenientes do campo, como o gado e o café, explorados com métodos arcaicos. Na mesma época, houve alguns investimentos estadunidenses, sobretudo na Costa Atlântica, nos ramos da mineração, da agricultura e do comércio.

É difícil pensar que a principal concentração proletária do país trabalhava, desde o final do século 19, nos confins da remota selva atlântica da Nicarágua, o que dificultava, chegando mesmo a impossibilitar, que tais trabalhadores se vinculassem a seus irmãos de classe do Pacífico, a zona de maior atividade política.

Os pobres da Nicarágua, os humildes, que desde as barricadas granadinas de 1823 vinham combatendo com o coração cheio de esperança, por mais de cem anos, até as guerras liberais de 1893, 1896, 1907, 1909, 1910, 1912 e, talvez, de 1926, continuavam carecendo da mínima noção científica quanto à causa de suas mazelas.

O regime de 1893 foi encabeçado pelo militar José Santos Zelaya. Sinais opostos caracterizam esse regime. Como aspectos positivos, a caduca legislação feudal foi superada, promulgando-se uma legislação burguesa;



os oligarcas tradicionais foram despojados de muitos privilégios; separou-se a Igreja do Estado; o país resgatou para a soberania nacional o território do Atlântico que continuava sob o domínio da Inglaterra. Não se pode omitir que o regime da Nicarágua converteu-se em ameaça mesmo para oligarcas conservadores fora da fronteira centro-americana.

O aspecto negativo caracterizou-se pela incapacidade de manter a unidade da força liberal, chegando-se, em 1896, ao extremo de o grupo liberal, do qual participava o ideólogo José Madriz, ver-se obrigado a empunhar armas contra o grupo encabeçado por Zelaya, apoiado agora pelos derrotados oligarcas conservadores. Somemos a isso as rígidas restrições impostas para expressar críticas em público. Citemos, por fim, o desmedido afã de lucro para acumular fortuna, inclusive pela corrupção administrativa.

Naqueles anos, os Estados Unidos expandiram sua cobiça sobre os demais povos: viviam já a etapa do imperialismo capitalista, em plena ebulição. Chegara a hora de Theodor Roosevelt, mais conhecido por sua cínica frase: “Eu tomei o Panamá”.

O nome geográfico enunciado nessa frase é apenas um ponto de referência: a palavra Panamá, que procede do local escolhido, por fim, capturado pelo império para projetar o canal interoceânico, quer dizer também, na boca de Theodor Roosevelt, Nicarágua, Cuba, Porto Rico, Haiti, República Dominicana, Veracruz e até as Filipinas; nomes de povos que conheceram, a partir daqueles anos, as garras do imperialismo estadunidense.

Mais explícita que a frase de Roosevelt é uma expressão de seu sucessor, o presidente Taft:

É óbvio que a doutrina de Monroe é mais vital nas proximidades do canal do Panamá e da zona do Caribe do que em qualquer outra parte.

O vôo agressivo da águia *yankee*, a ameaça sobre nossos povos, fez com que Rubén Darío, poeta da Nicarágua, poeta da América Latina, se expressasse em sua coletânea de poemas *Cantos de vida e de esperança*, com os seguintes versos:



¿Seremos entregados a los bárbaros fieros?
¿Tantos millones de hombres hablaremos inglés?
¿Ya no hay nobles hidalgos ni bravos caballeros?
¿Callaremos ahora para llorar después?

Em 1901, portanto, os Estados Unidos resolveram construir a sempre ambicionada via através do Panamá, embora, um pouco antes, no mesmo ano de 1901, a câmara de representantes daquele país tenha se pronunciado, numa votação de 308 a 2, a favor de uma rota pela Nicarágua. Claro que o governo *yankee* mudaria de opinião. Em 1901 a Inglaterra cedeu aos Estados Unidos a disputada hegemonia sobre o canal, assinando, naquele ano, o convênio Hay-Pauncefote, passando como de costume por cima da soberania do istmo.

As palavras de Taft citadas acima demonstram que, se bem renunciavam a construir de imediato o canal através da Nicarágua, os Estados Unidos dispõem-se a controlar esse país com uma tripla motivação estratégica: a proximidade ao Panamá, a proximidade ao território estadunidense, e a intenção de impedir que outra potência construa um competitivo segundo canal.

Em novembro de 1907, realizou-se em Washington uma conferência “nacional” centro-americana de que participaram, além dos delegados da América Central, o secretário de Estado Elihu Root, que naquela ocasião pronunciou algumas palavras expressando, segundo ele, seu desejo de “que não se alterasse novamente a tranquilidade e a ordem nas repúblicas irmãs aqui representadas”. Burla criminosa esta de Elihu Root, ao expressar desejos pacíficos em nome de quem viria a precipitar a castigada Nicarágua no mais obscuro caos.

O governo da Nicarágua foi assumindo uma postura independente dos Estados Unidos, chegando a dar os primeiros passos para construir uma via férrea que comunicaria San Miguelito, na margem oriental do lago de Granada, com Monkey Point, na Costa Atlântica.

Enquanto isso, os derrotados oligarcas da Nicarágua conspiravam sem descanso para recuperar o poder e os privilégios perdidos. Por



vários anos, sofreram derrota após derrota. Finalmente, no ano de 1909, os altivos oligarcas entraram em ação na qualidade de vulgares mercenários da potência *yankee* a serviço de um senhor: o dólar.

Por trás da atividade armada mercenária contra o governo da Nicarágua, mobilizou-se em Bluefields o cônsul Thomas Moffat que, duvidando do êxito da tentativa de derrubar o governo, deu passos para dividir a Nicarágua em dois Estados separados, um no Atlântico e outro no Pacífico.

Com o plano para derrubar o governo em marcha, participaram do mesmo os mercenários de nacionalidade estadunidense Cannon e Groce, que foram capturados quando tentavam instalar uma poderosa mina explosiva. Submetidos a julgamento, foram condenados e executados pelo governo de Zelaya. A medida defensiva tomada pelo governo da Nicarágua foi utilizada como pretexto pelo secretário de Estado *yankee* Knox que, em 1º de dezembro de 1909, dirigiu ao governo uma nota em que declarava a intervenção estadunidense aberta na Nicarágua. Zelaya dispôs-se a renunciar ao governo, entregando a chefia do Estado ao político liberal José Madriz em 16 de dezembro de 1909. O governo de Madriz continuou enfrentando a conspiração *yankee*-conservadora, que sofreu sérias derrotas. Mas a intervenção dos navios de guerra *yankees* Paducah e Dubuque, que apareceram em Bluefields, salvaram da derrota total a força conservadora. Assim, José Madriz renunciou a seu cargo em 20 de agosto de 1910.

Em conseqüência, os chefes liberais renunciaram a uma resistência armada mais eficaz, embora diante de perigos de menor gravidade que a intervenção *yankee*, haviam concordado com uma ação bélica obstinada.

7

O recrudescimento das agressões *yankees* à Nicarágua desde 1909 significou a imposição de uma grande frustração histórica no processo de desenvolvimento da sociedade nicaragüense. A mudança política



realizada em 1893 significava o passo mais importante registrado no acontecer nicaragüense, ao lado da emancipação da Espanha e da expulsão dos aventureiros.

Caso não tivesse ocorrido a intervenção imperialista, o processo socialdemocrático-burguês teria seguido sua evolução natural, e os velhos obstáculos certamente teriam sido superados em curto prazo.

A recuperação do poder pela derrotada oligarquia conservadora, graças aos encouraçados dos Estados Unidos, cerceou a identidade do processo histórico nicaragüense. A Nicarágua começou a deixar de ser ela mesma; deixava de ser a pequena nação que, com suas próprias paixões, buscava a si mesma, para se converter na pequena presa do crescente monstro estadunidense. Certamente, a presa nicaragüense, nem por ser pequena, nem por estar solitária, tolerou docilmente ser submetida.

Digamos que o monstro viu na pequena Nicarágua um potro indômito que era necessário castigar severamente. O potro atravessara-se na área que o monstro elegera para controlar a via de comunicação entre os oceanos. Diante de cada golpe, a Nicarágua popular responderia com rebeldia. E a rebeldia haveria de se repetir, até que o chicote, e não apenas o chicote, mas também a angústia que a solidão acarreta haveriam de extenuar temporariamente o povo nicaragüense.

O governo títere nem sequer foi reconhecido de imediato pelos Estados Unidos que, durante um tempo, negou-se a designar um representante oficial, nomeando, em 11 de outubro de 1910, Thomas Dawson como agente especial na Nicarágua. O autor cubano Ramiro Guerra y Sánchez fala da explosão de cólera e de indignação que varreu a Nicarágua e toda a América Central quando foi revelado o conteúdo do acordo Dawson, que apenas por algum tempo pôde ser mantido em sigilo.

O acordo Dawson incluía a criação no país de uma comissão mista de apelação, formada por um nicaragüense, um estadunidense, designado pelos interesses estrangeiros, e um terceiro membro, no-



meado livremente pelo presidente dos Estados Unidos. Por sua vez, as alfândegas seriam fiscalizadas constantemente por um inspetor estadunidense. A pequena e estratégica Nicarágua ficava reduzida à condição de protetorado.

A idéia de construir uma via férrea para o Atlântico, que começara a concretizar-se com a política nacionalista do governo anterior, foi jogada no lixo em prol do interesse estadunidense no Panamá.

O ano de 1912 foi de duro combate. Por um lado, a cidade de León, duas vezes destruída nas sangrentas guerras do século anterior, desta vez foi cenário de uma rebelião em que 300 valentes enfrentaram uma força de 3 mil homens do governo. De León a Masaya o povo apoiou a insurreição. Diego Manuel Chamorro, ministro do Exterior do governo títere, dirigiu uma nota ao governo dos Estados Unidos, dizendo:

Meu governo deseja que o governo dos Estados Unidos garanta com suas próprias forças a segurança e a prosperidade dos cidadãos estadunidenses na Nicarágua, tornando extensiva essa proteção a todos os habitantes da república.

A solicitação de Chamorro foi atendida a toda pressa; oito navios de guerra, 2.600 marinheiros e 125 oficiais, comandados pelo almirante Wheeler, desembarcaram na Nicarágua que não se resignava a ser neocolônia. A força invasora foi apoiada ainda por 3 mil mercenários do governo, que se lançaram contra os rebeldes. Estes, por sua vez, prolongaram a resistência por três meses, muitas centenas deles sacrificando suas vidas, até a derrota fatal em que caiu o herói do “Barranco”, Benjamin Zeledón.

Com o sangue dos mortos ainda quente, o império tentou impor o tratado Chamorro-Weitzel, firmado entre o ministro citado e o representante estadunidense em Manágua. Esse lesivo tratado sobre o canal não entraria em vigor, impedido por um trâmite legal nos Estados Unidos. O interesse fundamental da potência *yankee* na Nicarágua era a comunicação entre os mares. Mas, à insaciável cobiça nunca parece



demais um único dólar. E, portanto, os investimentos dos Estados Unidos na Nicarágua, que em 1913 eram de 3 milhões de dólares, continuariam aumentando até chegar a 24 milhões em 1929.

A construção do canal do Panamá terminou em 1914. Em 5 de agosto daquele ano foi imposto o tratado definitivo sobre o canal, visando controlar a posição geográfica nicaragüense: o tratado Chamorro-Bryan. Recebeu as assinaturas de Emiliano Chamorro, representante do governo títere em Washington, e de Jennings Bryan, secretário de Estado do governo estadunidense. A pretensão era que na Nicarágua não houvesse outra lei além do capricho do império.

A dignidade nicaragüense ferida levanta seu protesto frente ao atentado à soberania nacional. Em diferentes pontos do país foram presas as pessoas que defendiam a honra da Nicarágua; em León chegou a haver tiros contra os patriotas. O protesto ultrapassou a fronteira local e, em Honduras, cuja soberania também fora ferida pelo tratado, uma Sociedade de Defesa Nacional divulgou uma mensagem antiestadunidense com 30 mil assinaturas.

Como prêmio por sua submissão, foi imposto como chefe do governo títere Emiliano Chamorro, descendente de um dos clãs oligárquicos dominantes durante o século 19. A imposição de Emiliano Chamorro realizou-se em 1º de janeiro de 1917.

A família Chamorro pretendia ostentar sozinha a triste honra de encabeçar o governo títere: uma vez concluído o período de quatro anos de Emiliano Chamorro, este foi substituído por outro membro do clã, Diego Manuel Chamorro, que passou à chefia do governo em 1921, falecendo em 1923. Foi substituído por d. Bartolomé Martínez, primeira pessoa procedente das Segovias na história nacional que ocupou o mais importante cargo público.

Os oligarcas supunham que d. Bartolomé seria um instrumento incondicional deles e do imperialismo. Mas, surpreendentemente, d. Bartolomé afasta-se da oligarquia conservadora e toma algumas medidas que reduzem a ingerência *yankee* no país. Esse distancia-



mento chegou ao auge por ocasião das eleições previstas para 1924. Emiliano Chamorro, expressando a inesgotável sede de seu clã pelo grotesco poder títere, proclama sua candidatura e d. Bartolomé opõe-se rotundamente a apoiá-lo. Ao contrário, fazendo eco ao extenso descontentamento que prevalecia na Nicarágua, inclina-se a buscar uma fórmula de unidade nacional mais favorável ao país.

Com o respaldo de d. Bartolomé, chegou-se a uma integração de forças para as eleições de 1924, denominada “*Transacción*”. A “*Transacción*” incluía o conservador Carlos Solórzano e o liberal Juan B. Sacasa como candidatos à presidência e à vice-presidência, respectivamente. Chamorro utilizou todos os recursos de que dispunha para impor sua nomeação. O processo eleitoral foi sangrento, sendo mortas pelo menos 30 pessoas. Mas Chamorro não realizou seu desejo, e o governo passou às mãos da “*Transacción*”.

A “*Transacción*” assumiu o governo em 1º de janeiro de 1925. Dando continuidade à política de reduzir a ingerência estadunidense na Nicarágua, conseguiu que, em 3 de agosto de 1925, contingentes de fuzileiros navais abandonassem o país. Emiliano Chamorro estava longe de conformar-se com sua saída do governo e tornou clara a preocupação demonstrada pelo imperialismo frente às mudanças que se realizavam no país, lançando-se em um golpe militar contra o governo da “*Transacción*”; este golpe ficou conhecido como “El Lomazo”. Ocorreu em 25 de outubro de 1925 e viria a desencadear uma cadeia de males para a infelizmente Nicarágua.

Naquele momento, a sede do clã Chamorro de assumir diretamente o controle do governo não agradava plenamente ao imperialismo; assim, Emiliano Chamorro entrega o governo pacificamente a seu antigo associado em iniciativas vende-pátria: Adolfo Díaz, que, ao assumir o governo, escolheu para ministro de Relações Exteriores Carlos Cuadra Pasos.

O setor liberal defendia os interesses da atrofiada burguesia sob a hegemonia do setor conservador, parte da mais fechada oligarquia. Uma



vez dado o golpe de Chamorro contra Solórzano, o setor liberal conquistou a hegemonia reclamando para Juan B. Sacasa a chefia do governo, de acordo com a constituição vigente no momento do golpe.

Sacasa deixou o país, chegando a Puerto Cabezas em 30 de novembro de 1926 e proclamando-se em 2 de dezembro presidente constitucional da Nicarágua. Mas o governo dos Estados Unidos reconheceu como único governo o de seu títere, Adolfo Díaz.

A filiação liberal de Juan B. Sacasa era coisa de poucos anos atrás. Não é nada supérfluo esclarecer que procede do clã Sacasa que, durante o século 19, compartilhara com o clã Chamorro o domínio conservador do país. A nova posição do clã Sacasa obedecia ao inevitável dismantelamento do governo títere do conservador Díaz. O clã Sacasa adquiriu fama no país ao nadar sempre a favor da corrente diretamente favorecida pelo poder.

8

Augusto César Sandino, o operário de extração camponesa que, desde 26 de outubro de 1926, rebelara-se contra o governo imposto pela intervenção *yankee*, passou o ano seguinte combatendo frente a frente os invasores estadunidenses, os soldados da mais poderosa potência capitalista.

Sandino nasceu em 18 de maio de 1895 em Niquinohomo. Ganhou a vida desde a infância trabalhando no campo. Camponês de grande inteligência natural, vencendo a medieval opressão do meio, aprendeu a ler e a escrever. Em 1909, com 14 anos, já tinha conhecimento do aumento da ingerência *yankee* no país; Niquinohomo não fica longe da capital. Em 1912, nas proximidades dos campos lavrados por Sandino, travou-se o embate digirido por Zeledón contra o invasor. O ardente espírito do jovem Sandino não podia ficar indiferente a tais acontecimentos.

Ele não se sente tranqüilo em sua comarca; e como tantos milhares de filhos da Nicarágua dispõe-se a cruzar a fronteira, lamentando



deixar sua namorada, Soledad, em Niquinohomo, e a terra querida ocupada pelo louro invasor. Em 1921 sai, portanto, do país. Passa por vários pontos da América Central e do México, chegando ao território estadunidense. Mas a cidade que permite ao operário acumular alguns centavos de dólar não é o horizonte que procura. Volta ao México, que é o México dos anos de 1920, ainda cheirando a pólvora disparada pelos camponeses oprimidos encabeçados pelo guerrilheiro Emiliano Zapata.

Sandino voltou ao México, indo trabalhar em Cerro Azul, Veracruz, como operário mecânico, nas instalações da companhia petrolífera estrangeira Huasteca Petroleum Company.

À dolorosa lembrança dos ultrajes *yankees* em sua própria terra somou-se o sentimento da Veracruz mártir, que pouco antes, em 1914, sofrera a insolência armada *yankee*.

As rajadas do vento proletário do outubro bolchevique, já tênues ao chegar às distantes latitudes americanas, chegam a Veracruz, principal porto mexicano no Atlântico, perto do qual, em Cerro Azul, trabalha e sonha Sandino. Embora não se possa dizer que outubro tenha sido determinante no caminho que ele viria a escolher, é inegável que o espírito proletário, que, pela primeira vez, espalhou-se pelo planeta, perpassou seu sensível coração operário-camponês.

Tudo era propício para nutrir sua alma rebelde. E, em maio de 1926, desprezando o privilégio da comodidade que lhe permitia sua condição de operário qualificado, buscou o retorno à torturada terra natal, às vésperas de estourar na difícil busca da liberdade.

Desembarcou em Bluefields, Costa Atlântica, centro do movimento bélico antigovernista em incubação, mas não ficou ali, nem tampouco na região Sudoeste do país, onde nasceu e cresceu, instalando-se em uma região que ainda não ocupara o primeiro plano na violenta tradição nicaragüense: as Segovias, zona montanhosa ao Norte da Nicarágua.



Para familiarizar-se com a região, à qual vinha pela primeira vez, conseguiu colocação na extração aurífera San Albino, propriedade de estadunidenses. Depois de alguns meses, em companhia de outros trabalhadores, em 26 de outubro de 1926, subtraiu a dinamite dos depósitos da empresa e passou a lutar contra o regime vende-pátria estabelecido.

Os trabalhadores que o acompanhavam eram como ele, homens de procedência camponesa, atraídos pelo trabalho na crescente indústria extrativa de minerais. Pegavam em armas sem ter conhecido antes a organização sindical. Pode-se dizer que, no caso desses rebeldes, a motivação determinante foi a tradicional rebeldia popular do país.

Naquele dia decisivo, entre o punhado de companheiros de trabalho que o acompanharam, estavam: Roque Vargas, Ramón Uriarte, Agustín Tinoco, Rodolfo Sevilla, Porfirio Sánchez, Marcial Salas, Chalino Rugama, Heriberto Reyes, Ramón Raudales, Ferdinando Quintero, Jerônimo Polanco, Elías Pérez, Alejandro Pérez, Ismael Peralta, Juan Santos Morales, Rufo Marin, Sixto Maradiaga, Fernando Maradiaga, Coronado Maradiaga, Zacarías López, Reyes López, José Lagos, Tranquilino Jarquín, Pedro Antonio Irias, Sinforoso González, Santiago Dietrich, José León Díaz, Juan Gregório Colindres, Pedro Cabrera, Lorenzo Blandón, León Amador.

Aquele que seria conhecido como o general guerrilheiro Sandino descobriu, com seu gênio popular, alimentado por experiências de além-fronteiras, as diferentes vantagens que oferecia a zona das Segovias. Às montanhas que as caracterizam acrescentava-se um fator social: a crescente ameaça dos latifundiários cultivadores de café que, desde o ano de 1885, começaram a desenvolver esse tipo de cultivo na região. Por tradição, uma grande parte das montanhas segovianas fora refúgio dos antepassados indígenas.

Sandino instalou seu acampamento rebelde em Guazapo, no extremo Norte das Segovias. A rústica tropa teve o primeiro encontro com elementos do governo em San Fernando, no dia 2 de novembro



de 1926. As armas rudimentares com que contava Sandino obrigaram-no a empreender uma marcha até o distante Puerto Cabezas, no litoral Atlântico, onde estava situado o comando liberal, direção da guerra contra o governo conservador, e que se sabia dispor de armas modernas.

Sandino e seus companheiros percorreram mil quilômetros de rio e selva para ir e voltar à costa, onde permaneceram cerca de 40 dias. As pérfidas raposas do comando liberal, desconfiadas das idéias “estranhas” que percebem em Sandino, negaram-lhe armas e pretenderam obrigá-lo a desistir de operar no Norte. Mas Sandino, com a ajuda de algumas mulheres do porto, reuniu cerca de 40 armas, abandonadas por tropas do comando liberal que – obrigado pelos *marines yankees* – deixara o lugar, estabelecendo sua sede nada mais nada menos do que em terrenos da Bragman’s Bluff Lumber Company.

Sandino e seus companheiros chegaram de volta a Guazapo em 2 de fevereiro de 1927; improvisando-se como militares, realizaram então uma campanha – do Norte ao centro do país – que significou a vitória estratégica sobre as forças do governo antipopular. San Fernando, Yucapuca, um ponto entre Saraguasca e San Gabriel, San Ramón, Samulalí, Jinotega, Las Mercedes, foram alguns dos cenários dos decisivos combates de Sandino.

Na guerra, propriamente, não se enfrentavam apenas as forças do governo, mas também as forças *yankees* de ocupação, já que estas, ainda que no período a que nos referimos não combatessem abertamente, em troca ocupavam pela força determinadas áreas em diferentes pontos do país, o que evidentemente favorecia o governo.

Em 1926, atracaram em Puerto Cabezas os navios Denver e Cleveland. Nessa etapa, o território nicaragüense já estava de novo ocupado por importantes contingentes *yankees* que chegavam a cerca de 5 mil fuzileiros navais; além disso, o governo dos Estados Unidos forneceu ao títere da vez 3 mil rifles, 200 metralhadoras e 3 milhões de cartuchos. Naqueles anos, o controle de áreas não respeitou sequer



o recinto da Universidade de León, cujo instrumental de ensino fora destruído, nem tampouco a Catedral de León, o mais famoso templo da América Central; os dois lugares chegaram a ser transformados em rústicos quartéis *yankees*.

A coluna segoviana encabeçada por Augusto César Sandino chegou a ter cerca de 800 homens; muitos deles nem sempre dispunham de armas de fogo. Essa coluna marchava pelos caminhos com libertárias bandeiras pretas e vermelhas, ao contrário das demais forças do exército constitucionalista, que levantavam a bandeira vermelha do partido liberal.⁹ (...) Henry L. Stimson ocupara anteriormente, no gabinete de Taft, o cargo de secretário da Guerra; depois de sua missão na Nicarágua, foi governador das Filipinas e secretário de Estado no governo Hoover; quando ocorreu o bárbaro bombardeio atômico sobre Hiroshima e Nagasaki, Stimson era secretário da Guerra no gabinete de Truman.

No livro *American policy in Nicaragua (Política americana na Nicarágua)*, que Stimson publicou tempos depois de sua viagem à Nicarágua, afirma ainda mais explicitamente como foi no passado a política estadunidense para a Nicarágua:

(...) a única coisa que desejava era que reinasse a paz e a estabilidade, tanto política quanto econômica, com o propósito de não representar nunca um perigo para suas comunicações navais, presentes e futuras, que constituíam seu interesse mais vital.

Desde 1909, a rebelião contra a intervenção *yankee* foi crescendo ano após ano na pequena Nicarágua. Nos anos de 1926 e 1927, a resistência estendeu-se por todo o território nacional. A rebelião popular travou combates nos quatro cantos do território nacional, sendo a batalha fundamental decidida pela coluna sandinista.

Ao longo de todos aqueles anos, mais de 20 mil vidas foram sacrificadas, em um país que naquela época possuía uma população de apenas 638.119 habitantes.

⁹ Falta uma página no original. Nota do Instituto de Estudo do Sandinismo.



Entre os combatentes havia não apenas homens, aptos normalmente para a guerra, e mulheres, mas também meninos de 11 ou 12 anos, ao lado de velhos de cabeça branca.

Os pobres, os humildes, empunharam o fuzil em busca de justiça. Mas o comando do movimento rebelde estava repleto de indivíduos desprovidos de princípios e carregados de ambições mesquinhas: José María Moncada, Juan B. Sacasa.

9

Em 4 de maio de 1927, José María Moncada encontrou-se, sob o Espino Negro de Tipitapa, com Henry L. Stimson, representante do império *yankee*. Sob o Espino Negro, o traidor, o novo vende-pátria Moncada, vendeu as armas rebeldes a Stimson. Seria 4 de maio o dia da traição? Antes de responder a essa pergunta, vejamos primeiro algumas questões.

Em 6 de janeiro de 1927 desembarcaram no porto nicaraguense de Corinto 16 navios de guerra com 3.900 soldados, 215 oficiais e 865 *marines*. Em fevereiro, o número chegou a 5.400 estadunidenses.

Meses antes, Lawrence Dennis, encarregado estadunidense de negócios na Nicarágua, dissera:

Aqui pensam muitas vezes que viemos para servir os interesses de uns contra os outros, mas enganam-se, servimos apenas nossos interesses.

A isso é preciso acrescentar que os latifundiários e os maiores comerciantes apoiavam Díaz, Chamorro, Moncada, Sacasa.

Vejamos ainda uma questão: o moderado autor estadunidense David R. Moore escreveu:

Desde o princípio do século 20, os Estados Unidos vêm intervindo cada vez mais na vida dos países do Caribe.

Essa intervenção foi geralmente de caráter econômico, mas não poucas vezes assumiu um caráter militar e político. Em nenhum lugar, essa intervenção foi maior do que na Nicarágua, que chegou a se transformar em um protetorado estadunidense de fato, senão de direito.



O mesmo Moore diz: “Dos países ao norte do Panamá, o que (...) mais sofreu as intervenções estadunidenses foi a Nicarágua”.

Será 4 de maio o dia da traição?

A resposta do operário-camponês Augusto César Sandino, o mais preclaro filho do povo nicaragüense, é a seguinte:

Quatro de maio (...) é festa nacional, porque foi nesse dia que a Nicarágua provou aos olhos do mundo que sua honra nacional não se humilha, que lhe restavam ainda filhos que, com seu sangue, lavariam a mancha dos demais.

Essas palavras de Sandino foram respaldadas por ele com a ação correspondente.

O herói nicaragüense, sem dúvida, expressou a indignação da multidão popular do país que, fazendo grandes sacrifícios ano após ano durante mais de um século, sofrera enganos e mais enganos, traições e mais traições.

A traição do Espino Negro sepultaria como classe revolucionária a burguesia nacional da Nicarágua, que optou por se associar às classes feudais e reacionárias, fundindo-se indissolivelmente com elas. Daí em diante, mais do que nunca, justificar-se-ia o ditado popular: “cinco oligarcas conservadores mais cinco oligarcas liberais somam dez bandoleiros”.

É justo afirmar que o oferecimento de dez dólares por arma aos rebeldes que as tinham conquistado com risco de vida causou indignação e, além de Sandino, que continuou de armas na mão, muitos recusaram ser vítimas da enorme humilhação que teve como cenário “Las Banderas”, a 48 quilômetros de Manágua.

Sandino não apenas enfrentou a força da maior potência imperialista, não apenas enfrentou a perfídia dos oligarcas vende-pátria. Enquanto a indignação se espalhava entre a massa popular, a traição dos chefes liberais trazia confusão.

Não devemos nos esquecer que os conservadores vende-pátria ainda eram referência para um setor popular.



Consciência de classe, propriamente, não existia. Até aquela época, a única referência de batalhas classistas importantes era uma greve espontânea e misteriosa nos anos de 1920, nas plantações do Atlântico, contra as companhias recém-chegadas.

Não há dúvida de que apenas a rebeldia, órfã de noção consciente, era o que jazia na alma do povo nicaragüense.

Naquele tempo havia trevas na mente da multidão popular; mas havia ira no coração dos rebeldes, traídos no Espino Negro. Sandino que, como peregrino em outras terras, pudera acolher em Cerro Azul o ideal proletário vindo de longe, foi o catalisador dessa ira.

Vale especificar a conjunção de fatores que estiveram na raiz da epopéia que nasceu no 4 de maio sandinista. Deve-se insistir na cobiça *yankee* sobre a geografia nicaragüense, cujo alcance é destacado em outra parte destas notas.

É preciso acrescentar também que a agressão *yankee* defrontou-se com um povo que não interrompera sua tradição de rebeldia por cem anos consecutivos.

A nobreza desse povo contrastava guia a desmedida falta de vergonha dos oligarcas que tinham como guia apenas seus interesses mesquinhos. Intervenção estrangeira e traição oligárquica viram-se diante do espírito ofendido do filho de um povo sacrificado sem cessar no decorrer de cem anos de violências e anseios.

Indiquemos um fato que dá idéia da ampla proporção da inconformidade entre os rebeldes com a traição do Espino Negro. No extremo ocidental do país, em Chinandega, houve um guerrilheiro, o peão agrícola Francisco Sequeira, transformado no chefe rebelde Pancho Cabulla, sem vínculos diretos com Sandino que, além de se negar a entregar as armas, voltou-as contra o invasor. Pagaria sua ousadia: foi assassinado pelos soldados *yankees*, no povoado de El Viejo, junto com sua companheira Concha Alday, que estava grávida.



Enquanto isso, Sandino percebia a dificuldade do épico empreendimento que tinha diante de si. O veterano sandinista Santos López lembra que, ao falar à tropa, Sandino explicava:

Que a partir desse momento, os pintassilgos e todas as aves (...) seriam os cantos que nos acompanhariam em nossa vida pelas montanhas.

Depois do dia 4, depois de evitar um confronto imediato que não teria sido vantajoso, Sandino deslocou-se em direção ao norte, para Jinotega, até chegar a San Rafael del Norte. Já escondera algumas armas na montanha. Precisava dos combatentes mais decididos e, de acordo com suas exigências, dispôs-se a licenciar muitos homens. Entre as centenas de veteranos curtidos nas lutas que acabavam de travar-se, fez uma rigorosa seleção, reunindo um grupo de combatentes que não chegava a 30 homens.

No dia 12 de maio, de Yalí, departamento de Jinotega, pôde lançar sua declaração de guerra patriótica:

Não estou disposto a entregar minhas armas caso todos o façam (...) Far-me-ei matar com os poucos que me acompanham porque é preferível morrer como rebeldes do que viver como escravos.

De Yalí passou a San Rafael del Norte, onde casou-se com a jovem segoviana Blanca Aráuz. Uma vez realizada a cerimônia matrimonial, partiu para as montanhas, deixando, datada do dia 19, uma declaração em que se vê sua consciência quanto à infinidade de adversidades que seu desafio acarretaria, adversidades estas que não o fizeram vacilar um só instante. Disse ele:

Não me importa que o mundo caia em cima de mim; cumprimos um dever sagrado. Por tudo o que foi dito protestarei por minha própria conta, se não houver quem me acompanhe.

No “Manifesto de El Mineral San Albino”, o primeiro com caráter de manifesto, datado de 10 de julho, fala não apenas o patriota, mas também o proletário em armas. Reproduzimos a seguir alguns parágrafos:

O homem que de sua pátria não (nem sequer) exige um palmo de terra para sua sepultura, merece ser ouvido, e não apenas ser ouvido, como também





acreditado. Sou nicaragüense e me sinto orgulhoso de que em minhas veias circule, mais do que qualquer (outro), o sangue índio americano, que por atavismo encerra o mistério de ser patriota leal e sincero; (...).

Sou trabalhador da cidade, artesão como se diz neste país, mas meu ideal campeia em um amplo horizonte de internacionalismo, no direito de ser livre e de exigir justiça, ainda que para alcançar esse estado de perfeição seja necessário derramar o próprio e o sangue alheio. Que sou plebeu dirão os oligarcas, ou seja, os gansos do lamaçal. Não importa: minha maior honra é provir do seio dos oprimidos, que são a alma e os nervos da raça. (...)

Os grandes dirão que sou pequeno demais para a obra que empreendi, mas minha insignificância é sobrepujada pela altivez de meu coração de patriota. E assim, juro diante da pátria e diante da história que minha espada defenderá o decoro nacional e será redenção para os oprimidos. (...)

Venha, bando de morfinômanos; venham assassinar-nos em nossa própria terra, que eu os espero de pé, firmemente, à frente de meus soldados patriotas, sem me importar com o seu número: mas tenham claro que, quando isso acontecer, a destruição de sua grandeza trepidará no Capitólio de Washington e seu sangue enrubescerá a esfera branca que coroa sua famosa Casa Branca, antro em que maquinam seus crimes.

A propósito dos documentos assinados por Sandino, deve-se recordar a observação daqueles que o conheceram pessoalmente; segundo eles, Sandino “não assinava palavra que não houvesse ditado”. Por outro lado, como se verá, o espírito proletário tem uma unidade coerente nos documentos de Sandino, no decorrer do tempo em que transcorreu sua ação histórica.

Enquanto Sandino alistava seus valentes para lançar-se à batalha tão desigual, o governo antipopular de Díaz permanecia mais alguns meses, sendo depois transferido a Moncada, como pagamento por sua traição.

Stimson deixou a Nicarágua em 16 de maio no encorajado Preston, não sem antes receber um título honorário da Universidade de Granada. No mesmo mês de maio, o governo dos Estados Unidos cobrou de seus títeres na Nicarágua, em inacreditável pose de víti-





ma, 8 milhões de dólares, a título de danos sofridos na revolta pelos estadunidenses.

Em 12 de julho de 1927, o comandante *yankee* Hatfield, encarregado da praça de Ocotal, enviou um *ultimatum* a Sandino, que respondeu no dia seguinte, nestes termos:

Acampamento de El Chipote, via San Fernando

Ao capitão G. D. Hatfield. El Ocotal.

Recebi seu comunicado ontem e estou ciente dele. Não vou me render e aqui os espero. Quero pátria livre ou morrer. Não tenho medo de vocês; conto com o ardor do patriotismo dos que me acompanham.

Pátria e Liberdade.

A. C. Sandino

O combate de El Ocotal, travado em 16 de julho, foi o primeiro da nova jornada. Os patriotas enfrentaram, com 60 homens armados, um inimigo não apenas mais numeroso, mas que também, já desta vez, utilizava aviões; ainda que tenha sido impossível apoderar-se daquela praça, e seja discutível o êxito militar-tático, houve algumas recuperações de armas, além do apelo à resistência que essa ação representou. No combate, que durou 15 horas, a coluna patriótica utilizou como método fazer-se acompanhar de camponeses sem armas de fogo, que tinham por missão expropriar os comerciantes e latifundiários residentes na localidade. No combate de El Ocotal perdeu-se Rufo Marin Bellorini, chefe do Estado-maior da força patriótica. De acordo com o testemunho de Sandino, sabe-se, e não apenas por isso, mas também pela boca do inimigo, do heroísmo com que caiu o coronel Rufo Marin, que, no momento de morrer, além de sua arma, carregava uma bandeira da Nicarágua frente à qual exclamou: “Digam ao general Sandino que morro como queria: lutando contra os *yankees*.”

10

Vejamos alguns dados com relação à força material utilizada pelo imperialismo *yankee* no vão intento de aniquilar os patriotas nicara-



güenses em uma guerra que se prolongaria por vários anos. Até 1º de fevereiro de 1928, 4 mil *marines* dispuseram dos seguintes tipos de aviões: 6 aparelhos Dehavilland para lançamento de bombas, 6 hidroplanos anfíbios, 6 de observação, 3 Fokker para transporte e 6 do tipo Curtis Fallon.

Em 4 de janeiro de 1928, partiam de Boston para a Nicarágua o cruzado Raleigh, os destróieres McFarland, Preston, Putman Pauling e o transporte Ogalaga. No mesmo ano de 1928, chegaram ao país 14 navios de guerra, 5.365 *marines* e 465 oficiais de marinha. No final de 1928, não havia menos de 5 mil *marines* na Nicarágua.

Nos primeiros meses daquele ano, Sandino referia-se à correlação de forças entre seu destacamento popular e os invasores:

Nosso inimigo disse que logo deveremos nos render porque nos faltam víveres e equipamentos; esquece que o povo nos dará de comer e esquece, também, que ele próprio tem fuzis e munições.

Embora o entusiasmo de Sandino jamais tenha diminuído, não ocultava a dificuldade da situação, particularmente na primeira etapa. Dias depois do combate de Ocotal, escreveu as seguintes palavras:

A luta encarniçada continuou e houve altos e baixos. Vencemos e nos venceram.

San Fernando e El Jícaro foram encontros dos primeiros tempos da campanha cujo resultado foi adverso aos patriotas.

O destacamento guerrilheiro subsistia, apesar da ofensiva invasora. Em 25 de janeiro de 1928 o general Lejeune, antes de partir da Nicarágua, declarou:

A viagem de hoje proporcionou-me a oportunidade de perceber mais exatamente as enormes dificuldades que as tropas que operam nesse lugar têm que superar. Tais dificuldades consistem principalmente na distância em que se encontram de sua base, na falta de caminhos, na dificuldade e na demora para levar abastecimento, e na própria natureza do terreno, que é montanhoso e coberto de espessa vegetação; não existe nenhum trecho do caminho a percorrer onde se possa dizer que os soldados estão completamente livres de



um ataque. Existem, além disso, numerosas trilhas, por onde as pessoas que conhecem a região podem se deslocar de um ponto a outro com rapidez.

A vantagem representada pelo agreste das montanhas para enfrentar a superioridade material do inimigo era um assunto sobre o qual os guerrilheiros tinham clara compreensão. Quarenta anos depois daquela jornada, ouvem-se ainda veteranos sandinistas dizerem:

a montanha não entrega ninguém.

Os guerrilheiros procediam da população camponesa da região; por isso tinham um domínio absoluto do terreno. A essa vantagem uniam a colaboração dada às colunas guerrilheiras pela população rural. Essa colaboração não se limitava a trazer combatentes para as colunas, mas incluía também o repasse de informações aos guerrilheiros acerca dos movimentos do inimigo.

Justo renome alcançou o que se denominava “espionagem”, ou seja, a densa rede de postos por meio dos quais fazia-se chegar a informação necessária aos guerrilheiros. Dessa maneira, o invasor e os “cães” (“cães” era a abreviação de “cães traidores”, denominação que os guerrilheiros davam aos indivíduos nascidos no país, que vestiam o uniforme mercenário) viam um inimigo em cada camponês. Ser camponês nas Segovias sandinistas constituía, naqueles anos, para o invasor, um delito.

Proteger as massas do perigo da delação daqueles que se prestavam a colaborar com o inimigo significou uma tarefa importante para os guerrilheiros sandinistas, que, por conseguinte, foram severíssimos com aqueles que ajudavam o invasor. Os latifundiários traidores que conseguiam escapar da justiça guerrilheira eram castigados com a destruição de suas culturas e dos bens que possuíam em suas fazendas. Essa severidade dos sandinistas infundia confiança na população camponesa amiga.

Os camponeses locais, quando se referiam a seus queridos guerrilheiros, chamavam-nos “os meninos”, em contraposição à denominação “os bandoleiros”, com que designavam o invasor e seus cães.



Por seu lado, os combatentes do exército guerrilheiro chamavam-se uns aos outros de “irmão”.

Outra forma utilizada pelos sandinistas para fortalecer o apoio que os moradores camponeses lhes davam consistia em distribuir entre eles os alimentos, animais, roupa, calçado, remédios, ferramentas etc., que expropriavam dos ricos hostis nas regiões guerrilheiras. Como já se viu quando falamos da batalha de Ocotal, não apenas o resultado das expropriações era distribuído entre os camponeses, mas também estes eram levados a participar do ato de expropriação.

Essa prática chegou a ser tão importante para garantir o apoio de que os guerrilheiros necessitavam por parte da população camponesa que, durante o período que durou a guerra, e quando evidentemente apresentavam-se dificuldades especiais para as guerrilhas, Sandino assinou uma ordem dirigida a todos os chefes expedicionários na qual especificava que deveria ser considerado um delito o fato de que determinadas pessoas do campo se negassem a aceitar o que fosse distribuído pelos guerrilheiros.

Essa distribuição de bens materiais mostrou-se plenamente justificada, dado o extremo atraso político da massa da população em que se viu obrigado a operar o exército guerrilheiro.

Excepcionalmente, uns quantos latifundiários e comerciantes transigiam com os guerrilheiros e concordavam em cancelar impostos para o comando sandinista em troca de que lhes permitissem desenvolver normalmente suas atividades; confirma isso uma nota assinada pelo guerrilheiro Marcial Rivera.

A vigilância constante foi uma das práticas utilizadas com o máximo rigor pelos guerrilheiros nicaragüenses. A diferentes distâncias dos acampamentos colocavam-se postos de observação. Essas distâncias variavam desde meia hora de caminhada até um ou mais dias. Cumprir corretamente a missão de manter um posto era um dever cuja infração era castigada com a morte na primeira reincidência.



Os guerrilheiros combateram durante anos, suportando todo tipo de privações. Os soldados de Sandino, que o inimigo invasor, os vende-pátria e sua imprensa qualificavam de “bandoleiros”, em sua marcha pela selva estavam cobertos de farrapos, em trapos, como se diz no campo nicaragüense.

Muitas vezes a defesa contra o frio dos cumes das Segovias era apenas o cobertor formado com pilhas de folhas de bananeira, como relata em suas memórias o companheiro Santos López.

11

O jornalista estadunidense Carleton Beals fez uma viagem em 29 de março de 1928 aos acampamentos de Sandino. Nas reportagens que publicou refuta as mentiras que a propaganda paga em dólar lançava contra os guerrilheiros nicaragüenses; fala de um guerrilheiro cuja camisa “caía aos pedaços” e cujos “pés descalços estavam metidos em estribos feitos de madeira amarrada com tiras de couro cru, enquanto a sela reduzia-se a alguns sacos sobrepostos”.

Em fevereiro de 1933, o jornalista Carlos Hernández Salinas, de Manágua, visitou os guerrilheiros em San Rafael del Norte, tendo escrito depois que “suas roupas eram andrajos”.

Frente à escassez de alimentos, os guerrilheiros remediavam a fome com caracóis que tiravam das quebradas da montanha e também com palmito, cerne de uma palmeira que se encontra na mata da montanha.

A extrema escassez de sal foi uma das maiores privações da jornada. Quando, em fevereiro de 1933, depois das conversações de “paz” realizadas, Sandino pôde estabelecer contato aberto com a cidade, e lhe perguntaram quais as suas necessidades materiais, respondeu: “Só peço 25 quintais de sal.”

Semelhantes limitações materiais das colunas guerrilheiras obrigaram-nas a expropriar pessoas com grandes recursos materiais. Um caso muito conhecido foi a prisão imposta pelo chefe Umanzor,



em 1932, ao jovem rico de León, Enrique Sánchez, enquanto não entregasse determinada soma em dinheiro à guerrilha, o que Sánchez não tardou a fazer, recuperando sua liberdade.

Apesar dos precários recursos materiais, os sandinistas não se desesperavam; a honestidade de Sandino contrastava com o vandalismo do invasor. Em uma ocasião, depois da vitória de El Bramadero, os sandinistas recuperaram de uma mochila *yankee* uma custódia de ouro que um invasor subtraía da igreja de Yalí; os sandinistas devolveram a custódia ao templo.

As mulheres camponesas tiveram uma participação relevante, não apenas em tarefas auxiliares da guerrilha, mas também como combatentes. Santos López lembra a integridade dessas mulheres, marchando cheias de cansaço pelas veredas, com filhos pequenos às costas. As mulheres, além de trabalhar na preparação da comida, cuidavam dos feridos e dos doentes, na falta de médicos profissionais de que sempre careceram os sandinistas.

Embora os guerrilheiros lutassem com as armas que obtinham no combate com o invasor, também fabricavam determinadas armas com meios rudimentares, tornando mais viável a resistência. Com a dinamite que extraíam das minas elaboravam granadas ou bombas rudimentares. Para tanto, introduziam a dinamite seja nas latas vazias de sardinha que os *marines* abandonavam, seja em tiras de couro que conseguiam na região; agregavam à dinamite pedaços de prego ou sucata.

Como é de se supor, careciam de munição, vendo-se obrigados algumas vezes a organizar emboscadas dispondo de um único tiro, ou empregando exclusivamente granadas rudimentares.

Da mesma forma, faziam uso de métodos engenhosos para burlar a superioridade militar inimiga. Vale lembrar os bonecos de capim que os sandinistas colocaram no monte El Chipote, com o objetivo de distrair a atenção dos aviões *yankees*: enquanto esses aviões bombardeavam o local em que estavam os bonecos, os guerrilheiros podiam retirar-se na direção oposta.



Entre as armas que, como se sabe, existiram no variado arsenal guerrilheiro, encontravam-se os seguintes modelos, mencionados pela ordem de freqüência: rifles Krag, Concón (do nome do barco que levou armas aos rebeldes na etapa da guerra civil), Infume, Winchester, Springfield, metralhadoras Thompson e Browning, espingardas de socar, metralhadoras Lewis; chegaram a dispor de um pequeno canhão, que chamavam de La Chula.

No abrupto morro El Chipote deu-se início às práticas de treinamento guerrilheiro dos recrutas. Quando se intensificou o assédio *yankee* àquele morro, o acampamento central foi instalado no monte Oconguás.

Outro acampamento utilizado foi o que chamaram de La Chispa. O nome que o acampamento central recebeu de Sandino foi Luz e Sombra. Os acampamentos das distintas colunas comunicavam-se entre si por meio de picadas ou trilhas secretas, traçadas sigilosamente pelos próprios guerrilheiros.

Na etapa inicial, por volta do mês de setembro de 1927, os sandinistas foram distribuídos por sua chefia pelas quatro seguintes zonas: Pueblo Nuevo, Somoto Grande, Quilalí e Ocotal, zonas que abarcavam uma região cujos pontos extremos distavam menos de 50 quilômetros.

A região abrangida por tais zonas cresceu gradualmente até se multiplicar e compreender, em 1932, a maior parte do território da Nicarágua, chegando a cobrir a zona de operações regionais rurais da Costa Atlântica, Chontales, Matagalpa, Jinotega, Nueva Segovia, Estelí, Manágua, Chinandega e León. Durante certo tempo, uma coluna operou no extremo Sul ocidental do país, no departamento de Rivas.

A emboscada representou a tática mais generalizada para estabelecer contato com a força armada do invasor e seus “cães”. Como lembra Santos López, a emboscada era executada da seguinte forma:

Deixávamos que penetrassem dois dias na montanha. Ali os atacávamos; os *yankees* retrocediam e, em seu retrocesso, eram atacados; eram atacados



em vários lugares ao longo do percurso, na entrada e na saída. Não tinham outro remédio senão retroceder, com baixas e feridos.

Segundo relatórios do comando militar *yankee*, os sandinistas, até o ano de 1932, chegaram a travar não menos de 515 enfrentamentos com o inimigo. Essa conta não inclui os contatos ocorridos antes de 4 de maio de 1927, nem os que foram mantidos contra a GN (Guarda Nacional), uma vez expulsos os intervencionistas.

O território que chegaram a cobrir tinha um perímetro de mais de mil quilômetros, sendo seus pontos extremos no Ocidente, Chichigalpa, no Sul, San Francisco del Carnicero e Santo Domingo de Chontales, no Leste, Puerto Cabezas e Cabo Gracias a Dios, e no Norte, quase toda a longa linha fronteira com Honduras; à mina La Luz, no coração da mata atlântica, os guerrilheiros chegaram dirigidos por Sandino em uma marcha que durou 23 dias.

Entre os combates mais conhecidos estão: Achupa, Algobia, Blandón, Carbonal, Corral Falso, Chagüintillo, Chichigalpa, Chipote, El Bramadero, El Embocadero, El Espino, El Potrero, San Francisco del Carnicero, San Isidro, El Júcaro, Las Banderas, La Conchita, Las Cruces, La Paz, La Puerta, Los Bellorín, Los Leones, Macuelizo, Mozonte, Murra, Palacagüina, Piedra Larga, Plan Grande, La Pelona, Portal, Pueblo Nuevo, Punta Rieles, Quilalí, Quisalaya, Santa Isabel, Santa Rita, Santa Rosa, San Fernando, San Lucas, San Rafael, Somoto Grande, Somoto, Telpaneca, Trincheras, La Tronca, El Varillal, Zapotillal.

Os golpes dos sandinistas contra o inimigo não se limitaram à força terrestre; com sua pontaria certa, também fizeram precipitar-se na mata mais de um avião da força armada aérea estadunidense, que estreava então sua prática de bombardeios criminosos sobre a população civil de um pequeno país agredido.

Um dado que mostra as grandes limitações do conhecimento da epopéia sandinista é que as obras mais divulgadas sobre ela nem sequer mencionam o chefe guerrilheiro Miguel Angel Ortey y Guillén,



o jovem combatente sandinista que nos informes militares *yankees* é qualificado como “o mais agressivo líder bandoleiro”.

O chefe Ortez, que no início de sua ação ostentava uma longa cabeleira castanha, morreu em Palacagüina, em 14 de maio de 1931, “lutando mano a mano”, como dizem os versos do solitário poeta popular nicaragüense Manolo Cuadra:

Murió em Palacagüina peleando mano a mano
Bajó desde las nubes más de algún aeroplano,
Y tuvo en la cruzada homéricos arranques.
Usaba desde niño pantalones de hombre
Y aún hecho ya polvo, al recordar su nombre,
Se meaban de pánico los yanquis

Quando o chefe Ortez caiu, fora morto, há poucos dias, perto de Puerto Cabezas, o chefe Pedro Blandón. Em função da queda de ambos, Sandino escreveu, em carta dirigida a vários combatentes:

Meus queridos irmãos:

Terrivelmente impressionados ficamos ao receber a fatal notícia de ter sucumbido no combate de Palacagüina nosso queridíssimo irmão e glorioso general Miguel Angel Ortez y Guillén.

Também foi terrível e surpreendente para nós a morte de nosso outro querido irmão, general Pedro Blandón.

Nossos corações sentem-se embargados de pesar e em meio ao pesar ocorrem-nos ondas de cólera maior contra o inimigo.

O combate em que foi imolado o chefe Ortez foi cenário de um gesto de fraternidade com o companheiro caído que revela a estreita solidariedade que unia os guerrilheiros sandinistas. Os sobreviventes carregaram durante um longo trecho o cadáver de Ortez, com a finalidade de impedir que fosse profanado pelo invasor e seus “cães”.

Digno par de Miguel Angel Ortez foi o chefe Pedro Altamirano, “Pedrão” para os *yankees* e “cães”, que consideravam Altamirano um inimigo implacável e indomável. A propaganda vende-pátria forjou



uma lenda negra sobre a “crueldade” do chefe Altamirano. Uma lenda idiota, pois os demais chefes sandinistas não foram menos severos que Altamirano. A lenda citada tem uma explicação: apenas Altamirano teve a oportunidade de baixar seu braço vingador sobre os vermes burgueses da cidade, vendidos aos profanadores da soberania da pátria.

Pouco se sabe sobre as atrocidades de que foram vítimas, por parte dos *yankees*, os familiares de Altamirano. Conta-se que, quando se aproximava o bando de *yankees* da choça que habitavam, um *yankee* exclamou, ao ver uma jovem camponesa:

- Filha do “bandoleiro” Pedrão? – ao que a camponesa respondeu:
- Filha do general Pedro Altamirano, macho filho-da-puta.

Acompanhavam Altamirano na campanha, na qualidade de combatentes, sua esposa María Altamirano, e seus filhos Melesio e Pedro. Em uma carta com uma ordem guerrilheira dirigida à corajosa esposa de Altamirano, Sandino, dá-lhe o seguinte tratamento: “Minha mui distinta dona María”.

Tomayunca, Mancotal, Santo Domingo, Chagüiton, foram lugares que conheceram as infatigáveis marchas de Altamirano. “Coluna do Esquecimento” era o nome pelo qual era conhecida entre os guerrilheiros essa coluna, evidentemente devido aos remotos lugares em que se embrenhava. Um dos acampamentos freqüentados por Altamirano situava-se em El Garrobo.

Embora a guerrilha sandinista tivesse uma composição quase totalmente rural, e a organização popular das pequenas cidades nicaraguenses fosse extremamente precária, houve exceções: pessoas de procedência urbana vestiram os honrosos andrajos guerrilheiros. Um exemplo é o jovem estudante Octavio Oviedo, que caiu lutando, em 21 de abril de 1932, no combate de Quisalaya.

Outros chefes sandinistas que tiveram uma atuação destacada na epopéia guerrilheira foram: Francisco Estrada, Juan Pablo Umazor, Juan Gregorio Colindres, Simón Gonzalez, José León Díaz, Ismael



Peralta, Pedro Antonio Irías, Carlos Salgado, Ramón Raudales, Abraham Rivera, Santos López, Marcial Salas, Santiago Dietrich, Heriberto Reyes, Juan Santos Morales.

Uma unidade combatente que se cobriu de glória foi a chamada “Coro de Anjos”, nome oriundo da pouca idade de seus integrantes. Quem passava pelas duras provas a que eram submetidos os combatentes que formavam parte dessa unidade era selecionado para cumprir as missões mais difíceis. O pelotão era composto por cerca de 50 jovens que no momento do combate dividiam-se em três grupos, chefiados usualmente por Ferdinando Quintero, José León Díaz e Juan Agustín Tinoco.

Um aspecto que quase nunca é mencionado do processo guerrilheiro da Nicarágua é a sublevação das bases de umas poucas unidades contra os comandos *yankees*. Os soldados nativos mercenários, alistados na Guarda Nacional, eram objeto de todo tipo de vexames por parte da despótica oficialidade *yankee*. É preciso considerar que, por um tempo, os oficiais inimigos eram exclusivamente de nacionalidade estadunidense. A qualidade moral desses *yankees* pode ser deduzida considerando-se que, entre os que saíram vivos, houve alguns que passaram a fazer parte, ou se reintegraram, a bandos de delinquentes, quando voltaram aos Estados Unidos.

Entre os casos mais conhecidos de levantes, estão os ocorridos nas guarnições de Quisalaya, Quilalí e Telpaneca. Em tais ocasiões, os subalternos nicaraguenses voltaram as armas contra os chefes *yankees* e vários dos sublevados, passaram a fazer parte das colunas patrióticas.

A impotência do invasor para aniquilar os imbatíveis labregos levava-o a exercer seu ódio contra os moradores indefesos. Ganham fama por seus crimes covardes chacais como William A. Lee, McDonald, Pullers.

Duas gerações de jovens camponeses das Segovias sabem, pela voz de seus pais e avós, de “machos” que jogavam para o alto crianças de poucos anos para que caíssem nas pontas das afiadas





baionetas; depois, jogavam a vítima de novo para o ar, para que caísse na baioneta de outro facínora, e assim, mais uma vez, continuando o jogo macabro. E contam de *yankees* que se lançavam sobre as crianças camponesas, pegando-as pelas pernas, abrindo-as e esartejando-as.

Houve casos de membros das guerrilhas que foram fuzilados pelo chumbo inimigo, e seus corpos deixados sem sepultura, para que fossem pasto das aves de rapina; o que, no entanto os favoreceu, porque as descargas, por obra do acaso, não foram mortais, voltando as vítimas às colunas combatentes. Exemplo disso foi o sandinista Luís Rubén Aráuz, irmão de dona Blanca Aráuz de Sandino, que recebeu uma descarga no rosto que só atravessou seu maxilar; tendo caído, desmaiado, recobrou os sentidos depois, juntando-se de novo a seus companheiros.

Uma tenebrosa invenção dos assassinos *yankees* foi o denominado “corte de colete”, que consistia em arrancar a vida das vítimas que caíam nas mãos de *yankees* e “cães” pelo corte de cabeça e braços. Aos guerrilheiros, defensores de sua própria casa, não restava outro remédio senão pagar com igual moeda tais barbaridades.

Não houve terror capaz de fazer fraquejar o moral dos humildes guardiões da dignidade nacional. A alegria e o fervor patriótico dos guerrilheiros expressavam-se nas canções simples, que Tranquilino Jarquín ou Pedro Cabrera, com música de “Adelita”, cantavam ao violão nos acampamentos:

Compañeros patriotas hermanos:
No desmayen jamás em su valor
Que si morimos en defensa de nuestra patria
Quedará en la historia que hemos muerto con honor.

12

Enquanto os guerrilheiros sandinistas mantinham controlado o invasor nas montanhas, os oligarcas dos dois lados iam se acertando





para compartilhar a herança do governo títere. No Espino Negro, o controle da camarilha liberal fora reservado a José María Moncada. Ao vender-se a Stimson, Moncada ganhara a chefia do governo, por meio da farsa eleitoral realizada em 1928.

Como se pode ver, a candidatura de Moncada significava a eliminação de Sacasa, descartando-se sua proclamação a presidente constitucional. O golpe nas ambições pessoais de Sacasa quanto à ilusão na presidência não o levou a romper com Moncada. Conformou-se com a ilusão da presidência que poderia surgir de uma farsa eleitoral posterior à anunciada para 1928.

Uma medida importante tomada de comum acordo pelos grupos oligarcas liberal e conservador ocorreu em 22 de dezembro de 1927. Naquela data, as duas camarilhas aceitaram a imposição *yankée* de criar uma força armada mercenária, praticamente um exército regular de ocupação, que foi denominado Guarda Nacional.

A missão imediata dessa Guarda Nacional era perseguir os patriotas comandados por Sandino. Durante a primeira etapa de sua atividade, essa força contou exclusivamente com oficialidade estadunidense.

Moncada foi imposto como chefe de governo por meio da farsa eleitoral realizada em 4 de novembro de 1928. As mesas foram presididas diretamente por 432 suboficiais e 45 oficiais estadunidenses. Figurava como presidente da comissão eleitoral nacional o general Frank Ross McCoy.

A bordo do navio Maryland, de passagem pelo porto nicaragüense de Corinto, o presidente estadunidense Hoover reuniu-se, em 27 de novembro de 1928, com o liberal José María Moncada e com os conservadores Emiliano Chamorro e Adolfo Díaz. Na ocasião, o presidente Hoover disse:

Sinto-me altamente honrado porque nesta ocasião foram-me dadas as boas-vindas, não apenas pelo presidente da Nicarágua, como também pelo senhor presidente eleito e por um ex-presidente. Por representarem





os partidos políticos da Nicarágua que, nos últimos tempos, estiveram em conflito, esta ocasião adquire um interesse extraordinário. Representa a consolidação das forças e da paz internas. Demonstra que a difícil crise nacional, em que meu próprio país esteve interessado, chegou agora a um patamar de conciliação que merece a mais profunda gratidão de todos os nossos povos e pela qual desejo felicitar os dirigentes da nação nicaragüense.

Essa reunião deve ser mencionada como um antecedente, para explicar a articulação aberta entre as duas camarilhas políticas do país, que se prolongaria posteriormente por várias décadas.

Moncada recebeu a sua faixa presidencial em 1º de janeiro de 1929. A partir de então, a camarilha liberal passa a ter a hegemonia local no novo regime antipopular imposto ao povo da Nicarágua. Naquele momento ocorria uma disputa pessoal no campo liberal, visto que Sacasa não teria paz enquanto não ocupasse a chefia do governo.

No entanto, desde 1º de janeiro de 1929, a facção encabeçada no momento por Moncada levaria, como se verá, um longo tempo para vencer, alcançando o domínio absoluto da camarilha liberal. Já nos anos do período de Moncada, apareceu em seu gabinete um nome que adquiriria muita notoriedade no futuro: Anastácio Somoza García, sobrinho de Moncada.

Moncada colocou Anastácio Somoza no segundo cargo da hierarquia e depois como titular de relações exteriores; mas, principalmente, em 1932, de acordo com o comando *yankee*, nomeou-o chefe da Guarda Nacional, ao final do período; Somoza substituíu, assim, os chefes *yankees* intervencionistas.

Juan B. Sacasa, aceitando a traição de Espino Negro, foi designado por Moncada, em 5 de janeiro de 1929, representante de seu governo nos Estados Unidos. Em Washington, Sacasa relacionava-se com um indivíduo familiarizado com a Nicarágua: Henry L. Stimson, secretário de Estado no novo governo de Hoover.





Uma vez consumada a comédia que declarou Moncada presidente, Logan Feland, general brigadeiro do U.S. Marine Corps, comandante das U. S. Forces Ashore na Nicarágua, fez chegar a Sandino um comunicado assinado pelo almirante D. F. Sellers, Rear Admiral U. S. Navy Commander Special Service Squadron, que diz, em um de seus parágrafos:

Corinto, 4 de dezembro de 1928. Comando de Esquadra do Serviço Especial dos Estados Unidos. Navio insígnia da Marinha dos Estados Unidos Rochester.

general Augusto César Sandino, Las Segovias.

Senhor:

Apesar de terem fracassado todos os esforços anteriores para comunicarmos consigo por meios pacíficos, uma vez mais apelo a seu patriotismo para saber se é possível terminar com a resistência armada às forças sob meu comando que, a pedido do governo da Nicarágua, tentam restaurar a ordem em toda a república.

Rear Admiral U. S. Navy Almirante D. F. Sellers, Comandante do Esquadrão U. S. Navy, Commander Special Service Squadron.

Tal comunicado recebeu o mais decidido repúdio por parte de Sandino, numa carta em que diz:

El Chipotón, Nicarágua, América Central, 1º de janeiro de 1929.

Quartel general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua.

Senhor D. F. Sellers, Rear Admiral U. S. Navy Commander Special Service Squadron, Corinto, Nicarágua, A. C.

Senhor:

(...) O patriotismo a que o senhor apela é o que me tem mantido repelindo a força com a força, desconhecendo em absoluto toda ingerência de seu governo nos assuntos internos de nossa nação, e demonstrando que a soberania de um povo não se discute, mas se defende com as armas na mão (...)

Baseado no que foi dito é que lhe exponho que, para chegar a esse acordo de paz efetiva com o general José María Moncada, consideramos básico, e



absolutamente indispensável, a retirada das forças estadunidenses sob seu comando de nosso território.

Não penso ser demais esclarecer que as vidas e propriedades estrangeiras ficarão mais garantidas por nós, nicaragüenses, do que pelas forças de um governo estranho, porque toda ingerência estrangeira em nossos assuntos só traz perda da paz e ira do povo.

Fiel a suas palavras, Sandino manteve-se em seu objetivo de expulsar a invasão armada e, como se verá, para além ainda de tal propósito. Vejamos na seqüência alguns elementos que mostram bem as condições em que Sandino, pessoalmente, manteve-se fiel a seu juramento patriótico.

À sua coragem moral, à sua profunda honestidade patriótica e pessoal deve se acrescentar sua grande integridade para suportar todo tipo de privações e de dificuldades materiais. Por volta de 1929, sua própria saúde esteve seriamente debilitada.

Em junho de 1930, o gatilho de uma bomba lançada pela aviação *yankee* sobre Saraguasca feriu-o na perna esquerda: recuperou-se do ferimento praticamente sem assistência médica, apenas com os cuidados empíricos que podiam ser prestados por seus companheiros de armas.

Em sua conduta pessoal teve como norma a sobriedade; transcorridos vários anos de luta, houve uma ocasião em que lhe ofereceram um trago de licor, que recusou, dizendo: “Água clara da montanha foi a única coisa que tomei nesses últimos anos”.

Com palavras simples, explicava aos guerrilheiros camponeses que algum dia os povos derrotariam definitivamente o imperialismo *yankee*. O veterano Simon González lembra que em uma ocasião, ouviu-o dizer mais ou menos as seguintes palavras: “Algum dia os *yankees* terão que ser derrotados completamente. Se por acaso eu não puder ver esse final, as formiguinhas da terra irão me contar em minha sepultura”.

Como já se disse, em sua infância Sandino pôde adquirir apenas uma instrução elementar. Mais uma batalha vitoriosa, a ser anotada na



folha desse patriota, foi a que venceu contra a discriminação cultural de que foi vítima na infância. Na montanha leu com tenacidade, mesmo à luz das fogueiras. Entre suas leituras, *Dom Quixote*, do qual decorou parágrafos inteiros.

Sandino lembrava-se de um companheiro colombiano que aderira às colunas e que o ajudou em sua instrução cultural: lembrava-se dele chamando-o “meu mentor”. Assim falava o herói nicaraguense, sublime e humilde.

A organização de Sandino foi fundamentalmente de tipo militar: o Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Devido essencialmente às condições objetivas e subjetivas do espaço e do tempo em que lhe coube atuar, Sandino viu-se impossibilitado de desenvolver politicamente o instrumento guerrilheiro de combate.

Essa característica forçou o chefe guerrilheiro, apesar de seu temperamento nada inclinado ao individualismo soberbo, a imprimir uma marca individual ao comando central da resistência antiimperialista.

O derrotado agressor armado, frente à estéril perseguição aos guerrilheiros na montanha, não poupou os meios mais pífidos para prejudicar as guerrilhas. Por exemplo, apesar das estritas precauções tomadas, um indivíduo conseguiu entrar, na qualidade de combatente, no acampamento central, mas que despertou suspeitas, e se descobriu que pretendia assassinar o líder guerrilheiro, razão pela qual foi submetido à justiça patriótica, recebendo o castigo que corresponde aos traidores.

Os guerrilheiros criaram todo tipo de obstáculos à campanha eleitoral de 1932, assim como haviam repudiado a farsa anterior. Exemplo das ações contra a campanha eleitoral de 1932, onde seria imposto Juan B. Sacasa como chefe de governo, é o informe do combatente Marcial Rivera prestando contas ao acampamento central: “Destruí as propagandas deles”, referindo-se à “propaganda a favor das eleições sacasistas”.





Em 1932, as colunas já resistiam há sete anos com as armas na mão. Fora totalmente impossível para os intervencionistas derrotar o Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua.

Almirantes, generais, milhares de invasores, milhares de “cães”, armas modernas, aviões, encouraçados, oligarcas vende-pátria não puderam vencer o exército dos dignos e dos humildes, comandados pelo operário-camponês Augusto César Sandino.

Enquanto o nome de Sandino e de seus irmãos de armas saíria coberto de glória, os oligarcas da Nicarágua mergulhavam no opróbio. O amo *yankee* e seus peões pretenderam denegrir o nome dos heróis. No entanto, as palavras do agressor estrangeiro e seus mercenários voltar-se-iam contra eles mesmos:

Palavras de Calvin Coolidge, presidente dos Estados Unidos:

Atualmente, apenas restam no país alguns grupos de bandoleiros, gente fora-da-lei, que são perseguidos ativamente pelas autoridades.

Palavras de Henry L. Stimson, ex-representante pessoal do presidente Coolidge na Nicarágua:

Por informes de outras procedências e pelos que me transmitiu Moncada, cheguei à conclusão de que Augusto César Sandino é um homem que sempre viveu da pilhagem.

Palavras de Frank B. Kellog, secretário de Estado do governo Coolidge:

Não são senão bandidos comuns.

Palavras de José María Moncada, chefe do governo títere:

Sandino é o único general que se negou a depor as armas e a pedir a seus partidários que regressassem a suas ocupações pacíficas. Preferiu alistar um bando de ladrões e assassinos e cometeu crimes de todo tipo.

Palavras de Adolfo Díaz, chefe do governo títere:

É um bandido.

Palavras de Carlos Cuadra Pasos, ministro do governo títere:

É um bandido e sua principal ocupação atual é a pilhagem e os assassinatos.





Os insolentes invasores viram-se obrigados a abandonar vergonhosamente o território nicaragüense em janeiro de 1933. Os sandinistas tinham alcançado uma grande vitória militar. Mas essa vitória seria apenas parcial.

13

Ao se avaliar o caráter parcial da vitória guerrilheira, não deve ser considerada apenas a conquista da expulsão dos agressores estrangeiros do território nicaragüense.

É necessário também medir toda a influência da vitoriosa ação guerrilheira, com Sandino à frente, na determinação de modificar a política latino-americana dos Estados Unidos. Com efeito, o governo estadunidense, ao retirar sua força intervencionista da Nicarágua, anunciou o que chamou de política de “boa vizinhança”, ou seja, o compromisso de se abster de intervir diretamente com sua força armada nos países da América Latina.

O imperialismo *yankee* e seus agentes explorariam perfidamente as limitações do difícil espaço e do ainda mais difícil tempo que extraviavam a Nicarágua da rota de seu destino.

A partir da vergonhosa retirada dos invasores, começou uma etapa que se prolongou por vários meses. Para compreendê-la, é indispensável contemplar a atitude do movimento revolucionário internacional para com os patriotas nicaragüenses, assim como aspectos notáveis da situação política da Nicarágua.

Essa etapa teve início com as mensagens que, no final de 1932, os intelectuais Sofonías Salvatierra e Salvador Calderón Ramírez dirigiram ao herói vitorioso, defendendo a paz no país e a esperança na consolidação da soberania nacional.

A carta de Salvatierra, datada de 23 de novembro de 1932, diz em alguns trechos:

(...) começamos por aproveitar uma série de circunstâncias em benefício da independência nacional, da conciliação dos nicaragüenses



na base dessa independência e da paz na base da independência e da conciliação (...)

A carta de Calderón diz:

Imagino que a força de seu prestígio, no presente e no futuro, apoiar-se-á em bases sólidas se, ao cessar a guerra, o senhor der uma lição objetiva de máximo desinteresse (...) Que fiquem os outros – liberais e conservadores – jogando nos dados a túnica de Jesus, ou seja: a presidência ou, melhor, o proconsulado *yankee*.

Dê as costas aos áulicos e cortesãos e levante seu olhar para a consciência continental que lhe oferece – espontaneamente – o título de Libertador: selo magnífico e mais honroso que a chefia da ilha de Barataria, outorgada hoje, não ao mais digno, mas ao mais submisso.

Esses intelectuais podem ser chamados de “pacifistas utópicos”. Sua atitude, apesar da comprovada boa-fé com que participaram dessa etapa, tornou mais factível a pérfida obra do imperialismo e dos vende-pátria. Por sua vez, seu peso viu-se reforçado pela carência de uma correta estratégia política que apenas poderia ter sido esboçada, caso não tivesse aparecido a brecha que se abriu na segunda etapa da resistência, entre os patriotas nicaragüenses e o movimento revolucionário do exterior.

Torna-se necessário expor alguns aspectos do desenvolvimento da solidariedade do exterior para com a resistência sandinista.

O combate guerrilheiro da Nicarágua aconteceu em anos em que o capitalismo passava por uma aguda crise econômica, concretamente a grande crise que culminou no ano de 1932. A luta nicaragüense coincidiu com um auge revolucionário, tanto em nível internacional, quanto em nível regional, na América Latina e nos países do Caribe.

Como causa geral do ascenso revolucionário mundial, desempenhou um papel de primeira ordem a vitoriosa Revolução de outubro, que pôs em prática a construção do socialismo na jovem República Soviética. Tal vitória originaria o movimento proletário comunista que imediatamente se expandiu em todas as regiões do mundo.



Na América Latina, com sociedades feudais, submetidas a interesses estrangeiros, surgiu ou redobrou a atividade do movimento operário, que viveu seu mais belo alvorecer. Da mesma forma, a multiplicada ingerência do imperialismo *yankee* nos países do Caribe teve como resposta um incremento da luta patriótica que se estendeu pela República Dominicana, Haiti, Porto Rico, Cuba, México, Venezuela, Nicarágua.

Todos esses fatores de ordem externa tiveram uma determinada repercussão nas idéias políticas do herói guerrilheiro da Nicarágua. E, embora à correta tática militar de Sandino não pudesse corresponder uma adequada estratégia política que garantisse a continuidade indefinida, sem interrupção, da organização sandinista de combate, o herói nicaraguense chegou, por outro lado, a elaborar um pensamento em que, ao mesmo tempo, está clara a sua consciência do papel determinante que a luta armada desempenhava na busca da independência nacional definitiva e sua identificação com idéias avançadas de reivindicação social.

Devemos precisar bem o que acabamos de dizer. Frequentemente incorre-se em confusões ao analisar o aspecto político da luta sandinista. Não é certo que tenha carecido de princípios programáticos, que incluíam a expulsão do interventor estrangeiro e a eliminação das medidas que lesavam a soberania nacional.

Portanto, deve distinguir-se o que é princípio programático, que se refere às metas de um movimento, do que é estratégia política, que consiste nos meios fundamentais de luta para alcançar essas metas. Debilidade na estratégia política foi a limitação primordial que as condições gerais impuseram à luta sandinista.

A bandeira vermelha e negra que Sandino levantou nas montanhas da Nicarágua nunca fora levantada nas freqüentes lutas armadas da Nicarágua, que estava sob a égide dos trapos verde e vermelho das duas facções políticas tradicionais. A bandeira vermelha e negra foi tirada por Sandino das lutas sociais que conheceu no México.



Ao longo dos anos que sua luta durou, nota-se que a identificação com as idéias sociais limítrofes com o socialismo estiveram presentes em Sandino. Já se viram antes documentos do início da resistência; e vários anos depois, em 1933, o jornalista espanhol Ramón de Belausteguigoitia observou, segundo relata em suas crônicas, que no acampamento de Sandino cantava-se, na voz de Cabrera, a “Internacional”.

Antes de continuar mostrando a atitude da solidariedade revolucionária do exterior para com a resistência nicaragüense, indicaremos alguns exemplos que confirmam ainda mais as idéias revolucionárias com inclinação social que tinha o chefe guerrilheiro da Nicarágua.

Chama os estadunidenses de “avalanche de descendentes de Walker”, com o que demonstra sua consciência de que dá continuidade às mais antigas lutas da Nicarágua contra as agressões *yankees*.

Ânimo, nicaragüenses! Eles, os bárbaros do Norte, querem despedir-se de vocês deixando suas bofetadas impressas em seus rostos. Pois bem, que seja! Para que a ação reivindicadora não se faça esperar mais, e para que se cobre a conta, e assim saibam os *yankees* do respeito que se deve à liberdade dos povos.

Foram palavras pronunciadas em setembro de 1929.

Sandino chegou a fazer um apelo em favor da ação sindical. De Veracruz, quando de sua viagem ao México, em 1929-1930, disse, em 26 de fevereiro de 1930:

Até o presente, nosso exército reconhece o apoio que os revolucionários sinceros lhe deram em sua árdua luta; mas, com o acirramento dessa luta, com a crescente pressão por parte dos banqueiros *yankees*, os vacilantes, os tímidos, devido ao caráter que assume a luta, nos abandonam, porque só os operários e os camponeses irão até o fim, só sua força organizada obterá o triunfo.

Companheiro nicaragüense e todos aqueles que ainda se encontram desorganizados e fora da Confederação Sindical Hispano-Americana: em nome dos heróicos soldados do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, lançamos este apelo: Organizem-se! Seu posto está nas fileiras



da Confederação Sindical Hispano-Americana, única organização sindical defensora dos interesses da classe trabalhadora.

Em agosto de 1932 declara:

Nosso exército se prepara para tomar as rédeas de nosso poder nacional para então proceder à organização de grandes cooperativas de operários e camponeses nicaragüenses que explorarão nossas riquezas naturais em proveito da família nicaragüense em geral.

Em 1933 afirma:

Que o trabalhador não seja humilhado nem explorado.

O conteúdo progressista das idéias de Sandino não foi sempre apreciado com justiça pelo nascente setor revolucionário da América Latina. É verdade que a honra do movimento comunista, do movimento revolucionário, resolutamente disposto a defender nossos povos sem poupar abnegação e coragem, fica a salvo com a solidariedade a Sandino de destacados combatentes.

Nas próprias trilhas da montanha rebelde, ocuparam um lugar nas fileiras guerrilheiras combatentes fraternos vindos de outras terras para participar do combate. Entre eles, teve destacada atuação o venezuelano Carlos Aponte, caído mais tarde em terra cubana ao lado do líder antiimperialista Antonio Guiteras. O guerrilheiro Aponte dirigiu uma mensagem da montanha das Segovias em que diz, em um fragmento:

Chipotón (Nicarágua),

22 de março de 1928

Depois de sobrevoar, por mais ou menos três horas, as máquinas infernais bombardearam todas as casas dos indefesos camponeses, matando, com certeza, mulheres e crianças como acontece em todos esses casos; o espírito de destruição e maldade é a única bandeira de paz e progresso que trazem à nossa desgraçada América. Vocês não imaginam até que ponto chega a maldade e a sede por sangue inocente que têm estes usurpadores do direito e da liberdade de povos frágeis como este, que aspiram apenas a uma paz sólida garantida ao operário e ao camponês, que muito a merecem, pois até quando serem escravos dos vende-pátria e dos invasores?



Destaca-se na solidariedade com Sandino o comunista Salvadorenho Augustín Farabundo Martí, que depois de passar pelas Segovias foi fuzilado em fevereiro de 1932 pelos oligarcas salvadorenhos em uma repressão que causou 30 mil vítimas, quando os proletários de El Salvador se propuseram a pegar em armas em busca de justiça.

Em 1930, já havia divergências entre os dirigentes comunistas do México e Sandino. Por conta dessas divergências é que Farabundo Martí se separa de Sandino, apesar de sempre ter respeitado o guerrilheiro antiimperialista. Antes de receber a rajada que lhe tiraria a vida, o comunista Martí declarou:

Dou testemunho aqui da integridade moral, da pureza absoluta do general Sandino. Consta-me que no México recebeu repetidas ofertas de consideráveis somas de dinheiro, desde que abandonasse sua luta nas Segovias, e que essas ofertas foram recusadas pelo general, com a mais nobre indignação. (...) Tenho interesse em que estes pontos sejam esclarecidos para estabelecer a verdade histórica. E já para morrer, a dois passos da execução, declaro solenemente que o general Sandino é o primeiro grande patriota do mundo.

Além da presença física de alguns revolucionários na própria trincheira, a voz de revolucionários destacados levantou-se em prol da solidariedade com os rebeldes nicaragüenses. Sabemos que, em um ato celebrado no teatro Tívoli, do México, em 9 de julho de 1928, anunciou-se a participação do líder comunista cubano Julio Antonio Mella que, mesmo absorto no duro combate de seu próprio povo, reservava ainda energias para os povos irmãos.

Essa solidariedade na primeira etapa da epopéia nicaragüense foi lamentavelmente interrompida. Tal ruptura foi determinada pela atitude dominante na direção comunista do México, quando da permanência de Sandino nesse país, de junho de 1929 a fevereiro de 1930.

Conhecemos as declarações de tal direção, publicadas em seu órgão de divulgação *El Machete*. Sandino fora ao México em busca de solidariedade, mas é certo que apenas encontrou perfídia na bur-



guesia mexicana que fazia demagogia antiimperialista e, além disso, a incompreensão dos que se diziam revolucionários.

A direção comunista, mostrando um estreito sectarismo, quis exigir de Sandino que fizesse declarações contra o governo do México. Sandino, que precisava unificar as mais diferentes forças para continuar o combate desigual que empreendera negou-se a fazer tais declarações. Diante disso, a intitulada direção comunista mexicana não apenas negou solidariedade a Sandino, mas também chegou ao extremo de pôr em dúvida o caráter patriótico de sua resistência armada, divulgando as mais absurdas conjecturas, em nome de uma aberração dialética, para explicar a continuação da resistência armada nicaragüense.

Consulte-se a coleção do jornal *El Machete*, e ficará confirmado que, depois da viagem de Sandino ao México em busca de solidariedade, não aparece ali uma só palavra com relação ao porfiado combate nicaragüense.

A importância da atitude daquela intitulada direção comunista mexicana pode ser medida quando se considera que o México era naquele tempo um dos principais centros, se não o principal, do movimento operário revolucionário da América Latina.

É preciso levar em conta que o Partido Comunista do México fora fundado em 1918, enquanto o Partido Comunista da China, apenas em 1921.

Até hoje não se analisou a atitude do movimento revolucionário internacional em relação à resistência sandinista. Faz falta esta análise porque representa uma experiência de grande interesse, cujas lições podem servir para evitar velhos erros nos novos tempos e estender a devida solidariedade aos países ao mesmo tempo pequenos e açotados pela reação, o que logicamente torna mais urgente a solidariedade.

Estas notas representam apenas uma contribuição para em alguma medida esclarecer o significado dos fatos a que nos referimos.



Sandino tinha consciência do absurdo isolamento de que era vítima sua luta. Em várias ocasiões expressou-o claramente. Estando no México, em 1929, escreveu:

Angustiava-nos o silêncio, o isolamento, o desespero de permanecermos ignorados. Sentíamos falta de que o mundo soubesse que ainda estávamos em luta (...) A luta que continuou na Nicarágua, tão intensa como antes; mas o dinheiro estadunidense fez o silêncio em torno de nós.

Em 15 de dezembro de 1931, relata, das montanhas, que passara mais de um ano sem receber “satisfatoriamente” notícias de Zepeda, naquela época seu representante no exterior.

O extremo a que chegou a incompreensão com relação a Sandino no exterior transparece nos pontos que Vicente Lombardo Toledano enumerou para Escolástico Lara, vinculado ao guerrilheiro, ao passar pelo porto nicaraguense de Corinto. Em carta a Sandino de 3 de junho de 1933, Lara diz-lhe que Lombardo declarou que:

a imprensa divulga três acusações que, em síntese, são: 1. que o general Sandino está intimamente identificado com o dr. Sacasa, e que não fará senão o que este mandar; 2. que os estadunidenses sustentam-no e continuam sustentando-o; 3. que os conservadores são seus aliados e 4. que seu papel está terminando e já não tem nenhuma força.

Vê-se o abismo entre a opinião de um Vicente Lombardo Toledano e a de um Agustín Farabundo Martí. É óbvio que as mentiras de que se faz eco Lombardo Toledano desmoronam por si mesmas.

É importante considerar o lugar que ocupava a potência imperialista *yankee* na correlação internacional de forças. É um fato que em nível mundial não representava a principal ameaça imediata pesando sobre os povos. O único território socialista do mundo naquela época, a União Soviética, sofria em primeiro lugar a ameaça de potências como a Alemanha, a Inglaterra, a França e o Japão.

Pode-se dizer que tal situação foi interpretada de maneira dogmática pela generalidade dos dirigentes dos partidos comunistas do



Caribe e da América, no momento da segunda etapa da luta sandinista. Em resumo, subestimou-se o perigo imperialista *yankee*.

Seria correto afirmar que houve falta de flexibilidade para combinar com o devido tino a luta em defesa da União Soviética, ameaçada em grau extremo naquele tempo, com a luta contra os perigos de caráter local.

Não é demais, para explicar os erros na avaliação do imperialismo *yankee*, mostrar o papel perturbador que desempenharam as posições trotskistas que, no final da luta de Sandino, foram bastante difundidas na área do Caribe. Os trotskistas fizeram demagogia anti*yankee*, com o que, considerando-se as limitações ideológicas do movimento comunista em nossos países, a posição trotskista, objetivamente, apenas contribuiu para perturbar a análise e a elaboração da linha a seguir frente ao inimigo.

É preciso mencionar o papel que desempenhou nos erros da solidariedade a Sandino, a etapa que atravessava a experiência do movimento antiimperialista dos povos acossados pelo imperialismo e pelo colonialismo. Eram anos em que os movimentos revolucionários da China, do Vietnã, da Coréia estavam em processo de gestação e atravessavam ainda uma séria crise de crescimento. Só mais tarde os movimentos antiimperialistas desses países poderiam encontrar um caminho próprio de luta vitoriosa.

É pertinente referir-se à crítica unilateral adotada frente à atitude da luta representada por Sandino. A partir de 1930, ele era censurado porque suas reivindicações seriam excessivamente limitadas exigindo apenas a desocupação dos intervencionistas e o respeito à soberania nacional. Pedia-se a Sandino que fizesse reivindicações de mais acentuado conteúdo classista. Não vamos discutir aqui se tal exigência era justificada ou não no marco das condições em que competia a Sandino atuar.

Mas vamos supor que tal crítica fosse justificada. Consideramos então que faltou uma avaliação sobre outro aspecto da luta de Sandino, que não se referia à questão programática; faltou avaliar em toda





sua transcendência o aspecto que se referia à tática, ou seja, ao meio de luta utilizado por Sandino e seus companheiros para enfrentar o inimigo imperialista.

Não desempenharia seu papel nesta atitude unilateral certa empatia intelectual frente ao operário-camponês Augusto César Sandino? Não seriam os professores de programas revolucionários elaborados nos escritórios que não queriam apreender a genial eficácia de uma tática de luta, a tática guerrilheira, que os camponeses desenvolviam nas cordilheiras da Nicarágua?

Outro ângulo que é importante analisar, nos erros da solidariedade, é o tipo rural do cenário em que operaram Sandino e seus irmãos de luta. Os movimentos de luta, nas colônias e semicolônias, ainda não tinham determinado a importância fundamental da luta armada rural.

Ao julgar os erros e limitações da solidariedade para com os guerrilheiros nicaragüenses, não seria correto limitar-nos apenas à posição adotada por um setor político determinado. Além de mencionar a posição do setor de denominação marxista e operário, é necessário referir-se à posição da pequena burguesia de esquerda, que na época era representada na América Latina pelo conhecido Apra.

Com isso fica melhor explicado porque a precária solidariedade, que talvez tenha determinado a asfixia política da luta sandinista, não teve origem apenas em um setor político, mas também recebeu a contribuição, de maneira profunda, da etapa histórica que a América Latina vivia na época.

Por outro lado, há um ponto que não tem justificativa alguma nos erros da solidariedade à luta sandinista. Trata-se do fato de não terem sido destacados quadros para o movimento guerrilheiro, mesmo aceitando com disciplina as divergências que existiam em relação a determinadas opiniões políticas do patriota nicaragüense. Quadros que lutassem disciplinadamente sob o comando de Sandino, teriam pelo menos reduzido em alguma medida a trágica interrupção total, que o movimento sandinista sofreu um tempo depois da retirada dos invasores.





Dizemos isso porque um revolucionário tem todo o direito de manifestar-se segundo sua própria opinião acerca de determinada situação, mas nunca uma opinião deve ser utilizada como pretexto para abster-se de ocupar um lugar na trincheira.

Para medir toda a injustiça da solidão a que o mundo terminou por relegar Sandino, deve-se pensar que, além do imenso mérito que em si mesmo tinha o combate que travava, Sandino também se mostrou disposto a empunhar o fuzil na trincheira de outras terras. Expressou certa vez Augusto César Sandino:

Não será estranho que eu e meu exército sejamos encontrados em qualquer país da América Latina onde o invasor assassino finque suas botas em atitude de conquistista

Passemos agora às opiniões de Salvatierra e Calderón citadas anteriormente e que foram o antecedente imediato da última etapa da luta guerrilheira. Do ponto de vista de classe, as ilusões dos intelectuais citados podem ser classificadas como a expressão de uma pequena burguesia cansada de lutar e desesperada por se dedicar a defender e a desfrutar seus limitados interesses.

Por outro lado, deve ressaltar-se que esses pacifistas utópicos não apoiaram Sandino de nenhuma forma durante a longa e difícil luta guerrilheira. Calderón chegou a dizer, posteriormente, que na realidade opunha-se por convicção à violência, o que segundo ele, não foi um obstáculo para que terminasse reconhecendo o mérito dos guerrilheiros representantes da pequena Nicarágua que desafiaram a potência estadunidense.

Esta atitude dos intelectuais da Nicarágua pode ser considerada a continuação da linha de intelectuais que os haviam precedido no movimento cultural nacional. É interessantíssimo observar que nos primeiros anos do século 20 teve grande destaque na Nicarágua a atividade do escritor Mariano Barreto, que ganhou fama de radical no meio nicaragüense. Do ponto de vista político, Barreto chegou a se opor em seus escritos à intervenção *yankee*; no entanto, ao definir a



raiz de seu pensamento, Barreto se declarava contrário aos jacobinos, e de acordo com os girondinos.¹⁰

É visível, portanto, o papel desempenhado pelo atraso ideológico do país no êxito das manobras realizadas pelos mercenários a serviço do império.

14

A data que se deve assinalar como início da manobra que acabaria por precipitar a Nicarágua no abismo é o dia 5 de novembro de 1932. Naquele dia, o embaixador estadunidense Hanna impôs, com a submissão das camarilhas dos dois partidos, uma estrutura de exército de ocupação à Guarda Nacional, acrescentando, ao tradicional despotismo dos oligarcas do país, o apoio material do imperialismo.

Como conseqüência da estrutura imposta pelo representante do imperialismo, o cargo de chefe, que nas cinco oportunidades anteriores fora ocupado exclusivamente por estadunidenses, passou a ser desempenhado por Anastasio Somoza García.

A farsa eleitoral, da qual Juan B. Sacasa saiu imposto como chefe de governo, realizou-se em 16 de novembro de 1932, sendo o almirante Woodward presidente da comissão eleitoral “nacional”; as mesas eleitorais em todo o país foram presididas por estadunidenses.

O repúdio dos guerrilheiros à situação existente foi expresso por Sandino em comunicado de 18 de novembro: “Sob nenhum pretexto vocês poderão se abster de hostilizar o inimigo, seja quem for o eleito”. O objetivo é invariável: expulsão dos estadunidenses, plena independência nacional.

O chefe patriota, uma vez tendo recebido a carta que lhe fora dirigida por Salvatierra, respondeu-lhe em 24 de dezembro de 1932.

¹⁰ Em oposição aos jacobinos, os girondinos eram uma corrente mais moderada durante o primeiro período da Revolução Francesa. (N.T.)



Embora deixando aberta a porta às conversações, Sandino critica Sacasa energicamente.

Quando se realizou a entrevista entre Salvatierra e Sandino, este apresentou o documento conhecido como protocolo de paz, datado de 20 de janeiro de 1933. Em algumas partes de tal documento, diz-se:

O abaixo assinado, general e chefe supremo do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, formula o seguinte Protocolo de Paz, ao qual deverão ater-se nossos delegados quando for assinada a paz definitiva:

– Conhecer a fundo o programa político que desenvolverá o dr. Sacasa durante os quatro anos de sua administração. Convencer-se de que prescindirá absolutamente de intervenção estranha nas finanças da Nicarágua e de sua determinação com relação à chamada Guarda Nacional; assim também, saber se o dr. Sacasa tem pactos de algum tipo, assinados com os interventores estadunidenses.

(...)

– Que, por iniciativa do Executivo, o Congresso Nacional da Nicarágua decrete a manutenção íntegra no novo departamento “Luz e Verdade” dos elementos bélicos que o Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua utilizou durante a guerra que dignificou nossa Honra Nacional. (...)

– Que, por iniciativa do Executivo, o Congresso Nacional da Nicarágua decrete excluir dos arquivos nacionais e incendiar todos os documentos em que seja chamada de bandoleirismo a atitude patriótica de nosso exército; (...)

– No convênio definitivo de paz deve ficar explícito que o Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua solicita a revisão dos tratados Bryan-Chamorro, por ser notório que foram assinados por um governo nicaragüense imposto pela intervenção estadunidense.

Como se vê, desde o primeiro momento, o chefe guerrilheiro opunha-se a uma paz em que os antigos combatentes fossem despojados de suas armas. Por outro lado, ressaltava bem a intervenção econômica que continuava pesando sobre o país, assim como os tratados que lesavam a dignidade e a soberania da nação.



Na postura que Salvatierra expõe a Sandino, de discordância na ênfase dessas posições, evidencia-se a tendência que possibilitaria as pérfidas manobras da embaixada *yankee* e de seus títeres.

Nas opiniões de Salvatierra pode se ver que este estava muito ansioso para que a qualquer custo se estabelecesse a paz, sem equilibrar tal reivindicação com o devido fortalecimento da independência nacional. O utópico Salvatierra, em carta datada de 13 de janeiro de 1934 e dirigida a Sandino, diz-lhe:

(...) Estamos todos ansiosos para que chegue o momento em que anunciemos, ao mundo que nos observa e à nação inteira que tem os olhos postos em nossa boa vontade e patriotismo, que a paz voltou a reinar em nossa terra e que, de hoje em diante, o trabalho e o estudo serão nossa melhor atividade no seio da nação livre.

Não se pode discutir a necessidade de negociações. E boa prova de seu aspecto positivo foi a atitude dos latifundiários do Norte do país que expressaram discordância com as discussões que começavam, exigindo a perseguição imediata dos patriotas que permaneciam em armas nas montanhas.

O desenlace negativo que por fim teriam as negociações não dependeu delas em si mesmas, mas do acúmulo das dificuldades mencionadas, o que truncou a perspectiva política da luta sandinista.

A propaganda inimiga acusava os sandinistas, diante de amplos setores populares situados no território em que operava a guerrilha, que o que menos interessava aos rebeldes era combater a intervenção armada *yankee*, sendo esta apenas um pretexto para se dedicarem a cometer delitos. Esse tipo de ataques não deixava de ter algum resultado sobre uma população que carecia de uma correta orientação política. A participação dos patriotas nas negociações contribuía para lançar por terra a propaganda anti-sandinista.

O herói estava consciente de que a expulsão dos intervencionistas armados fora determinada pela luta patriótica e em 1º de fevereiro de 1933 expressa em uma proclamação dirigida a seus soldados:



Meus queridos irmãos:

Nosso exército, pela magnitude de sua luta, constitui uma autoridade moral continental e, no ambiente de simpatias com que conta no mundo, logrou a expulsão completa dos piratas estadunidenses da Nicarágua.

Quando vários dias já se haviam passado de troca de opiniões com os políticos que se declaravam identificados com Sandino, este dispôs-se a viajar à Manágua para discutir diretamente com o governo Sacasa as condições a se alcançar nas discussões.

Em 2 de fevereiro, Sandino partiu para Manágua. A oportunidade de ver o herói nacional em pessoa representou para o povo da capital do país um jubiloso acontecimento. No mesmo dia foi assinado o tratado, especificando os acordos a que chegaram os delegados dos dois partidos tradicionais com os representantes de Sandino. Por parte do partido do governo assinou o tratado Crisanto Sacasa, que nas décadas vindouras seria um notório político a serviço do regime antipopular.

Ao discutir as condições, Sandino negou-se terminantemente ao desarmamento que pretendiam impor-lhe, aceitando apenas o que se denominou um desarmamento gradual, que autorizava antigos combatentes a conservarem suas armas, arrebatadas ao invasor. Além disso, o tratado se refere a:

(...) manter por todos os meios racionais, adequados e jurídicos e em toda sua plenitude o resplendor da soberania e independência política e econômica da Nicarágua.

Deve ser dito que os delegados de Sandino na discussão do tratado: Salvador Calderón Ramírez, Pedro José Zepeda, Horacio Portocarrero e Escolástico Lara, não foram capazes de obter que ficassem claramente explícitas no tratado as medidas a serem tomadas para o “resplendor em toda sua plenitude da soberania e independência política e econômica”.

Que a derrota da intervenção limitou-se ao campo militar e que persistiu a intervenção econômica no país por parte do imperialismo é uma questão que Sandino identifica em carta dirigida à senhora Lúcia de Barahona, datada de 15 de março.



(...) com pesar digo-lhe que nosso governo não é ainda autônomo, porque existe a intervenção política e econômica, que não poderá desaparecer enquanto os governos pertencem a determinados partidos (...) Suponho que terá observado que os componentes da parte militar do país, que operaram aliados aos invasores, continuam sendo nossos inimigos. Essas coisas me deixam triste (...)

O chefe de governo Juan B. Sacasa reiterou a Sandino garantias que depois negar-se-ia a cumprir:

O caráter da Guarda Nacional, a força armada mercenária que os agressores deixaram organizada, era um perigo que Sandino não perdia de vista. Em carta de 24 de maio a seu companheiro de armas Francisco Estrada, diz:

Querido irmão: a situação da Nicarágua é a seguinte: a Guarda Nacional (...) é uma instituição contrária às leis e à constituição da república; foi criada por um acordo entre o Partido Liberal e o Partido Conservador por indicação dos interventores estadunidenses (...)

A forma disfarçada adotada pela intervenção imperialista mereceu a observação do herói.

O gesto de Sandino de discutir os problemas nacionais uma vez expulsos os agressores tem o efeito de dissipar os preconceitos acumulados na mente de amplos setores populares. A repercussão das discussões fortalece a simpatia popular com relação a Sandino.

Apoiado em tal simpatia, em uma segunda viagem à Manágua, em 13 de maio de 1933, o chefe guerrilheiro concorda com a formação de um novo partido político no país, que pela primeira vez na história nacional enfrentaria os dois partidos tradicionais, os quais, ao longo da república formal, tinham monopolizado a vida pública na Nicarágua. O nome escolhido é Partido Autonomista.

A idéia do novo partido era defendida também pelo guerrilheiro sandinista Francisco Estrada, em carta datada de 30 de maio de 1933 e dirigida a Enrique Rivera:



Nosso chefe supremo teve que ir à Manágua, pois os fatos o exigiam; está hoje, mais do que nunca, abordando uma grande quantidade de problemas, entre eles a organização de um novo partido político, para acabar com os sectarismos passados, pois nele fundir-se-ão todas as entidades que existem no país, tais como homens alheios a todas as tramóias passadas, assim como operários, estudantes e a grande massa camponesa. Tudo isso faz tremer os políticos profissionais, que se defendem a ferro e fogo para não perder o quinhão que lhes dá a submissão.

Em 1º de agosto de 1933, ocorreu um fato que viria a ser sintoma das sinistras manobras que estavam a caminho. Naquela data houve uma explosão no Campo de Marte. O desenvolvimento dos acontecimentos mostrou que a explosão fora provocada pelo chefe da Guarda Nacional, Somoza, para dar a entender que havia perigo e instabilidade, com o que se acentuava a tendência das classes reacionárias a favor de um governo militar controlado diretamente pela Guarda Nacional.

O embaixador Hanna foi substituído em 7 de dezembro de 1933 por Arthur Bliss Lane, que teria muita atividade nos meses seguintes.

Nos primeiros dias de dezembro, Sandino fez uma terceira viagem à Manágua. Nessa viagem, mudou o plano de formar um novo partido político o que, em nenhum caso, deve ser entendido como renúncia ao desenvolvimento de uma força política distinta, já que explicita que:

Limitaremos a manutenção do sandinismo com todo o seu prestígio de autoridade moral para ser fator decisivo nos destinos da nação na primeira oportunidade que se apresente.

De modo que a idéia de renunciar à formação do partido é apenas uma mudança de forma na aspiração de transformar-se em movimento político independente para ter influência no rumo determinante da situação do país. O que é importante destacar aqui é que Sandino chegou a romper totalmente os vínculos que,



antes de 4 de maio de 1927, prendiam-no a uma das duas facções políticas tradicionais.

Com relação à quarta viagem do chefe guerrilheiro à Manágua, é preciso dizer que Sandino considerou-a desnecessária, o que se deduz facilmente do teor da correspondência que o embaixador *yankee* dirigiu ao departamento de Estado de seu país. Em telegrama de 4 de fevereiro de 1934, o embaixador Bliss Lane informa que Sacasa deixara claro seu descontentamento com Sandino, devido a ter assinado uma carta que Sacasa considerou ameaçadora.

É em um telegrama de 8 de fevereiro que Bliss Lane informa que Sacasa solicitou a Sandino sua ida à Manágua com o que o chefe guerrilheiro concordou, ainda que considerando a viagem desnecessária.

Na situação criada na Nicarágua depois da expulsão da infantaria da marinha estadunidense, em janeiro de 1933, podem ser indicados certos fatores. É a articulação do conchavo que haveria de unir definitivamente a oligarquia da Nicarágua.

15

Desde 1932, a camarilha político-militar que haveria de fundir-se com a oligarquia era chefiada por Anastácio Somoza García, que substituiu José María Moncada. Na chefia de governo, Sacasa significava um certo obstáculo, visto que representava um setor reacionário exclusivamente civil.

Os interesses populares estavam, claro, representados por Sandino. Está visto que a divergência entre Somoza e Sacasa carecia de um conteúdo classista definido, já que ambos representavam apenas formas distintas de defender os interesses da oligarquia e do imperialismo.

Pode-se refletir acerca dos motivos.

No jogo de contradições, umas pessoais e outras de classe, estas últimas foram naturalmente as que determinaram o curso dos acontecimentos.



A embaixada *yankee* e os diferentes agentes da oligarquia concordavam com o perigo que significava a autoridade moral representada por Sandino.

Em 21 de fevereiro de 1934, o embaixador Bliss Lane comunicou-se diretamente com Somoza em duas oportunidades. No mesmo dia reuniu-se com José María Moncada. À meia-noite realizou-se o crime. Augusto César Sandino e seus irmãos de armas Francisco Estrada e Juan Pablo Umanzor foram assassinados.

Entre os pouquíssimos detalhes conhecidos sobre a atitude do herói diante de seus carrascos, estão as palavras que lhes disse quando revistavam seus bolsos:

Não tenho um só centavo porque jamais tomei dinheiro da nação.

Essa frase é um indício certo de que o herói manteve sua dignidade até o último instante. Bastaria essa explicação, mas preferimos apresentar sua personalidade apoiando-nos sempre nos fatos.

Como relata o intelectual Salvador Calderón Ramírez, homem ideologicamente moderado, mas verdadeiro em seus escritos, em seu livro *Últimos dias de Sandino*, o herói disse-lhe, dois dias antes do crime, algumas palavras sobre a separação do mártir comunista salvadoreño Agustín Farabundo Martí:

Separamo-nos cheios de tristeza, na maior harmonia: como dois irmãos que se querem e não conseguem compreender-se.

Essa frase indica claramente que o Sandino sacrificado pelo imperialismo não foi apenas um Sandino patriota, mas um Sandino que considerava a si mesmo irmão dos comunistas capazes de oferecer a vida pela justiça.

O embaixador Bliss Lane, em telegrama de 23 de fevereiro ao secretário de Estado, declarava sem rodeios que, em relação a Sandino, apenas fizera reparos a Somoza sobre alguma “precipitação”. Essa confissão aberta, na mal dissimulada correspondência com o departamento de Estado, é um ponto que, nas resenhas publicadas com relação ao trágico capítulo da história nicaraguense, não foi documentalmente considerado.



A referência a esse telegrama explica em sua essência o fato de que se tenha deixado transcorrer um ano, a partir do início das negociações, para levar a cabo o crime. O termo “precipitação” sugere facilmente que o imperialismo *yankee* condenara à morte o herói, mas ao mesmo tempo propunha-se a evitar que os guerrilheiros sobreviventes exercessem uma justa vingança, continuando a resistência contra a mercenária Guarda Nacional. O certo é que tal resistência tornou-se mais difícil, e até impossível, depois de 12 meses, longos e suficientes para romper a estrutura guerrilheira indispensável para empreender a luta naquelas condições de extraordinária dificuldade.

A confissão do embaixador Bliss Lane deve ser destacada, embora pareça uma redundância, a fim de desmascarar aqueles que fazem uma sórdida demagogia na Nicarágua com o nome do herói. Várias décadas depois de cometido o crime de 1934, aristocráticos príncipes herdeiros da oligarquia da Nicarágua, que pretendiam passar por patriotas, chegaram ao atrevimento de absolver o imperialismo *yankee* de sua culpa criminoso, atribuindo essa culpa exclusivamente ao assassino mercenário.

Digamos agora que o passo dado por Sacasa diante do infame assassinato do herói, a quem dera sua palavra e garantia de vida, consistiu em premiar os sicários. A conduta seguida por Sacasa serviu apenas para que o poder passasse diretamente às mãos de Somoza.

Os vendidos oligarcas da Nicarágua cumpriram com gosto o desejo do imperialismo de assassinar o operário-camponês vencedor das insolentes armas *yankees*.

É necessário compreender em todo o significado do crime. A Nicarágua é um país em que a direção da vida pública esteve historicamente sob o monopólio dos oligarcas. A discriminação política e cultural do povo oprimido foi total.

E eis que nesse país, onde apenas os oligarcas entendiam os segredos do realismo político, razão pela qual, segundo eles, optavam por se vender ao dólar onipotente, um homem humilde levanta-se para combater e derrotar o invasor estadunidense.



Expulso o invasor, os oligarcas de fraque viram-se obrigados a discutir com o guerrilheiro que, com suas roupas do campo e convertido no símbolo vivo da dignidade de nossos povos, exigia a consolidação da soberania nacional.

A cumplicidade unânime dos oligarcas no assassinato do herói nacional, ao mesmo tempo em que expressa a asquerosa submissão ao amo imperialista, indica o ódio que professavam aos oprimidos e explorados da Nicarágua.

Em 25 de agosto de 1934, liberais e conservadores, de comum acordo, decretaram uma anistia em favor daqueles que estavam implicados no assassinato do herói.

Em 6 de junho de 1936, Juan B. Sacasa renunciou a seu papel decorativo e Somoza passou a ser abertamente o principal agente do imperialismo. É verdade que transcorreriam uns poucos meses, utilizados para manter as aparências de legalidade e para preparar uma farsa eleitoral, da qual o sicário sairia nomeado chefe de governo, cargo que passou a ocupar em 1º de janeiro de 1937.

O embaixador Boaz Long, que substituíra Bliss Lane como representante estadunidense na Nicarágua, enviou um telegrama ao departamento de Estado, informando sobre a posse de Somoza. Esse informe vinha a ser a confirmação quanto à imposição que o imperialismo se propusera ao estruturar a Guarda Nacional como um exército de ocupação com o acordo das camarilhas traidoras dos dois partidos reacionários tradicionais.

O informe enviado pelo embaixador Long era brevíssimo: “Somoza e Navarro tomaram posse essa manhã sem incidentes, como presidente e vice-presidente respectivamente. Assinado: Long.”

Boaz Long poderia ter sido ainda mais breve em seu informe, dizendo apenas “missão cumprida”. De fato, consolidara-se a imposição imperialista de um regime da oligarquia vende-pátria sob hegemonia militar.

Mas não era tão correta a afirmação de Long de que não ocorriam na Nicarágua o que ele chamava de “incidentes”. Quando caíram





Sandino e seus companheiros de armas em 1934, quando foram massacrados centenas de camponeses naquela época, em Wiwilí, nem tudo foi derrota na montanha. Um chefe guerrilheiro permaneceria em pé de guerra por vários anos mais, através da selva, como símbolo da isolada e solitária rebeldia da açoitada Nicarágua.

Depois de 21 de fevereiro de 1934, o chefe guerrilheiro Pedro Altamirano, Pedrão para os intrusos *yankees* e os “cães”, à frente de uma pequena tropa, manteve-se por vários anos percorrendo a montanha. Conhecendo as veredas pelas quais podia cruzar a fronteira para o exterior, preferiu manter-se como o último desafio dos vencedores da intervenção armada *yankee*. E manteve-se Altamirano até sua morte pela mão inimiga, não se sabe que dia do ano de 1939, em La Garnacha, um ponto da selva atlântica nicaragüense.

Densas trevas caíram sobre a Nicarágua. O processo de enfrentamento à ingerência *yankee* interrompeu-se durante a II Guerra Mundial. A justa e necessária luta contra a ameaça fascista que provinha da Alemanha, Japão e Itália postergou a continuação do processo em gestação desde meados do século 19.

As graves conseqüências sofridas na Nicarágua com o enfrentamento à ameaça fascista mundial foram acentuadas por fatores de ordem estritamente local.

Falou-se antes do atraso ideológico do movimento cultural do país que, já terminado o século 20, não passara de um liberalismo girondino. Essa etapa intelectual liberal, frente à traição do instrumento político correspondente, permaneceu truncada.

O movimento intelectual do país passou à hegemonia, a partir dos anos da consolidação da camarilha oligarco-militar, do que foi chamado de confraria de Escritores e Artistas Católicos, cuja publicação literária tinha um nome não menos eloqüente: *Cadernos da Oficina São Lucas*. Elementos procedentes da confraria chegaram a propor a chefia vitalícia do tirano que encabeçava o regime antipopular.





Com o correr dos anos, veio tempo pós-conciliar, em que elementos que provinham da confraria apareceram como partidários de uma reforma social. Como confiar nesses reformadores? É verdade que o padre e poeta Ernesto Cardenal, vinculado aos membros da confraria, chegou a defender a Revolução Cubana de Fidel e Che.

Mas não será o sacerdote e poeta a exceção que confirma a regra?

Uma coisa não é uma incógnita: a definitiva libertação nacional e social da Nicarágua não será alcançada se não houver uma organização armada e apoiada nas massas populares e orientada pelos mais avançados princípios revolucionários.

As trevas que caíram sobre a Nicarágua a partir do assassinato de Sandino, no crime de 1934, prolongaram-se por um quarto de século. No decorrer desse período, a Nicarágua manteve-se ideologicamente no tempo das cavernas; as idéias marxistas sem retoque de domesticação não puderam romper as sete fronteiras (Guatemala, El Salvador, Honduras, Costa Rica, Panamá e dois oceanos) que, como muralhas, impediram-nas de adentrarem a confinada Nicarágua.

Foi com o advento da Revolução Cubana de 1959 que o marxismo chegou ao rebelde espírito nicaragüense. O marxismo de Lenin, Fidel, Che, Ho Chi Min foi acolhido pela Frente Sandinista de Libertação Nacional que empreendeu de novo a trilha guerrilheira que vem crescendo na Nicarágua desde os últimos meses do ano de 1958.







SANDINO, CLASSE E IDEOLOGIA¹¹

SERGIO RAMIREZ

Contexto social da luta sandinista

A economia colonial da Nicarágua baseou-se principalmente na produção de anil, um corante destinado aos mercados espanhóis, dada a relação de domínio metropolitano que configurava a economia colonial; estava baseada também na pecuária para exportação de couro, o que transformava a carne em um subproduto de consumo interno, pois, como é óbvio, não existia nenhuma tecnologia para exportação de carne. A substituição química do anil terminou com a produção da Nicarágua antes do século 19 chegar à metade; e o que poderíamos chamar de revolução de 1893 acabou com a classe latifundiária e pecuarista como grupo dominante no país.

A partir de 1893, a economia pecuarista, que é uma economia atrasada e conservadora, foi substituída pela economia cafeeira, que, esta sim, tem uma vinculação direta com os novos mercados internacionais de exportação; a partir de então, a Nicarágua, ainda

¹¹ Conferência realizada na Escola de Quadros da Frente Sandinista de Libertação Nacional em Manágua, 12 de maio de 1980.





que tardiamente, incorporou-se à divisão internacional do trabalho, como país produtor de matérias-primas para o mercado capitalista internacional.

O fenômeno da revolução liberal, que implicou em expropriações dos antigos latifundiários e da Igreja católica para tornar possível a expansão do cultivo do café, ocorreu na Nicarágua de maneira atrasada em relação ao resto da América Central. Quando, em 1893, a nova classe cafeicultora tomou o poder pela via armada, essa mesma classe cafeicultora já governava na Guatemala, há mais de duas décadas, por meio da ditadura militar de Justo Rufino Barrios; e assim como na Guatemala, a revolução de 1893 implicou em fenômenos importantes: além da expropriação da Igreja e dos pecuaristas proprietários de terra, houve a expropriação das formas comunitárias de propriedade indígena, associada à aplicação de uma série de medidas destinadas a forçar a mão-de-obra para possibilitar os cultivos intensivos de café e sua colheita, enquanto que, de alguma maneira, buscava-se modernizar o Estado, separando as instituições da Igreja das civis e criando uma nova infra-estrutura de comunicações (estradas de ferro, portos) que favorecesse o armazenamento da colheita e sua exportação; Zelaya resgatou também a Costa Mosquitia das mãos dos ingleses, consolidando a soberania territorial da Nicarágua.

Mas é importante ver também que a chegada de Zelaya ao poder significou a consolidação de um anseio que já permeava todos os demais grupos dominantes da América Latina: a ambição e os projetos positivistas de progresso. Assumindo que a Nicarágua tinha uma economia agrícola sumamente atrasada e sem consistência em muitas áreas, impunha-se, segundo essa ideologia liberal, a transformação do país com base num rápido crescimento das exportações e na utilização dos recursos naturais. No verdadeiro contexto econômico nacional, isso não deixaria de ser uma ilusão, com seu limite objetivo na composição e na dinâmica da divisão capitalista internacional. E essa ilusão levou Zelaya a um de seus mais trágicos equívocos, quando enfrentou





o esquema de dominação da Nicarágua pelo imperialismo estadunidense, no que se refere à construção de um canal interoceânico; porque para aquela economia agroexportadora, que conseguia divisas para construir linhas telegráficas, edifícios públicos e as primeiras escolas secundárias do país, havia uma ambição maior de utilizar o recurso mais importante da riqueza nacional: sua geografia, que para aquele anseio ideológico de progresso, apenas esperava a mão da civilização para transformar a Nicarágua na ponte do comércio do mundo; a construção do canal era a panacéia definitiva daquele esquema de crescimento econômico. Como se vê, não se tratava de um assunto que se pudesse resolver com recursos internos, já que o país jamais teria a possibilidade de empreender uma obra semelhante; portanto, a mentalidade liberal voltava-se para uma potência estrangeira que pudesse encarregar-se da empresa que, como nenhuma outra, demandava uma enorme inversão de capitais e o mais formidável desenvolvimento tecnológico da época, tal como se via na construção, em curso, do Canal do Panamá. E foi no momento em que os Estados Unidos empenhavam-se febrilmente em concluir aquele canal que Zelaya pretendeu buscar outra potência extracontinental que tivesse recursos econômicos para fazer o mesmo na Nicarágua: a Alemanha ou o Japão. Essa pretensão provocou um choque frontal com os interesses imperialistas na área do Caribe, que, depois da guerra contra a Espanha pela posse de Cuba, já se transformava em uma fronteira estratégica de “segurança nacional” do imperialismo nascente. Mais tarde, em 1914, os Estados Unidos não teriam dificuldade em conseguir que o governo oligárquico conservador que substituiu Zelaya assinasse o tratado Chamorro-Bryan, não para construir o Canal, mas precisamente para não construí-lo; ou seja, para garantir que ninguém mais tentasse construir um canal pela Nicarágua enquanto estivesse operando o Canal do Panamá.

Aqueles grupos pecuaristas e comerciantes que poderíamos definir grosso modo como a oligarquia pecuarista, deslocada do poder em





1893 pela nova classe cafeeicultora de Zelaya, voltou ao poder em 1910, com o apoio direto dos Estados Unidos; o poder ou um simulacro do poder, porque a situação existente na Nicarágua, principalmente a partir de 1912, quando começou a intervenção militar *yankee*, era totalmente diferente: era o momento em que a cara do imperialismo para a América Latina tornava-se mais agressiva; era o momento da doutrina Roosevelt, que combinava a diplomacia do *Big Stick* com a diplomacia do dólar, pois, ao mesmo tempo que ocupavam territórios pela força (como no caso de Santo Domingo, Honduras, Haiti, Veracruz), também eram impostos aos países sob intervenção mecanismos de dominação financeira.

Nessa conjuntura, os Estados Unidos conseguiram um tríplice esquema de domínio na Nicarágua: o domínio militar imposto a partir de 1912, com a ocupação direta das tropas da marinha de guerra; o domínio político resultante de uma espécie de Emenda Platt, como a que se aplicara em Cuba; os “Pactos Dawson”, celebrados entre um representante especial do presidente dos Estados Unidos e o governo conservador, por meio dos quais se decidia como seriam realizadas as eleições, como se organizaria o governo, quem teria participação no governo e como seria paga a dívida do país; e, finalmente, o domínio econômico, que ia desde a imposição de empréstimos onerosos, comprometidos com uma série de bancos e companhias financeiras estadunidenses, até a hipoteca, vinculada a esses empréstimos, do que poderíamos chamar de áreas mais dinâmicas e produtivas da economia e da infra-estrutura fiscal: as rendas alfandegárias, as ações e rendas da estrada de ferro e as ações do novo Banco Nacional, com sede registrada nos Estados Unidos. Estavam também em mãos do aparato capitalista estadunidense as minas, as plantações de banana e a exploração das florestas; não havia um único setor estratégico daquela economia globalmente atrasada que não estivesse em poder dos Estados Unidos. De maneira que a facção conservadora oligárquica que voltou ao governo em 1909 não foi senão um intermediária-





rio burocrático da ocupação estadunidense; não tinha capacidade para investimentos internos e, portanto, nenhuma possibilidade de acumulação de capital. Por outro lado, fora da extração mineral, que não contava na balança comercial do país, veremos que a Nicarágua dependia apenas das exportações cafeeiras que, entre 1912 – para usar a data da ocupação militar – e 1926, quando os *marines* voltaram ao país, atingem os índices mais baixos da América Central, pois os plantios não alcançaram o crescimento dinâmico das últimas décadas do século 19.

Mas é importante neste momento observarmos – preparando-nos para chegar ao fenômeno do aparecimento de Sandino – que todo mecanismo de dominação econômica apresenta, ao mesmo tempo, um mecanismo de explicação ideológica: os grupos intermediários dominantes estavam preparados para aceitar a justificativa ideológica que a ocupação e a intervenção estadunidense apresentavam, pois as ocupações militares, as agressões contra os povos, nunca se mostram abertamente como tais: vêm envoltas em um celofane ideológico, em uma justificativa cultural, ideológica e política. Esses grupos intermediários, que não apenas aceitaram a intervenção mas também se abriram a ela totalmente, estavam condicionados a agradecer e a julgar a ocupação estadunidense como salvadora e civilizadora. Tanto Adolfo Díaz quanto Emiliano Chamorro e Carlos Cuadra Pasos, assim como mais tarde José María Moncada, estariam prontos a pular em defesa da intervenção, em nome de sua classe e a oferecer uma melosa e impudica cumplicidade com o disfarce ideológico do mecanismo de dominação: a intervenção estadunidense foi enaltecida como um fato civilizador que compreendia uma atitude humanista, aplaudindo-se a criação do termo panamericanista, que os Estados Unidos inventaram na época para justificar suas agressões no continente; repetia-se, também, que a intervenção, como mal necessário, apenas tentava ajudar povos mais atrasados, irmãos menores, a encontrar o caminho do progresso, da civilização e da estabilidade. Mas





não devemos esquecer que todas essas justificativas ideológicas jamais foram engendradas na Nicarágua: provêm do centro metropolitano de dominação, refletindo-se aqui, e aqui recebendo uma reelaboração, um toque nativo.

Para resumir essa situação, diríamos que, a partir de 1910, o que existe na Nicarágua é uma facção oligárquica reduzida a intermediária burocrática, que nem sequer é parte de uma aliança com os eixos de poder financeiro dos Estados Unidos, que cravou suas garras na Nicarágua, mas que apenas se presta a uma dócil submissão, enquanto permite que o país seja despojado de seus principais meios econômicos.

Se por um lado podemos concluir que o fato da intervenção frustra o projeto de Estado nacional, e que até então não conseguiu desenvolver-se plenamente o que poderíamos chamar de burguesia local, não podemos concluir tampouco que exista no país uma classe operária consolidada, como contraparte dessa burguesia nacional ausente. Em que consistem as classes sociais populares, os grupos sociais populares, em 1927, na Nicarágua? Teríamos, principalmente, no setor rural, os peões agrícolas que se ocupam do cultivo estacionário do café, e que ao mesmo tempo são parceiros, colonos ou meeiros de pequenas parcelas de milho e feijão nas reduzidas áreas cultivadas, sem esquecer que a distribuição da terra tem a ver com a baixa densidade de população da Nicarágua na época, e com o que poderíamos chamar os limites estreitos da “fronteira agrícola”: a concentração mais densa da população do país encontrava-se na zona do Pacífico, nos departamentos de Rivas, Granada, Masaya, Manágua, León; há muito baixa densidade de população nas áreas do Norte, sobretudo nas Segovias, para não falar da quase nula densidade da área atlântica. Por outro lado, a população dos latifúndios pecuários do país também era formada por peões; e uma ínfima concentração operária nos trabalhos de extração mineral, nas plantações de banana e nos acampamentos de corte de madeira, disseminados por lugares





muito afastados, como era o caso das extrações minerais em Siuna, Bonanza, Rosita, San Albino, La Libertad, e nas explorações de madeira do Atlântico. Não houve na Nicarágua, e esta é uma característica muito importante, enclaves de plantações de banana consideráveis, como os que existiam em Honduras, Costa Rica ou Guatemala, que por sua concentração humana permitiram desde então mobilizações por reivindicações da classe trabalhadora como tal, e o nascimento de partidos e organizações sindicais que representavam os interesses da classe trabalhadora; o enclave de plantações de banana está ausente em geral da história da Nicarágua. O que se poderia chamar a classe trabalhadora urbana tem uma característica artesanal fundamental e os pedreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros formam seus primeiros sindicatos no primeiro quarto do século, na forma de organizações mutualistas e recreativas, sem que com isso queiramos dizer que não encabechem, em várias ocasiões, movimentos reivindicatórios.

Isso nos leva a ver também a debilidade dos setores médios; sem uma burguesia nacional, e sem uma classe operária definidas como tais, há uma conseqüente debilidade do que poderíamos chamar os setores médios. Existe uma exígua burocracia em torno do Estado; existem os pequenos e médios comerciantes, os proprietários de glebas pequenas e médias, geralmente improdutivas, os intermediários agrícolas, os profissionais liberais; mas sua força social pouco se fazia sentir e os grupos dominantes assimilavam-nos e acomodavam-nos facilmente.

É importante fixar esta circunstância porque, a partir de uma posição bastante teórica, às vezes questiona-se por que Sandino, que aparece na Nicarágua como líder de uma causa antiimperialista e antioligárquica, não é também o representante de uma classe operária. Por que Sandino não encarnava os interesses da classe operária, da vanguarda da classe operária organizada na Nicarágua, e suas reivindicações não eram as reivindicações de um partido organizado em defesa dos interesses da classe operária? Porque não era essa a





circunstância histórica do país e não seria essa a maneira de ver a luta sandinista, que encarnou com caráter de classe a perspectiva popular de um enfrentamento armado contra a intervenção estrangeira e seus aliados locais. Quando, em países da América Latina, como Uruguai, Chile, Argentina, já ocorrera o surgimento de uma classe operária e de uma burguesia nacional, a resposta dessas burguesias nacionais à grande depressão mundial de 1929, por exemplo, foi uma rápida capitalização interna para desenvolver a produção de bens industriais. Mas, na Nicarágua, diante da falta de geração de recursos internos de capital, o que temos é uma facção dominante, intermediária do imperialismo, exposta e disposta à intervenção militar e econômica estrangeira.

O que nos leva a examinar um problema que ideologicamente é importante no contexto da luta sandinista: o problema da nacionalidade. A falta de consolidação de uma burguesia nacional debilita o sentido da nacionalidade como valor a ser defendido pelos grupos dominantes locais, que sequer se preocupam em proteger a pátria oligárquica de seus ancestrais proprietários de terras. A nacionalidade, que passaria a ser a cabeça do espectro ideológico de outras burguesias latino-americanas, que a opõem, como parte de seu projeto de desenvolvimento capitalista interno, a forças capitalistas internacionais, ficou ausente nessa etapa de dominação externa, florescendo, então, como em nenhuma outra parte, a vocação vende-pátria, um estigma que se tornou histórico. Isso tem a ver também com as circunstâncias em que se desenvolveu a história da América Central: o fato de que a independência no século 19 é político mais do que armado. A independência foi uma manobra dos *criollos*, filhos dos espanhóis, que não custou sangue como na América do Sul; e tal desenlace teve a ver com o desenvolvimento subsequente das classes sociais, pois as lutas armadas ocorreram depois da independência, centradas na sobrevivência do Estado federal morazânico de corte liberal, contra o projeto oligárquico de fragmentação nacional.





A circunstância mais dura de defesa da nacionalidade ocorreu na Nicarágua, em 1856, com a Guerra Nacional, que atingiu toda a América Central. A derrubada de Zelaya pelos Estados Unidos significou também a frustração de um projeto de afirmação nacional; e o general Benjamin Zeledón, quando se opôs com as armas à intervenção militar estrangeira na Nicarágua, em 1912, já no contexto da dominação imperialista, deu uma nova dimensão à luta histórica antiintervencionista, que não cessou nunca na Nicarágua. Mas, de 1912 a 1925, o que existiu foi um esforço concentrado de destruição da nacionalidade nicaragüense, a cargo do imperialismo e de seus intermediários locais, pois o projeto político da ocupação militar é o protetorado. Parte desse projeto é proposta em termos ideológicos: o afã de demonstrar a excelência econômica que a dominação acarreta, o que por sua vez se sustenta em uma superioridade racial: o *yankee* é mais poderoso, é mais hábil, porque sua raça é superior; e é digno de admiração, e de imitação, porque foi capaz de desenvolver um sistema de produção e de progresso infinitamente superior ao da Nicarágua. E a complacência e a cumplicidade dos grupos dominantes locais leva-os a encampar esse projeto ideológico, buscando refleti-lo em todos os aspectos da vida nacional.

Não existe, portanto, uma burguesia nacional disposta a opor aos valores ideológicos e culturais da ocupação uma cultura e uma ideologia próprias. Os grupos dominantes contentam-se com o papel de servir de correia de transmissão de todo o aparato ideológico que traz consigo a intervenção estadunidense. Sem essa circunstância histórica, a bandeira sandinista da nação e da nacionalidade teria apenas um valor sentimental; e precisamente, o pensamento sandinista tem um valor revolucionário porque expressa em uma consciência popular em choque com uma consciência “vende-pátria” na circunstância concreta em que lhe cabe operar sua resistência e não em um conglomerado de valores ideológicos abstratos. O pensamento sandinista não é um conjunto teórico, concebido *a priori*, mas um conjunto prático,





conseqüência da luta e de seu contexto, como não pode deixar de ser todo pensamento revolucionário.

Em 1925, os *yankees* retiraram-se militarmente da Nicarágua, quando acreditaram ter adquirido estabilidade suficiente para seu protetorado, e porque a presença de suas forças militares no exterior não deixava de ter um custo político interno. Mas não deixa de ser irônico que os afilhados preferidos do imperialismo tenham sido os que então se rebelaram contra o esquema estabelecido: saindo, os *yankees* deixaram o governo em mãos de uma fórmula que não representava diretamente os interesse oligárquicos de Díaz e Chamorro, mas que, na tradição política que os Estados Unidos estabeleceram em nossa pátria, juntava as célebres paralelas históricas: Carlos Solórzano, conservador destemido, e Juan Bautista Sacasa, cabeça da oligarquia liberal de León, foram os elementos dessa soma liberal-conservadora que supostamente daria ao país a estabilidade suficiente antes que as tropas estrangeiras se retirassem da Nicarágua. Mas não contaram com as forças políticas primitivas, muito mais primitivas do que o esquema de dominação requeria naquele momento; e assim, aqueles afilhados mais queridos da intervenção, Emiliano Chamorro e Adolfo Díaz, aplicaram um golpe de Estado ao governo de Solórzano.

Aqui devemos explicar o que significa nesse contexto uma guerra como a de 1926, depois daquele golpe de Estado, com as mesmas características sociais das guerras de facções do século 19. Como antes, tratava-se de caudilhos proprietários de terras e, conseqüentemente, de caudilhos militares, que arrastavam para as guerras internas os servos da gleba nicaragüense: os camponeses sem terra, os artesãos que, como parte de seu tributo de trabalho, também tinham que pegar um rifle e ir para a guerra.

É por isso que a resposta de Sandino, em meio a essa guerra de facções, introduzia pela primeira vez a variável popular; mas, também, no momento em que se iniciava na Nicarágua a Guerra Constitucionalista de 1926, quando os liberais levantavam-se em defesa





do cumprimento da constituição, que estabelecia que ao presidente deposto devia suceder o vice-presidente liberal, a situação tinha um pano de fundo muito mais complexo; não podemos ver essa guerra isolada do panorama internacional.

O exército liberal de Moncada, que pretendia recolocar Sacasa na presidência, começava a receber ajuda do governo de Plutarco Elias Calles, do México, que mantinha uma disputa acirrada com os Estados Unidos por questões petrolíferas. O apoio à facção liberal ocorre no seio dessa contradição e em meio a acusações do governo *yankee* aos “bolcheviques mexicanos” de estar ajudando os “bolcheviques da Nicarágua”; tudo isso serviu de pretexto para os Estados Unidos ampararem militarmente a facção conservadora no poder por meio dos bloqueios navais que impediam a mobilização de tropas liberais nas zonas que o exército estadunidense decidira declarar neutras. E embora se tratasse de uma guerra entre oligarquias, não poderíamos dizer que a marcha do exército liberal, partindo de Puerto Cabezas e Prinzapolka até o departamento de Boaco, não fosse uma marcha que em determinado momento obtivera um certo apoio popular; esse apoio é facultado não apenas pela presença de Sandino em suas fileiras, mas também pelo fato de que os liberais lutam contra quem governara o país durante 15 anos com o apoio da intervenção *yankee*, fato que permanecia na consciência do povo; mas, no momento em que Moncada decide entregar as armas em Tipitapa, automaticamente produziu-se uma reconciliação dessas facções entre si e, ao mesmo tempo, com o imperialismo estadunidense, com o que se fecha um triângulo que a partir daquele momento adquire um caráter antipopular. Foi então que a luta ganhou um verdadeiro caráter de classe no país.

A luta de Sandino contra os *yankees* não foi a luta da burguesia nacional contra a ocupação militar estadunidense, mas a luta do povo, como classe, que assumia em armas a defesa da nação e da nacionalidade; foi a luta dos mineiros, dos artesãos, dos pequenos agricultores,





dos peões agrícolas, que tomaram as armas e se organizaram para combater a ocupação e suas seqüelas de dominação política. E, devido à composição popular do exército libertador, à projeção ideológica que no fundo tem essa luta, ao momento histórico em que está inscrita, possui um caráter de classe, independente de que em um contexto teórico receba ou não orientações de caráter classista. Esse seria um assunto a ser discutido de outra maneira. Mas na práxis, no combate diário, na expressão ideológica desse combate, a luta de Sandino foi uma luta de caráter nitidamente popular.

Quando Moncada entregou seus rifles a Stimson, as duas facções dominantes em luta cerraram fileiras em torno da tese *yankee* de que a reconciliação oligárquica apenas podia passar por uma articulação de caráter eleitoral supervisionado pela própria intervenção; a essa solução curvaram-se tanto os conservadores quanto os liberais. A luta armada terminou no momento em que foram oferecidas ao Partido Liberal de Moncada garantias de que poderia vir a ganhar as eleições de 1928, e ao Partido Conservador de Adolfo Díaz a garantia de concluir seu período. A partir desse acerto, tratava-se de prestigiar a intervenção ideológica e cultural e de desprestigiar a luta de Sandino. Prestigiar a intervenção de acordo com a tese de que é necessário impor a paz e solucionar de uma vez a situação de guerra intestina, como mal endêmico do país; que se necessita de ordem e que essa ordem só poderá ser imposta de fora; que os nicaragüenses não são capazes de obter a estabilidade interna por seus próprios meios; que os estadunidenses vêm fazer aqui um trabalho de irmão mais velho a que se deve agradecer.

Todos esses conceitos foram expostos pelo dr. Carlos Cuadra Passos, como embaixador do governo de Adolfo Díaz na VI Conferência Panamericana de Havana, em janeiro de 1928, quando precisamente estava se criando um clima de resistência às intervenções armadas dos Estados Unidos na América Latina, e alguns dos países presentes tentavam articular uma frente política para enfrentar as pretensões





expansionistas estadunidenses. Portanto, a luta de Sandino adquire um caráter antioligárquico, que é ao mesmo tempo antiimperialista, porque há uma aliança evidente entre o imperialismo e a oligarquia na Nicarágua e que é, por sua vez, uma aliança antipopular. E o único apoio da luta sandinista foi o apoio popular. Uma das propostas centrais de Sandino era, portanto, romper o domínio político das paralelas históricas como criação da dominação externa e buscar a formação de um terceiro partido que representasse uma aliança de camponeses, artesãos, profissionais, pequenos e médios proprietários que pudesse abrir uma brecha na paralela histórica sustentada pelos Estados Unidos.

Mas não vamos dizer que essa contradição possa ser afirmada em termos absolutos, que se possa expressá-la quantitativamente, isto é, a oligarquia contra todo o povo; Sandino encabeçou um setor popular reduzido que, por sua vez, interpretou os interesses nacionais como uma vanguarda histórica. Não nos esqueçamos que, dos 10 mil soldados mobilizados na Guerra Constitucionalista, todos, ou quase todos, sob o estímulo de seus próprios generais, aceitaram a rendição assim como aceitaram receber as dez córdobas por rifle; e o próprio Sandino nos explica que ficou com 30 homens depois que os fracos e os que tinham deveres de família abandonaram suas fileiras; porque, daí em diante, apenas continuariam a luta aqueles capazes de um desprendimento total que passaram a fazer parte de uma verdadeira vanguarda militar. Já era uma luta que teria um caráter de absoluto sacrifício, que seria longa e difícil e cujo objetivo principal era provocar no continente uma reação colossal que pressionasse a retirada das tropas *yankees* da Nicarágua, o que era também uma forma de vitória militar, como de fato ocorreu.

Efetivamente, Sandino obteve a retirada dos *yankees* depois de seis anos de luta porque soube inscrever a luta em um contexto continental, inseri-la em uma conjuntura múltipla, estender sua bandeira de rebeldia que chegou a ser, mais no estrangeiro do que





na Nicarágua, uma bandeira continental. Enquanto aqui os grupos dominantes empenhavam-se em desprestigiar a luta sandinista, em reduzir Sandino a um simples bandoleiro, no resto dos países latino-americanos seu prestígio ia crescendo, alcançando seu ponto máximo quando Sandino decidiu ir ao México, no ano de 1929.

O pensamento sandinista

Há dois elementos fundamentais que devemos necessariamente considerar no que se refere ao pensamento sandinista. Em primeiro lugar, não devemos ver suas cartas, documentos, proclamações, como um corpo estático, mas como um corpo ideológico com uma dinâmica no contexto contemporâneo. Só podemos ler Sandino no contexto dessa dinâmica, visto que a guerra contra a ocupação estrangeira não terminou em 1933, mas continuou em 1933, e que a luta de Sandino não foi mais do que uma parte de toda essa guerra, que desembocou na vitória de 19 de julho de 1979.

A reação e o somozismo quiseram que acreditássemos, por muito tempo, que a luta de Sandino terminara com sua morte e que era um capítulo encerrado. Ao contrário, o interesse do sandinismo, como diz Carlos Fonseca, sempre foi reviver a figura e o pensamento de Sandino, como guia político de toda a luta. Em segundo lugar, o pensamento de Sandino não é uma proposta teórica, mas uma consequência da práxis; os que quiserem encontrar em Sandino explicações claras, ordenadas, sobre meios de produção, vão malograr, porque Sandino não é um teórico, mas um homem de ação, que como consequência da ação traduziu em palavras sua experiência de guerra, sua experiência revolucionária, sua experiência política. E mesmo nesses escritos não podemos encontrar o pensamento de um homem preparado cientificamente, mas o de um “artesano leído”, como diríamos em bom nicaragüense; o de um camponês que se tornou político na luta, e que em meio à luta encontrou as formas de expressão política de seu pensamento, com base em um interesse fundamental que era seu





interesse de classe; porque também é necessário ver ao lado de quem esteve e contra quem esteve para definir sua verdadeira posição.

Doravante, poderíamos destacar três elementos fundamentais do pensamento sandinista: seu caráter antiimperialista, seu caráter antioligárquico e, como conseqüência, seu conceito de justiça social. Mas pareceria talvez estranho ordenar um pensamento por sua antítese e não por sua tese. Então, invertendo-os, veremos que os elementos fundamentais do pensamento sandinista seriam a soberania, a autonomia nacional, a nacionalidade, que se opõem ao imperialismo enquanto conceitos populares e de classe. E, ao propor a substituição das paralelas históricas oligárquicas por uma força política nova, que expressasse os interesses de uma aliança de conteúdo popular, pensava em uma aliança para se opor à oligarquia, que era também uma aliança antiimperialista.

Assim se explica que, nos últimos dias de sua vida, quando cessa a ação militar e passa à ação política, sua ambição era constituir o Partido Autonomista, o partido trabalhista da Nicarágua.

No que se refere à posição antiimperialista de Sandino, esta não dá a seu pensamento e a sua luta um caráter simplesmente local, mas consegue projetá-los como tema latino-americano, como tema continental; muitos dos esforços políticos de Sandino foram dirigidos a conscientizar a América Latina de que deveria assumir uma posição unida contra o imperialismo e a convencer o continente de que, naquele momento, na Nicarágua, estava posta à prova, nada mais, nada menos do que a resistência de toda a América Latina contra o imperialismo.

Em muitas cartas a presidentes latino-americanos e dirigentes do continente, vemos expresso o anseio permanente de dar uma moldura política à unidade latino-americana, como forma de opô-la à ingerência imperialista na América Latina. Mesmo sua idéia quanto à construção do canal é latino-americanista, como podemos ver neste texto:





Desejo que, uma vez que a natureza dotou nossa pátria de riquezas invejáveis, e nos situou como ponto de reunião do mundo, e que esse privilégio natural fez com que fôssemos cobiçados até o extremo de quererem nos escravizar, por isso mesmo, anseio romper as amarras com que nos atou o nefasto chamorrismo. Nossa jovem pátria, essa morena tropical, deve ostentar em sua cabeça o gorro frígio¹² com o belíssimo lema simbolizado por nossa divisa vermelha e negra, e não a que foi violada por aventureiros morfomaniacos *yankees*, trazidos por quatro espantalhos que dizem ter nascido aqui em minha terra. O mundo seria um desequilíbrio se permitisse que apenas os Estados Unidos da América do Norte fossem donos de nosso canal, pois seria o mesmo que ficar à mercê do colosso do Norte, de quem teriam que ser tributários os absorventes de má-fé que querem aparecer como donos sem que justifiquem tal pretensão. A civilização exige que se abra o canal da Nicarágua, mas que isso seja feito com capital do mundo todo e não exclusivamente da América do Norte, pois pelo menos a metade do valor das obras deverá ser com capital da América Latina e a outra metade, dos demais países do mundo que desejem possuir ações dessa empresa; e que os Estados Unidos da América do Norte apenas possam ter os 3 milhões que deram aos traidores Chamorro, Díaz e Cuadra Pasos. E a Nicarágua, minha pátria, receberá os impostos que por direito e por justiça lhe correspondem, com o que teríamos suficientes ingressos para cruzar com estradas de ferro todo o nosso território e educar nosso povo no verdadeiro ambiente de democracia efetiva e assim sermos respeitados e não vistos com o sangrento desprezo que hoje sofremos.

Se a idéia de construir o canal persistia na Nicarágua como panacéia do progresso, essa era a resposta sandinista frente à outra concepção, imperialista. Sandino via a construção do canal como algo inevitável; via, logicamente, que na Nicarágua não existiam os recursos de capital suficientes para a construção desse canal e, portanto, admitia que devia ser uma empresa internacional. Mas uma empresa

¹² Símbolo da Revolução Francesa. (N. T.)





internacional em que os interesses da soberania fossem garantidos, e a América Latina como tal pudesse ocupar um espaço decisivo, limitando a influência política e militar dos Estados Unidos. Não esqueçamos que quando Sandino escreveu esse texto pesava sobre a Nicarágua o tratado Chamorro-Bryan, então em plena vigência.

A idéia de uma aliança latino-americana é permanente na concepção de luta antiimperialista de Sandino. E é essa dimensão antiimperialista que nos serve para explicar por que Sandino insistia sempre em conceitos como soberania, autonomia, nacionalidade, opondo-os a imperialismo, nas circunstâncias históricas concretas em que se encontrava a Nicarágua, ocupada por uma potência estrangeira. Sandino estava resgatando esses valores de qualquer outro âmbito, para situá-los no âmbito popular dos interesses que defendia com as armas.

Se, de uma perspectiva de classe diferente da popular ouvimos falar agora de soberania, de autonomia, de nacionalidade, vamos ver que são conceitos vazios, porque os grupos tradicionais dominantes jamais os defenderam ao longo da história do país, nem durante o somozismo, nem antes do somozismo. A oposição dos grupos tradicionais ao somozismo nunca se resolveu em termos de questionar o fato de Somoza ter o apoio dos *yankees*; de que a ditadura, como expressão de domínio estrangeiro, estivesse contra a autodeterminação, contra a soberania do país; como antes, sempre disputaram o poder da perspectiva de quem deveria ser o melhor afilhado dos Estados Unidos, e não de quem deveria opor-se aos Estados Unidos para tirar do poder a família Somoza. Quando, apesar de sua vontade de classe, no final do caminho, e já frente ao fato irreversível da derrubada da ditadura, deixam-se ir na corrente insurrecional encabeçada pela Frente Sandinista, fazem-no simplesmente com a idéia de obter um novo entendimento com os Estados Unidos: tal é o significado, por exemplo, da reunião que os empresários e dirigentes de partidos de direita realizaram na Venezuela, dois dias antes da queda de Somoza,





estimulados pelo departamento de Estado a buscar um entendimento que salvasse o fator de equilíbrio do poder que consideravam que devia permanecer depois de Somoza, a Guarda Nacional, concebida sempre como instrumento de um poder que estava mais ao Norte, nos Estados Unidos.

É por isso que, voltando a Sandino e decompondo seus conceitos antiimperialistas e antioligárquicos, encontramos um elemento ainda mais concreto, e que poderíamos chamar seu elemento anti-guarda-nacional, também uma constante no pensamento sandinista. Sandino vê, desde o começo, a Guarda Nacional como o verdadeiro fator do poder estadunidense na Nicarágua; e a Frente Sandinista vê até o final a Guarda Nacional como fator determinante do poder estadunidense na Nicarágua. E assim explicamos essa dinâmica do pensamento sandinista: o que, em última instância, custa a vida a Sandino é seu total desacordo com a existência da Guarda Nacional, sua não aceitação da Guarda Nacional. Esse elemento de desacordo fundamental continua presente até o triunfo da revolução; e quando a Guarda Nacional é destruída como aparato de dominação interna e externa, resolve-se toda a contradição histórica proposta por Sandino; a derrota militar é, por fim, uma derrota do imperialismo e a derrota de qualquer projeto alternativo de classe diferente do projeto popular triunfante.

A luta armada, com o pretexto da opção civilista ou eleitoral, quase sempre foi evitada pelos setores tradicionais na oposição ao somozismo, como fora abordada antes, historicamente, pelos doutrinários conservadores, e pelos pactuários liberais do Espino Negro, em 1927. Pensava-se na paz e na estabilidade, mas em uma paz e em uma estabilidade que só poderia ser imposta por um conchavo organizado à imagem e semelhança de um exército de ocupação. A insistência em uma saída eleitoral, a possibilidade de que a ditadura pudesse ser derrotada em eleições livres e, claro, supervisionadas, continua presente não apenas como atitude ingênua de um liberalismo decadente





nas figuras de Leonardo Argüello ou Ramiro Sacasa; mas também nas opções oportunistas do caudilho conservador Fernando Agüero. Sandino diria – e seu eco haveria de golpear o presente:

No entanto, já no teatro dos acontecimentos, percebi que os dirigentes políticos, conservadores e liberais são um bando de covardes, canalhas e traidores incapazes de dirigir um povo patriota e corajoso. Abandonamos esses dirigentes e entre nós mesmos, operários e camponeses, improvisamos nossos chefes. Ainda nestes dias de tanta luz e exemplo, os fracassados políticos continuam disputando as carícias do chicote estrangeiro, e como cães e gatos dentro de um saco, estão brigando para alcançar uma presidência baseada na supervisão externa, que não permitiremos.

Mesmo depois do triunfo revolucionário, quanta atualidade têm essas frases. Aqueles que foram deslocados historicamente pela destruição da Guarda Nacional e pela vitória popular de 19 de julho continuam maquinando a recuperação do poder por meio de eleições supervisionadas; em primeira instância, esse é o conceito que vocês verão aparecer reiteradamente ao longo dos próximos meses de luta ideológica. Os deslocados do poder, os que perderam sua opção histórica de acesso ao poder político, vão aferrar-se a essa idéia de eleições supervisionadas, porque em termos políticos não concebem alternativa de “garantia” para recuperar seus interesses, salvo a instância final da contra-revolução armada. É por isso que esses conceitos relativos à oligarquia, ao imperialismo e à Guarda Nacional são indissolúveis no pensamento sandinista. Podemos vê-los como aspectos diferentes de um mesmo corpo ideológico, interrelacionados no que foi a luta de Sandino, e presentes na conjuntura atual.

Dizia-lhes que, se houve quem se decidisse a lutar contra os *yankées* em 1927, assumindo como opção a luta armada, foi também porque acalentavam interesses concretos, como no caso dos mineiros e dos camponeses sem terra, que traduziram esses interesses concretos na defesa de valores que tinham a ver com a circunstância histórica dessa luta, nacionalidade, soberania, antiintervencionismo. Mas nessa





mesma ordem de valores há também um segmento social que marca idéias fundamentais sobre a transformação do país.

Quando um jornalista basco, Ramón de Belausteguigoitia, perguntou a Sandino, em 1933, sobre o caráter agrário da luta, este lhe respondeu algo que agora poderia nos parecer um pouco conservador, ou fora de foco; disse-lhe que na Nicarágua não se propunha uma luta agrária como a de Zapata no México, o que é correto; a situação da posse da terra entre 1927 e 1933 era muito peculiar; com uma baixa concentração de população, havia uma quantidade apreciável de pequenos proprietários que cultivavam milho e feijão em extensões de escasso adensamento no Norte no Pacífico, enquanto existia também o latifúndio cafeeiro e pecuário. Sandino pensava na reforma agrária em termos da ampliação da fronteira agrícola, concretamente, na direção da sua zona de operações de guerra, que era o Nordeste de Nueva Segovia e Jinotega, na direção do rio Coco e do Atlântico, toda uma zona virgem de enorme potencial; e pensava na reivindicação agrária, em termos de assentamentos de cooperativas nessa zona: a organização da cooperativa de Wiwilí é um exemplo do que pretendia, uma cooperativa de camponeses, onde foram cultivados fumo e grãos básicos e na qual podia-se lavar ouro e serrar madeira.

Mas não podemos ver essa forma de enfocar as reivindicações agrárias isolada de todo o contexto da luta porque em última instância o que persiste em Sandino é o projeto fundamental da tomada do poder. Nenhuma reivindicação social, nenhuma idéia de nacionalidade dos recursos naturais, minas e florestas, nenhuma idéia de transformação estrutural na produção, educação, desenvolvimento técnico pode ser concebida sem o deslocamento das paralelas históricas oligárquicas atadas ao imperialismo, e sem o advento de uma forma de poder popular. E é por isso que, quando de acordo com a conjuntura da luta, Sandino cessou a resistência armada, continuou vigente seu projeto de tomada do poder, mas pensando em uma trégua das armas enquanto se produzia uma acumulação diferente de forças,





tendo como foco permanente a eliminação das paralelas históricas e a eliminação da Guarda Nacional.

Se analisássemos essa concepção da luta com um critério imediatista, iríamos considerá-la um fracasso. Mas se tomarmos a epopéia de Sandino como a base de uma luta histórica, que sequer começa ali, mas que tem antecedentes em todo nosso passado de resistência popular, então, verdadeiramente, ela adquire uma dimensão de eixo na história de libertação da Nicarágua: uma luta que vai desembocar mais tarde na Frente Sandinista. É por isso que a luta sandinista de 1927 a 1933 deve ser considerada como a matriz de uma dinâmica histórica, que esteve sempre permeada pelo pensamento de Sandino, expresso em suas concepções reais: o antiimperialismo, sua posição antioligárquica, seu critério sobre a transformação integral do país, concebida em termos de justiça social; visto, sobretudo, como um pensamento de raiz popular, que encarna uma posição popular e interpreta uma posição popular, a posição dos mineiros, dos artesãos, dos agricultores sem terra, dos pequenos proprietários, de todos os que estavam lutando com Sandino naquele momento. Seu pensamento não interpreta a posição de nenhum grupo oligárquico ou latifundiário, pois já sabemos perfeitamente de que lado estava: são os humildes, que tinham decidido ir à luta com as armas na mão, os que falam pela boca de Sandino. É por isso que não podemos ver o nacionalismo de Sandino fora do contexto de classe em que está colocado; nem as bandeiras da soberania e da liberdade, que estão no pensamento de Sandino, fora dessa concepção verdadeiramente popular; e é só a partir dessa concepção que podemos defender e aplicar o pensamento sandinista, prontos a utilizá-lo no futuro no contexto da luta ideológica contra a apropriação de Sandino pelos setores aliados; portanto, devemos estar preparados para defender a figura e o pensamento de Sandino de uma perspectiva revolucionária.

Entre as armas ideológicas mais apreciadas pela reação estará dar à figura de Sandino um tom interclassista, para assim neutralizar





toda a sua carga política na atual perspectiva; a partir daí ficará mais fácil para eles passar à nuance estritamente nacionalista de Sandino, um nacionalismo tradicional e não militante e armado como verdadeiramente foi, realizado na história como um valor antitético da intervenção militar e da dominação imperialista; e essa luta será travada com um caráter obstinadamente anticomunista, para apresentar Sandino como uma figura anticomunista; seguramente esse argumento será esgrimido com base em determinadas circunstâncias que naquela época fizeram o movimento comunista internacional entrar em contradição com as posições políticas sandinistas, que, antes de uma definição e de um alinhamento de caráter partidário, levavam em conta a conjuntura múltipla e complexa do momento como já tentamos explicar.

Mas, se de alguma maneira é possível manipular essa contradição, muito mais difícil ou impossível é conseguir demonstrar que Sandino alguma vez deixou de opor-se à dominação imperialista; e que não tenha deixado de ver essa dominação de uma perspectiva continental. Ao mesmo tempo, aquela contradição deveria ser incluída, não na conta de Sandino, mas na daqueles que tentaram enquadrá-lo em um marco sectário, que ele corretamente repudiou porque soube ver com extraordinária clareza que em torno da luta antiimperialista, devia somar-se no continente e no mundo uma série de esforços e forças de diferentes matizes ideológicos para fortalecer a posição que ele defendia com as armas na mão, de acordo com as circunstâncias em que a guerra se desenvolvia.

O caráter antiimperialista da luta de Sandino é indissolúvel de seu caráter antioligárquico, e essa é a perspectiva histórica que não podemos perder; não deixar-nos seduzir por circunstâncias alheias à dinâmica de todo o processo; não deixar de lembrar que Sandino, antes de mais nada, declarou sua origem de classe; disse ao mundo quem era, “operário, artesão, como se diz por aqui”, com orgulho e decisão. Com Sandino, os descalços, os pés rachados, os fundilhos rotos, os





índios analfabetos tomaram a história em suas mãos, iluminando-a com suas façanhas e com sua coragem; tinham tomado a decisão de não retroceder nunca, jamais.







IDEÁRIO POLÍTICO DO GENERAL SANDINO

(TRECHOS DE CARTAS, COMUNICADOS
E MANIFESTOS DE SANDINO)







A ira do povo

Conceitos guerrilheiros

As guerrilhas da integridade nacional vão adquirindo dia-a-dia experiência e conhecimento admiráveis, e por essa razão torna-se muito difícil para o inimigo surpreendê-las, já que este sofre sempre as primeiras descargas, o que começa a desmoralizá-lo desde que tem início cada confronto.

Ânimo, nicaraguenses! Aproxima-se a hora da libertação; mas nela só estaremos unidos quando souberem corresponder ao exército defensor de sua soberania, formando em suas fileiras como soldados dispostos a tudo, inclusive a dar ou a receber a morte. Aproxima-se a hora de pôr fim à escravidão. Já o invasor procura levantar acampamento convencido de que o nosso exército aumenta a cada dia e de que, se suas colunas estiveram apenas nas Segovias, hoje estão nas cidades do interior.

Nossa tática consiste em manter sitiados povoados e cidades dos departamentos em que opera nosso exército.

A liberdade não se conquista com flores, mas à bala.

Meus queridos irmãos: nosso exército, pela magnitude de sua luta, constitui uma autoridade moral continental e, no ambiente de simpatias com que conta no mundo, conseguiu a expulsão completa dos piratas estadunidenses da Nicarágua.

Combate na solidão e no isolamento

Estamos sós. A causa da Nicarágua foi abandonada. Nossos inimigos não serão, de hoje em diante, as forças do tirano, mas os *marines* do império mais poderoso que a história já conheceu. É contra eles que vamos combater.





(...) a luta continuou na Nicarágua tão intensa como antes, mas o dinheiro estadunidense nos relegou ao silêncio.

Nossa causa foi se debilitando no exterior pela falta de comunicação, pela falta do intercâmbio espiritual que nos anima na luta. O dinheiro estadunidense, de outra parte, compra gente e interpõe influências para restringir nossas notícias no exterior; esse isolamento nos aniquila.

Fazem-nos falta, não armas, nem dinheiro, nem munição, mas o apoio moral, a simpatia que sempre tivemos de todos os povos da América. Angustia-nos o silêncio, o isolamento, o desespero de permanecer ignorados. Precisamos que o mundo saiba que ainda estamos na luta; por isso deixei a Nicarágua.

Uma vez mais devemos nos convencer de que estamos sós e de que não temos outra saída senão vencer ou morrer.

(...) não dispomos do apoio de nenhum governo indo-hispânico e muito menos de qualquer outra nação do globo. A Nicarágua está direta e unicamente representada por nosso exército e, portanto, confiada a seus próprios esforços e recursos. Por esse motivo foram dadas ordens a nossas colunas expedicionárias para que recebam, de nacionais e de estrangeiros, tudo o que é indispensável a sua manutenção.

A ira do povo

Agora que o chefe dos aventureiros traidores desafiou-me e que eu, como legítimo filho de minha raça, aceitei com honra o desafio, todos os comentários a essa mensagem ameaçadora são bem-vindos, porque meu sangue indígena rebelou-se pela majestade da pátria. Uma vez mais queria demonstrar aos lacaios de Wall Street e aos assassinos de Coolidge que ser humilde não significa ser covarde. E que, portanto, a Nicarágua possui filhos legítimos que têm orgulho de serem nicaragüenses.

O patriotismo que o senhor F. Sellers invoca, foi o que me manteve repelindo a força com a força, desconhecendo em absoluto toda





intromissão de seu governo nos assuntos internos de nossa nação, demonstrando que a soberania de um povo não se discute, mas se defende com as armas na mão.

(...) toda ingerência estrangeira em nossos assuntos só acarreta perda da paz e ira do povo.

Ânimo, nicaragüenses! Eles, os bárbaros do Norte, querem despedir-se de nós deixando suas bofetadas impressas em nossos rostos. Pois bem, que assim seja! Para que a ação reivindicadora não se faça mais esperar e para que se cobre a conta golpe por golpe, olho por olho e assim saibam os *yankees* o respeito que se deve à liberdade dos povos.

Mesmo nos casos em que nosso exército ordena o fuzilamento de traidores, isso é feito por extremo amor à liberdade. E apenas se fuzila os que atentam contra essa liberdade, tentando impor uma escravidão que repudiamos com ira sagrada.

Já provamos, até onde foi possível, que a força do direito esgrimida com força pode mais que o direito da força bruta.

Cada um de vocês, nicaragüenses, é um soldado desse exército

O povo sadio convenceu-se de que é preciso ser, antes de mais nada, nicaragüense e não escravo de conquistadores e traidores. Por esse motivo é que, refletindo o negro crime de alta traição em que mergulharam seu país os abjetos politiqueiros, (o povo) integra-se com o maior entusiasmo a meu exército, para defender com verdadeiro heroísmo a soberania de nossa amada Nicarágua.

Nossos feridos morrem por falta de tratamento médico oportuno para as feridas provocadas por bombas e metralha, assim como pela malária. Estou falando não apenas dos soldados, mas também dos civis, entre os quais se encontram muitas mulheres e crianças, pois os aviões inimigos causam mais danos às populações do que em nossas trincheiras. Ciudad Vieja, Guanacaste e San Albino foram transformadas em ruínas fumegantes.



Nada tiramos dos camponeses; de boa vontade recebemos o que nos deram. Se fôssemos bandidos, a Nicarágua inteira estaria contra nós, todos seriam nossos inimigos ocultos. E, ao contrário, temos um amigo em cada casa. Disse nosso inimigo que logo teremos que nos render porque nos faltam víveres e equipamentos; esquece que o povo dar-nos-á de comer e esquece, claro, que ele próprio tem fuzis e munições.

Sou perfeitamente capaz de ganhar meu sustento e o de minha esposa em qualquer ocupação, por humilde que seja. Sou mecânico e, se fosse necessário, voltaria à profissão. Pegamos em armas por amor à pátria e porque todos os demais chefes a traíram, vendendo-se ao estrangeiro ou, covardes, submeteram-se. Em nossa própria casa estamos lutando por nossos direitos inalienáveis. Que direito têm as tropas estrangeiras de chamar-nos de bandidos e foragidos e de dizer que somos os agressores?

A população civil também foi vítima das forças de ocupação estadunidenses. Ciudad Vieja, San Bartolo e outras são apenas montes de ruínas, graças ao bombardeio dos aviões (...)

Há também, entre os feridos, mulheres, as heróicas mulheres que nos combates pegam o fuzil daquele que cai para sempre, que nos dão água, que nos dão munição.

Na Nicarágua vocês não têm outros amigos senão um pequeníssimo grupo de homens imorais que não representam o sentimento próprio do povo nicaragüense. Eu estou representando com meu exército o próprio sentir de nossos concidadãos. A grande maioria dos nicaragüenses, ainda que não esteja empunhando o rifle em meu exército, em espírito está comigo.

Cada um de vocês, nicaragüenses, é um soldado desse exército, porque em cada um de vocês está despertando o amor à pátria, sob forma de dignidade, de energia, de reivindicação.

(...) nós não somos militares. Somos do povo, somos cidadãos armados.



Programa para os problemas sociais

Liberdade, soberania, independência, progresso

Elaboramos um projeto sobre o direito que os povos indo-hispânicos têm de expressar sua opinião sobre a liberdade e a independência de nossas repúblicas – hoje sob intervenção quase todas elas, umas militarmente, outras do ponto de vista econômico, dos Estados Unidos da América do Norte – e sobre os belos privilégios naturais com que foram dotados esses países, os quais vêm sendo a causa do domínio que se exerce ou se pretende exercer.

Se permitíssemos que os Estados Unidos da América do Norte abrissem nosso canal da Nicarágua, sem nenhum compromisso da parte deles de respeitar a soberania e a independência de nossos povos, fariamos mal até aos próprios Estados Unidos. Com o canal da Nicarágua sentir-se-iam mais fortes do que o próprio Deus e desafiariam o mundo inteiro, o que teria como consequência a destruição da grande nação da América do Norte.

Indubitavelmente, também a mim trouxeram mais experiência os quatro anos de guerra de libertação, assim como a oportunidade de compreender melhor a necessidade que têm todos os nossos povos da América hispânica de expulsar por completo do solo pátrio cidadãos e capital estadunidenses, que em realidade não são outra coisa senão um iminente perigo para a nacionalidade que candidamente os acolhe em seu seio; como também a necessidade de fomentar nossas indústrias e nosso comércio, esforçando-nos por conseguir a aliança entre nossos irmãos da América hispânica.

Vermelho e negro são as cores incendiadas de nossa bandeira, para simbolizar Liberdade ou Morte, isto é, o firme propósito de sermos livres, soberanos e independentes. “Pátria e Liberdade” são as pala-





bras oficiais que nosso exército usa no fim de qualquer texto, com o objetivo de manter em nosso povo a idéia de pátria livre.

(...) a restauração de nossa independência nacional: causa única pela qual combate e combaterá o exército que me honro de comandar.

(...) declaro que nosso governo ainda não é autônomo porque existe a intervenção política e econômica (...) estar atento a todos os momentos em que se apresente a oportunidade de restaurar também nossa independência política e econômica.

(...) ainda não terminou a intervenção política e econômica dos Estados Unidos, incapacitando-nos dizer que a Nicarágua goza de absoluta autonomia.

Exploração, opressão, humilhação

É justo que a maior parte do povo não queira continuar deixando-se explorar, visto que a vida na zona de Bluefields é extremamente cara e não tem comparação com o salário do diarista. Dizem que quase todos estão armados para defender seus lares? É verdade. O nacionalismo tem que se defender do ladrão estrangeiro.

(...) apresentamos um programa que consideramos apropriado aos problemas sociais da Nicarágua e, além disso, para que os operários incautos, que se deixam enganar pelos ambiciosos, compreendam sua posição na luta nacionalista. Sem esse direcionamento para seus verdadeiros problemas, sempre serão pasto de políticos rasteiros.

Para destruir a injustiça foi necessário atacá-la, e por isso vimos chegar muitos com essa missão sobre a terra. Entre eles está Jesus; e todo homem que luta pela liberdade dos povos dá continuidade àquelas doutrinas.

Há homens na terra que acreditam que, desde que vivam bem, é loucura sacrificarem-se pelo bem coletivo. É menos mal dizer isso por ignorância do que dizê-lo com conhecimento de causa, porque, neste caso, trata-se de indivíduos movidos por egoísmos mesquinhos, que têm ódio à humanidade. E, no entanto, com todos os seus ódios





à humanidade, vivem em suas orgias, à custa das lágrimas e das vidas humanas. Mas a injustiça desaparecerá da terra e apenas a justiça triunfará.

Nossa ignorância sempre foi explorada pelos pícaros, por aqueles que viveram do sangue do povo.

(...) que o trabalhador não seja humilhado nem explorado.

Consideramos que cada um deve dar o que tem. Que cada homem seja irmão e não lobo.

Que sou plebeu, dirão os oligarcas, ou seja, os gansos do lamaçal. Não importa: meu maior orgulho é surgir do seio dos oprimidos, que são a alma e os nervos da raça.

Sou trabalhador da cidade, artesão, como se diz neste país, mas meu ideal percorre um vasto horizonte de internacionalismo, no direito de ser livre e de exigir justiça, embora para alcançar esse estado de perfeição seja necessário derramar o sangue próprio e o alheio.

O homem que de sua pátria nem sequer exige um palmo de terra para sua sepultura merece ser ouvido e, não apenas ouvido, mas também acreditado. Sou nicaragüense e me sinto orgulhoso de que circule em minhas veias, mais do que outro qualquer, o sangue do índio americano, que por atavismo encerra o mistério de ser patriota leal e sincero.

Foi preciso repelir a ameaça do pirata G. D. Hatfield com fatos de que a história guardará a memória. E eu, sendo o representante dos legítimos filhos de minha pátria, não poderia permitir, nem meus irmãos poderiam permitir, pela pátria e pela raça, tal humilhação.

Foi em El Mineral de San Albino, Nueva Segovia, Nicarágua, América Central, quando ainda ninguém suspeitava da surpresa, que a Nicarágua proporcionaria ao mundo, que marquei o rumo de nosso ideário, ao qual temos sido e permaneceremos fiéis enquanto nosso coração bater, tendo escrito este primeiro manifesto com o mesmo ardor e entusiasmo que pusemos em tudo o que se conhece de nossa luta.



Até o momento, nosso exército reconhece o apoio que os revolucionários sinceros lhe prestaram em sua árdua luta; mas, com o acirramento desta, com a crescente pressão por parte dos banqueiros *yankees*, os vacilantes e os tímidos nos abandonam, devido ao caráter assumido pela luta; apenas os operários e os camponeses irão até o fim, apenas sua força organizada obterá o triunfo.

O Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua foi, desde que se formou e será até o fim, o nome de nossa instituição militar, pois essa é nossa maneira de explicar detidamente a nossos camponeses a palavra “autonomia”.

A covardia dos políticos chegou ao ridículo, e foi então que compreendi que nós, os filhos do povo, estávamos sem dirigentes; eram necessários homens novos.

Nosso exército de operários e camponeses aspira fraternizar com os estudantes porque compreendemos que de nosso exército e deles tiraremos homens que com novas orientações farão de nosso solo uma pátria-luz.

Nosso exército prepara-se para tomar as rédeas do poder nacional, para então proceder à organização de grandes cooperativas de operários e camponeses nicaragüenses que explorarão nossas próprias riquezas naturais em proveito da família nicaragüense em geral.

(...) não sou nem sequer militar, nada mais do que um camponês que luta pela autonomia de seu povo.

Que haja trabalho e atividade para todos. Sou partidário de que a terra seja do Estado. Nesse caso particular de nossa colonização no Coco, inclino-me por um regime de cooperativa.

(...) a natureza inspira e dá força. Tudo nela nos ensina. A cidade nos desgasta e nos reduz. O campo: não para encerrar-se egoisticamente nele, mas para marchar para a cidade e melhorá-la.



Política revolucionária

Paz

(...) estamos em nossa própria casa e declaramos que jamais viveremos em uma paz covarde e sob um governo instituído por uma potência estrangeira. Isso é ou não patriotismo?

A terra produz tudo o que é necessário para a alegria e a comodidade do gênero humano. Mas, como dissemos, por longos milhões de séculos, a injustiça tomou conta da terra e as grandes reservas do que é necessário à vida do gênero humano estiveram em mãos de uns poucos grandes senhores; a grande maioria dos povos carece até do indispensável, e talvez tenha morrido de fome, depois de ter produzido com seu suor o que outros desperdiçam em patuscadas. Mas haverá justiça, e a guerra dos opressores de povos livres será vencida com a guerra dos libertadores. E depois, como haverá justiça, haverá paz sobre a terra.

Nossa guerra é guerra de libertadores, para matar a guerra dos opressores.

(...) as bases de paz propostas terão que ser compatíveis com nossa honra nacional e com as aspirações de nosso exército.

Considero o mais alto dever de todo bom cidadão nicaraguense buscar a paz na Nicarágua, mas a paz que dignifica, não a paz do escravo.

(...) estamos lutando não apenas pelos liberais, mas pelos nicaraguenses, isto é, também pelos conservadores. Esse coronel, por exemplo, é conservador, mas está convencido da honradez de nossa causa e do fim único que perseguimos: a expulsão do invasor.

(...) formar uma Frente Única e conter o avanço do conquistador sobre nossas pátrias.





Entendo que a direção sincera de nossa luta (e é necessário assumir a palavra sinceridade) vai nos permitir reorientar os desorientados, os equivocados, os confusos, e de fato é interessante, como o senhor afirma (Gustavo Alemán Bolaños), não perder contato com os patriotas de vista curta: o manifesto que lançamos contribuirá para isso.

(...) acho muito lógico que as organizações de extrema esquerda nos defendam, porque são elas que poderiam fazer algumas pessoas, que pregam determinadas doutrinas sociais pensar. O senhor (Gustavo Alemán Bolaños) pode ter plena certeza de que essa será nossa orientação.

(...) que juntos todos os bons filhos da Nicarágua, sempre eretos, continuaremos mantendo impoluto, de cume em cume, nosso pavilhão nacional.

(...) separamo-nos (refere-se à separação entre ele e o comunista salvadorenho Agustín Farabundo Martí) cheios de tristeza, na maior harmonia, como dois irmãos que se amam e não podem se compreender.

Farsas eleitorais

(...) as eleições farsantes que com baioneta calada foram impostas em nossa República pelos piratas *yankees*.

(...) todos os nossos esforços deverão dirigir-se para o objetivo de conseguir o controle militar da Nicarágua pela força das armas e impedir qualquer farsa eleitoral que se pretenda realizar em nosso país com supervisão estrangeira.

Os nicaraguenses interessados na libertação da Nicarágua são bem aceitos por nosso exército, mas desligados de bandeiras partidárias e alinhados com nosso programa, que não nos permite manter relações com nenhum partido que pense concorrer em eleições supervisionadas por poderes estrangeiros.

(...) nosso Exército, hoje como ontem, está convencido de que a Nicarágua só será livre à bala e à custa de nosso próprio sangue;





impediremos qualquer farsa eleitoral que com supervisão estrangeira pretenda repetir-se na Nicarágua, e não reconheceremos sob nenhum pretexto quem venha a ser eleito dessa forma, ainda que seja o mais afortunado e nos peça de joelhos.

Compatriotas: procedam com dignidade e recordem que foram vítimas tanto dos *yankees* quanto desses políticos. Quem for atrás desses indivíduos e se aproximar das urnas vigiadas pelos *yankees* para votar, apenas terá prestado a mais lamentável das homenagens à baioneta estrangeira, quando esta lançar seu último brilho insultante sobre a Nicarágua.

Não obedeçam a nenhuma ordem dos *marines* na farsa das eleições. Ninguém tem obrigação de ir às urnas nem há lei que obrigue a isso. Mostrem-se dignos e merecedores da liberdade.

Tradição patriótica nicaragüense

Há muitos anos, os Estados Unidos mantêm a Nicarágua ocupada. Não podemos confiar nas promessas dos estadunidenses de que, algum dia, irão embora. Os Estados Unidos também prometeram às Filipinas dar-lhes a independência e, apesar disso, suas tropas encontram-se ainda no território das ilhas. Com semelhantes argumentos, o general Washington jamais teria conseguido expulsar os ingleses do solo estadunidense, a Nicarágua não teria conseguido repelir os espanhóis, nem a Itália, os austríacos. Os países centro-americanos teriam continuado de preferência sob o jugo da Espanha, até que esta lhes houvesse concedido voluntariamente a liberdade.

(...) ninguém poderá apagar o ódio contra os *yankees* que hoje existe nos habitantes das Segovias.

Enquanto a Nicarágua tiver filhos que a amem, será um país livre. Foram e são filhos que a amam aqueles que, representando todo o povo, transformaram-na, de pesadelo que era para as repúblicas irmãs da América Latina, na irmã digna de todo apreço, graças à luta que aquela coluna, em 4 de maio de 1927, travou contra a pirataria *yankee*





(...) naquele momento de marasmo, de confusão, a coluna segoviana sob minhas ordens transformou-se no exército defensor da soberania da Nicarágua e repeliu com energia a afronta que o governo da Casa Branca tentou impor ao povo nicaragüense.

Jamais os perdoaria, nicaragüenses, se apresentassem a outra face ao invasor; suas mãos, nicaragüenses, devem ser um ciclone sobre os descendentes de William Walker. Nosso exército autonomista já provou até onde podem chegar as forças do direito contra o direito da força bruta.

As Segovias estão tristes, desoladas, enlutadas e cheias de dor, porque a tanto as levou a política estúpida de sr. Coolidge; mas nossas selvas segovianas, apesar da Casa Branca, imortalizaram-se e deram a nossos povos irmãos a oportunidade de ver, uma vez mais, repetir-se ali o gesto patriótico tão natural à nossa raça.





Internacionalismo

Luta universal

(...) se nestes momentos históricos nossa luta é nacional e racial, tornar-se-á internacional à medida que se unam os povos coloniais e semicoloniais aos povos das metrópoles imperialistas.

(...) a Espanha reacionária adotará as orientações que marcam as ciências sociais. Não passa inadvertido para os que neste continente se preocupam com os destinos humanos, que na Espanha existe uma luta entre o passado e o futuro, entre os que conservam muito no fundo os sentimentos ancestrais de dominação e os que têm a mente livre de preconceitos.

Não abandonarei minhas montanhas enquanto restar um gringo na Nicarágua; não abandonarei minha luta enquanto faltar a meu povo um direito por assegurar. Minha causa é a causa de meu povo, a causa da América, a causa de todos os povos oprimidos.

(...) os povos oprimidos romperão as correntes da humilhação com que os imperialistas da terra quiseram manter-nos atrasados. Ouvir-se-ão trombetas que serão os clarins de guerra, entoando os hinos da liberdade dos povos oprimidos contra a injustiça dos opressores.

Muito em breve teremos nosso triunfo definitivo na Nicarágua, com o que será aceso o estopim da “explosão proletária” contra os imperialistas da terra.

Tenho muito prazer em declarar que nosso exército esperará a conflagração mundial que se avizinha para começar a desenvolver o plano humanitário que se traçou em favor do proletariado mundial.

Assim, nosso exército terá na mira um único bloco de inimigos, composto pelas forças dos governos de Honduras, Nicarágua e Estados Unidos da América do Norte. A situação ficaria muito difícil





para nós, e aproveitaríamos para atacar apenas as forças derrotadas de quaisquer dos três governos, para aumentar nossos elementos bélicos e poder dar equipamento aos operários e camponeses de todo o globo terrestre que quisessem vir ajudar-nos a formar uma nova república livre para todos os homens da terra.

Seja como for, não professamos um nacionalismo extremado. Não queremos encerrar-nos aqui sozinhos. Que venham estrangeiros, inclusive (norte) americanos, claro! Também não pensamos que no nacionalismo político está toda a solução. Acima da nação, a federação: continental, primeiro; depois mais ampla, até chegar ao todo.

Tratando-se do representante de um povo (Polônia) que ressurgiu para a vida internacional graças a seu heroísmo, não hesito em apresentar-lhe meus respeitos. Marque local e hora e iremos visitá-lo.

Povos latino-americanos

Quero convencer os nicaragüenses frios, os centro-americanos indiferentes e a raça indo-hispânica que numa encosta da cordilheira andina há um grupo de patriotas que saberão lutar e morrer como homens.

Esta ocasião serve-me para ratificar o que disse (F. Turcios) pessoalmente, e assim poderá o senhor informar a seus colegas da imprensa, à intelectualidade hondurenha, assim como às nações indo-hispânicas que Sandino e suas forças não se renderão aos traidores, nem muito menos aos invasores de sua pátria.

O senhor (F. Turcios) pode estar certo e tem autorização para informar à América Central, à intelectualidade, aos operários e artesões e à raça indo-hispânica que serei intransigente e não desistirei de minha atitude enquanto não afastar de minha pátria e do poder os invasores e traidores que por tantos anos traficaram com a honra da nação.

Bem disse o senhor (Carlos León), no sexto parágrafo de sua carta, que a pátria da raça indo-hispânica começa às margens do rio Bravo e termina nos confins da Terra do Fogo.





(...) eu suplico ao senhor (F. Turcios) e a todos os homens de conhecimento e claro patriotismo da América Central que tratem de evitar por todos os meios possíveis o acirramento dos ânimos e o rompimento entre nós. Os senhores têm a obrigação de fazer o povo da América Latina compreender que entre nós não devem existir fronteiras e que todos estamos no estrito dever de nos preocupar com a sorte de cada um dos povos da América espanhola, porque todos estamos correndo o mesmo risco diante da política colonizadora e absorvente dos imperialistas *yankees*.

Não será estranho encontrar a mim e a meu exército em qualquer país da América Latina onde o invasor assassino crave suas garras em atitude de conquista.

As feras louras estão situadas em um dos extremos da América Latina e dali observam, ávidas, nossos movimentos políticos e econômicos: conhecem nosso caráter leviano e procuram manter latentes entre um e outro país nossos graves problemas ainda por resolver. Por exemplo, a questão de limites entre a Guatemala e Honduras, entre Honduras e Nicarágua; o tema do canal entre Nicarágua e Costa Rica; a questão do Golfo de Fonseca entre El Salvador, Honduras e Nicarágua; a questão de Tacna e Arica entre Peru e Chile. E assim por diante, há um encadeamento de importantes assuntos por resolver entre nós.

Os *yankees* são os piores inimigos de nossos povos e quando nos vêm nos momentos de inspiração patriótica em que buscamos com sincero impulso a unificação, mexem profundamente nos assuntos que temos pendentes, de modo que se acirre o ódio entre nós e que continuemos desunidos e frágeis e, portanto, fáceis de colonizar.

Somos 90 milhões de hispano-americanos e só devemos pensar em nossa unificação, compreendendo que o imperialismo *yankee* é o mais brutal inimigo que nos ameaça e o único que está disposto a terminar, por meio da conquista, com nossa honra racial e com a liberdade de nossos povos.





Os *yankees*, por um resto de pudor, querem escamotear-se sob o projeto de construção de um canal interoceânico através do território nicaragüense, que levaria ao isolamento entre as repúblicas indo-hispânicas; os *yankees*, que não perdem uma oportunidade, aproveitaram-se do afastamento de nossos povos para tornar realidade o sonho que em suas escolas primárias inculcam em suas crianças, qual seja: quando toda a América Latina for colônia anglo-saxônica, o céu de sua bandeira terá uma única estrela.

Por um caminho desses que chamamos picada, caminhos difíceis que só os guias ou vaqueiros conhecem, cheguei até a linha uma criança de nove anos de idade. Pediu para falar com quem faz estas anotações. Tendo chegado à minha presença eu o saudei, e ele, ao mesmo tempo que me respondia, entregou-me um embornal de fibra com bananas e mandioca cozida com torresmos.

Estamos tratando da causa da Nicarágua a partir de seus dois aspectos. Primeiro: considerando-a no contexto da nacionalidade latino-americana; deste ponto de vista, será necessário considerar o que se refere ao canal e à construção da base naval projetada pela pirataria estadunidense em território nicaragüense; e, segundo, o que se refere à política interna do país.

(...) nossa luta autonomista é a luta de todo nicaragüense não contaminado e de todo latino-americano consciente. Nossa saída do território nicaragüense não foi uma trégua em nossa luta contra o inimigo comum, o imperialismo *yankee*, mas o prolongamento dessa luta no sentido da união dos contingentes que levam a ela, como esperamos que seja o da Confederação Sindical Latino-americana.

Entre outras coisas, desejo que, periodicamente, se realizem conferências similares entre os representantes dos países da América, com o objetivo de tratar dos graves assuntos que se apresentem e onde a América Latina demonstre solidariedade. Buscarei a abolição da Doutrina Monroe, que considero desnecessária, pois já é tempo





de desaparecer a tutela sobre os países latinos do novo continente, cuja independência já chegou à maioridade.

Companheiros nicaragüenses e todos aqueles que ainda estão desorganizados e fora da Confederação Sindical Latino-Americana, em nome dos heróicos soldados do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua pedimos: organizem-se, seu posto está nas fileiras da Confederação Sindical Latino-Americana, única organização sindical defensora dos interesses da classe trabalhadora.

(...) decretar a não intervenção nos assuntos internos das repúblicas indo-hispânicas, respeitando-se sua soberania ou independência e promover uma aproximação mais fraterna que nos solidarize no viver comum livre dos povos deste continente.

(...) envio uma mensagem cordial de saudação e de agradecimento a todos os países da América Latina e a todos aqueles que apoiaram moralmente nossa causa durante esses anos, especialmente México e Argentina.

Próceres latino-americanos

Nós, os homens dignos da América Latina, devemos imitar Bolívar, Hidalgo, San Martín e as crianças mexicanas que, em 13 de setembro de 1847, caíram ceifadas pelas balas *yankees* em Chapultepec, sucumbindo em defesa da pátria e da raça, em lugar de aceitar submissos a vida cheia de vergonha e de opróbrio em que o imperialismo *yankee* quer nos mergulhar.

(...) minha homenagem de admiração, respeito e glória aos cadetes da Marinha que sucumbiram heroicamente na luta contra os invasores *yankees*, na épica jornada de 1914.

(...) dar uma idéia do elevado grau de consciência que possuía nosso inesquecível general Girón Ruano, e para que o povo guatemalteco estime a memória daquele bom filho da América Latina.

Ah, Napoleão! Foi uma imensa força, mas não havia nele senão egoísmo. Muitas vezes comecei a ler sua vida e joguei longe o





livro. Em troca, a vida de Bolívar sempre me emocionou e me fez chorar.

(...) o grande sonho de Bolívar ainda é uma perspectiva. Os grandes ideais, todas as idéias, têm suas etapas de concepção e de aperfeiçoamento, até sua realização. Não sei quando isso poderá realizar-se. Mas nós iremos pondo as pedras no caminho. Tenho a convicção de que este século verá coisas extraordinárias.

Oligarquia da América Latina

Protesto indiferença e servilismo delegados latino-americanos (em reunião panamericana) frente agressão Estados Unidos.

Enquanto nosso povo é metralhado e as mulheres e crianças morrem entre os escombros de suas choças destruídas pelos aviões de guerra da nação mais forte da terra, há jornalistas venais e chancelarias que continuam de joelhos frente aos mutiladores do povo que, depois de nos estrangular, simulam estender sua mão protetora ou assumem a administração de alfândegas e de rendas.

Senhores presidentes: pelo fato de serem os interesses desses 15 povos os mais afetados caso se permita aos *yankees* transformar a Nicarágua em uma colônia do tio Sam, tomo a liberdade de dirigir-lhes esta, ditada não por hipócritas e falazes cortesias diplomáticas, mas pela rude franqueza do soldado.

O Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, diante da fria indiferença dos governos latino-americanos e entregue a seus próprios recursos e esforços, soube, com honra e brilho, enfrentar as terríveis feras louras e a caterva de traidores renegados nicaraguenses que apóiam o invasor em seus sinistros desígnios.

(...) senhores presidentes: os senhores não corresponderam ao cumprimento de seu dever porque, como representantes que são de povos livres e soberanos, têm a obrigação de protestar diplomaticamente, ou, se preciso for, com as armas que o povo lhes confiou, contra os crimes sem nome que o governo da Casa Branca manda consumir





a sangue frio em nossa desventurada Nicarágua, sem nenhum direito, sendo que a única culpa de nosso país consiste em não querer beijar o chicote que o açoita, nem o punho do *yankee* que o esbofeteia.

A colonização *yankee* avança com rapidez sobre nossos povos, sem encontrar em sua passagem muralhas eriçadas de baionetas e, assim, cada um de nossos países, quando chega a sua vez, é vencido com pouco esforço pelo conquistador já que, até hoje, cada um se defendeu por si mesmo. Se os governos das nações que estão à frente da América Latina fossem presididos por um Simon Bolívar, um Benito Juarez ou um San Martín, outro seria nosso destino; porque eles saberiam que, quando a América Central for dominada pelos piratas louros, viriam a seguir o México, a Colômbia, a Venezuela etc.

Os tiranos não representam as nações e a liberdade não se conquista com flores.

O *yankee* precisa de fantoches para fazer deles presidentes de nossos povos indo-hispânicos.

Neste mesmo momento, este comando geral de nosso exército está preparando uma nova ofensiva contra o inimigo nos meses de novembro, dezembro e durante o tempo em que estiver se realizando a Sétima Conferência Panamericana, para assim denunciar ao nosso povo os governos imperialistas deste continente americano.

Wall Street sabe o preço dos traidores.

Repúblicas antilhanas irmãs

(...) os problemas que o imperialismo *yankee* acarreta para nossas repúblicas antilhanas irmãs serão resolvidos com sua independência nacional.

(...) o estudo se concretiza nas condições das repúblicas antilhanas, por ser um tratado baseado em observações pessoais, no qual se faz referência à situação de dependência em que se encontram a Nicarágua e o resto da América Central, o que não podia ser de outra maneira,



dada a identidade de condições em que nos encontramos frente ao expansionismo imperialista estadunidense.

Por acaso pensam os governos latino-americanos que os *yankees* apenas querem e se contentariam com a conquista da Nicarágua? Por acaso esqueceram esses governos que, de 21 repúblicas americanas, seis já perderam sua soberania? Panamá, Porto Rico, Cuba, Haiti, Santo Domingo e Nicarágua são as seis infelizes repúblicas que perderam sua independência, passando a ser colônias do imperialismo *yankee*. Os governos desses seis povos não defendem os interesses coletivos de seus concidadãos, porque chegaram ao poder, não pela vontade popular, mas por imposição do imperialismo; e aqueles que chegam à presidência apoiados pelos magnatas de Wall Street defendem os interesses dos banqueiros da América do Norte. Nesses seis infelizes povos hispano-americanos só permaneceu a lembrança de que foram independentes e a longínqua esperança de conquistar sua liberdade graças ao formidável esforço de uns poucos filhos seus que lutam infatigavelmente para tirar sua pátria do opróbrio em que os renegados a mergulharam.

Unidade da América Central

Nós nos denominamos unionistas, mas, quando se trata das demarcações ridículas de nossos arremedos de repúblicas, queremos fazer valer direitos que não temos a condição de exigir do intruso com todos os meios que a dignidade põe a nossa disposição; dizemo-nos irmãos, mas sempre que se trata do cerco de nossas terras afiamos a foice para mostrá-la em atitude hostil àquele que nesse momento consideramos excomungado do laço familiar, que apenas invocamos como sobremesa deliciosa em conferências e convênios de falsa fraternidade.

Todos os países centro-americanos estão obrigados a ajudar-nos nesta luta, em vista do amanhã que pode trazer para eles os mesmos problemas. A América Central deve unir-se contra o invasor em vez de apoiar governos que se aliam ao estrangeiro.



Essa união deve emanar de um desejo espontâneo dos povos, e não da tutela estrangeira. Os tratados de 1907 e 1923 não têm nenhum valor porque nos foram impostos; não surgiram do sistema orgânico com que nos governamos, mas de concepções teóricas criadas pelas necessidades do imperialismo estadunidense. Sua aplicação está subordinada aos caprichos e conveniências do governo de Washington, que por sua vez deixa-se levar pela cobiça dos políticos.

Entre Nicarágua e Honduras existiu um litígio territorial que vem à baila cada vez que convém aos interesses *yankees*.

Vamos opor-nos a tratar desses assuntos cada vez que, como agora, compreendermos que é a política *yankee* que busca acender a fogueira das paixões e confusões centro-americanas.

América Central operária e camponesa

Se o governo hondurenho enviar seus exércitos contra nós para proveito do *yankee* nas Segovias, proclamaremos a união centro-americana com o nome de *Comuneros Centroamericanos*, sendo a ação dirigida por operários e camponeses, porque só nós, os operários e camponeses da América Central, poderemos defender as: (...) (pedaço rasgado da carta) americanos.

Nosso Movimento de União Centro-Americana ficaria desvinculado dos elementos burgueses, que, em todos os tempos, quiseram nos obrigar a aceitar as humilhações do *yankee*, por ser mais conveniente a seus interesses de burgueses.

Só nós, operários e camponeses centro-americanos, poderemos, de maneira limpa, restaurar nossa federação, interrompida desde que Rafael Carrera desalojou da Guatemala nosso invicto general Francisco Morazán.

Com as sobras dos recursos do povo nicaraguense estamos enviando neste momento quatro delegações a nossas outras quatro seções centro-americanas para pô-las em contato com os operários e





camponeses da América Central e lançar uma proclamação de união centro-americana com o nome de *Comuneros Centroamericanos*.

(...) com cinismo, alguns governantes da América Central entregaram e entregam a miseráveis companhias *yankees* exploradoras grandes extensões de nossa bela América Central, assim como portos marítimos, alfândegas, estradas de ferro, regiões de mineração, de extração de petróleo e outras fontes de renda importantes da América Central, transformando os centro-americanos em escravos e nossas terras em quintal de onde extrairão maiores recursos para explorar outros povos irmãos do globo terrestre.

A vibração espiritual da raça indo-hispânica transforma-se neste momento no Exército Autonomista da América Central para salvar sua dignidade racial: expulsar militar, política e economicamente de seu solo os agonizantes banqueiros de Wall Street, ainda que para isso tenhamos que deixar nossos cadáveres ao sol.

Litígios de fronteira na América Central

Com profunda surpresa, li em *Ariel*, de 1º de maio último, seu editorial sobre o perigo em que se encontra a integridade territorial de Honduras no que diz respeito à questão dos limites com a Guatemala. Tanto suas palavras, quanto as que o editorial de *El Cronista*, dessa cidade, reproduziu, fizeram com que sentisse, por um instante, gelar meu sangue. Logo compreendi que personagens da política imperialista *yankee* atijam essa fogueira centro-americana.

Sinceramente, não temos nenhum interesse em travar polêmica sobre fronteiras com nenhuma de nossas repúblicas irmãs centro-americanas. No entanto, opomo-nos a tratar desses assuntos sempre que percebemos que, como agora, o interessado, em proveito próprio, é o escalpo da política *yankee*.

Sinceramente, compreendo que o senhor se preocupe com as discussões de fronteiras entre Honduras e Nicarágua, e que deseje que tudo se acerte harmoniosamente entre nós mesmos; mas isso





não será permitido pelo assassino *yankee*. Temos que ver as coisas à luz da crua realidade.

Nosso exército reconhece como inimigo tanto o renegado governo da Nicarágua quanto o atual governo de Honduras, porque ambos são agentes dos banqueiros *yankees* e nossos dois povos (de Honduras e Nicarágua) não esperam nada de semelhantes trapos humanos.

Nicarágua e Honduras não precisam entrar em nenhuma discussão de limites e tudo o que se observa atualmente a esse respeito refere-se exclusivamente à política internacional dos Estados Unidos.

Não creio na ruptura do governo de Honduras e da Nicarágua; e, caso isso ocorresse, certamente obedeceria a manobras da política internacional desenvolvida pelos banqueiros *yankees* junto a nossos povos indo-hispânicos.







O imperialismo *yankee* e o povo dos Estados Unidos

Imperialismo *yankee*

(...) a águia monstruosa e de bico curvado vem se alimentando com o sangue deste povo enquanto no campo de Marte oscila a bandeira que representa o assassinato de povos débeis e a inimizade de uma raça.

Venha, bando de morfínômaníacos; venha assassinar-nos em nossa própria terra que eu os espero, firme, à frente de meus soldados patriotas, sem importar-me com seu número; mas tenha presente que, quando isso acontecer, a destruição de sua grandeza trepidará no Capitólio de Washington, enrubescendo com seu sangue a esfera branca que coroa a famosa White House, antro onde maquinam seus crimes.

Imediatamente depois que o telegrama ameaçador foi lido para o exército defensor da honra nacional, cada soldado, mesmo o mais humilde, mostrou em seu rosto os sinais do ódio mortal aos invasores e traidores de nossa pátria. “Morte aos *yankees*”, repetiram as ásperas montanhas de Nueva Segovia, e meus soldados acrescentaram: “A Ocotal! A Ocotal!”

(...) quero provar ao mundo civilizado que em minha amada pátria Nicarágua ainda existe quem saiba morrer defendendo sua honra. Minha obsessão é repudiar, com a dignidade e altivez próprias de nossa raça, toda imposição que com cinismo e falta de grandeza estão exercendo em nosso país os assassinos de povos frágeis. Mas tenha o senhor a firme convicção de que enquanto eu tenha balas hei de fazê-los compreender que sua ousadia vai lhes custar a vida. Não duvido



que somos muito pequenos para vencer os piratas e traidores *yankees*, mas tampouco estes assassinos poderão negar que nossa decisão está calcada no sagrado princípio da defesa de nossa soberania.

(...) é a aberração do governo estadunidense que mantém a ferro e fogo os traidores e mercenários de minha pátria no poder; e que impõe ao povo, por meio da força armada, o terror, com expedições punitivas.

Estamos em pleno século 20 e chegou o momento de provar ao mundo inteiro que os *yankees*, até hoje, puderam tergiversar frente a seu lema. Diz a doutrina Monroe: “A América para os americanos”. Bem, está bem dito. Todos nós, que nascemos na América, somos americanos. O equívoco dos imperialistas é que interpretaram a doutrina Monroe assim: a América para os *yankees*. Ora, para que as feras louras não continuem enganadas, reformulo a frase nos seguintes termos: a América Latina para os indolatinos.

Para cada milhão de dólares que os banqueiros *yankees* introduziram em minha pátria, morreu um nicaragüense e choraram de dor nossas mães, nossas irmãs, nossas esposas e nossos filhos.

Oh! Dólar maldito, és o câncer que mina os alicerces do imperialismo *yankee* e serás, tu mesmo, a causa de sua queda!

Quem teria dito ao sr. Coolidge (...) que pelo abuso que cometeu contra as selvas segovianas teriam que ser testemunhas da morte de milhares de piratas estadunidenses, esbirros dos banqueiros de Wall Street?

(...) penas rasteiras tentam confundir-nos, chamando-nos “bandoleiros”. Os verdadeiros e legítimos bandoleiros estão nas cavernas da Casa Branca de Washington, de onde dirigem o saque e o assassinato de nossa América espanhola.

(...) compreendemos que a arma que de forma mais habilidosa o inimigo brandiu contra nós foi a calúnia.

(...) as corjas de bandidos estadunidenses com cinismo e grandeza estão desolando nossa bela e adorada Nicarágua.



(...) a guerra que travou nosso exército contra os bandos de piratas *yankees* e contra as matilhas de cães traidores da pátria está assolando nossa adorada e bela Nicarágua.

Qual impotente fera furiosa, Herbert Clark Hoover, o presidente *yankee*, lança insultos ao exército que está libertando a Nicarágua. São ele e Stimson, como foram Coolidge e Kellog, os assassinos modernos.

O povo dos Estados Unidos

Essa exploração sem escrúpulos de nosso país não pode beneficiar, em longo prazo, os legítimos interesses comerciais dos Estados Unidos; a presença dos *marines* em nosso país, com a missão de proteger tais iniquidades, constitui uma fraude em prejuízo do povo estadunidense.

(...) somos tão bandidos como George Washington. Se o povo estadunidense não se tivesse tornado insensível à injustiça e à violação dos mais elementares direitos humanos, não esqueceria tão facilmente seu próprio passado; e não esqueceria aquele punhado de soldados andrajosos que marchavam pela neve, deixando em sua passagem uma marca de sangue, para conquistar a liberdade e a independência.

Durante algum tempo acreditei que o povo estadunidense não estava de acordo com o abuso cometido na Nicarágua pelo governo de Calvin Coolidge, mas me convenci de que os estadunidenses, em geral, aplaudem a intervenção de Coolidge em meu país.

Coolidge e Kellog são um par de políticos estadunidenses fracassados. Sua atuação na Nicarágua mergulhou no maior desprestígio a terra de Washington. Derramou sangue e torrentes de lágrimas em minha pátria. Também enlutaram e fizeram chorar muitos lares estadunidenses.

Lembre-se o senhor que entre os próprios soldados *yankees* há uma multidão de ignorantes, empurrados como máquinas pelos dirigentes da tal Casa Branca.





Que o povo estadunidense agradeça a esse quarteto (refere-se a Hoover, Stimson, Coolidge e Kellog) todo o seu fracasso, e que os pais, filhos e irmãos dos *marines* que caíram nos campos segovianos maldigam hoje e sempre esses funestos governantes.

O abaixo-assinado e seu exército são apenas a consequência natural da irracional e criminosa política internacional da América do Norte na Nicarágua; e, ainda em detrimento do próprio povo *yankee*, fomos provocados em nosso próprio país.

Diga ao povo estadunidense que lhe envio minhas saudações; que as portas da Nicarágua estão abertas para todos os que queiram vir trabalhar; que a única coisa que exigimos é respeito a nossa liberdade e independência. Diga ao povo estadunidense que todos devemos cuidar do continente, olhando para o Atlântico e para o Pacífico, mas sendo todos livres.

Posso dizer aos leitores estadunidenses que tenho enfrentado os Estados Unidos por muitos anos, obrigado pelo dever máximo de defender a autonomia da Nicarágua, mas que não guardo rancor nem ódio. Há mais: considero fator importantíssimo o povo estadunidense no equilíbrio continental, desde que suas relações desenvolvam-se com base na justiça.





Moralidade

Desinteresse

(...) meus atos pretendem defender com lealdade e sem ambição pessoal o decoro de minha pátria.

Queremos provar aos pessimistas que o patriotismo não é invocado para alcançar prebendas e postos públicos; demonstra-se com fatos tangíveis, oferecendo a vida em defesa da soberania da pátria, pois é preferível morrer a aceitar a humilhante liberdade do escravo.

Juro que não quero recompensa pessoal alguma.

No que se refere a meu dinheiro, o senhor pode pôr-me de cabeça para baixo, que de meus bolsos não cairá nem um triste tostão.

(...) que sejam feitas as retificações: sou um bandido porque não entrei no leilão público e porque acima de tudo está minha pátria, a pátria que todos sonhamos livre e grande.

(...) acima de todas as minhas faculdades está minha honra pela causa da liberdade da Nicarágua; assim como minha força de vontade inflexível, até vê-la completamente livre.

(...) se algum dia eu cometer, porque sou humano, um erro para a causa que defendemos, eu o terei feito involuntariamente, nunca por malícia, como fazem os corrompidos políticos de ofício.

(...) a entrega absoluta e desinteressada: fator essencial para o homem ou os homens que devem, de uma ou outra forma, enfrentar a solução do problema angustiante que enfrenta hoje nossa nacionalidade.

Esta luta está completamente desligada de todo interesse econômico: sente-se o mais profundo desprezo pelo dinheiro nos acampamentos de nosso exército.





Com a intenção de desvirtuar ataques da imprensa ao idealismo do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, proponho-me a publicar documentos que comprovam a moralidade de nossos atos e a fidelidade a nossos princípios de fraternidade latino-americana, assim como documentos procedentes das pessoas que pretenderam nos mostrar a nossos povos como incapazes de sustentar princípios, em defesa de nosso próprio exército contra os despeitados que nos atacam sem justificativa.

Nosso exército é o mais disciplinado, abnegado e desinteressado em todo o globo terrestre porque tem consciência de seu importante papel histórico. Não importa que penas rasteiras nos chamem de “bandidos”.

Fiéis filhos da Nicarágua! Empreendemos a luta na base de sacrifícios; atacaram-nos chamando-nos de saqueadores e de bandoleiros. Qualquer um imaginaria que temos riquezas. Gostaríamos que viessem a nós nossos próprios adversários para que, às portas de nossos sentimentos patrióticos, contemplassem a realidade das coisas.

Ah! Acham por aí que vou transformar-me em um latifundiário! Não, nada disso; não terei nunca propriedades. Não tenho nada. Alguns dizem que isso é ser tonto, mas não tenho porque fazer outra coisa.

Sacrifício

Recebi ontem seu comunicado e estou ciente de seu conteúdo. Não vou me render e aqui o espero. Quero pátria livre ou morrer. Não os temo e conto com o ardor do patriotismo dos que me acompanham.

Minha resposta foi: “sou-lhes agradecido, camaradas, se nossa pátria precisa de nosso sangue, vamos oferecê-lo em holocausto”.

Antes que a República se entregue aos estrangeiros pela traição de alguns de seus filhos, será necessário exterminar todos os nicaragüenses.





(...) defender a soberania de minha pátria, ainda que para isso tenhamos que oferecer nossas vidas no altar da liberdade.

(...) se por força do destino perdesse todo o meu exército, no que não acredito, fique o senhor sabendo, meu estimado amigo, que em meu arsenal de guerra conservo cem quintais de dinamite que acenderei com minhas próprias mãos, colocando-me no centro; e, no cataclisma que produzirá esta explosão, a detonação será ouvida à distância de 400 quilômetros, e aqueles que tenham a ventura de ouvi-la serão testemunhas de que Sandino morreu, mas que não admitiu que mãos profanas de traidores e de invasores profanassem seus despojos, pois só Deus onipotente e os patriotas de coração saberão julgar minha obra.

(...) nosso exército é o primeiro do mundo em abnegação para o sacrifício, em disciplina e em desinteresse por todo bem material, porque, consciente de seus atos, chega e mantém um ideal, tanto no que se refere à Nicarágua, quanto no que se refere à fraternidade entre os homens. Não existe entre nós nenhuma pretensão militar, nem ambições de má-fé, e por isso não há traidores nas fileiras deste exército libertador.

Nosso exército não está disposto a pedir trégua ao inimigo; sempre estivemos dispostos à morte ou à vitória e não seria possível que hoje, quando já criamos consciência em nosso povo, fôssemos humilhar-nos diante do inimigo.

Convidei muitos do exército sob meu comando a permanecerem em seus lares. Fiz isso com aqueles em quem não senti decisão para o sacrifício.

(...) acreditei, quando assumi essa empreitada, que só sairia dela morto. Achei que isso seria necessário para a liberdade da Nicarágua e para levantar a bandeira da dignidade de nossos países indo-hispânicos.

A alegria de lutar

Que nossas vozes se façam ouvir em (na Conferência de) Havana; não faltará aos homens a coragem moral de dizer a verdade sobre nossa



desgraça. Que digam como o povo da Nicarágua, que luta e sofre valentemente, está decidido a fazer qualquer sacrifício, até o próprio extermínio, para defender sua liberdade. Serão nulos os resultados de Havana se o ideal dos povos de idioma espanhol não se cristalizar; e se deixarem que sejamos assassinados até o último homem, teremos o consolo de saber que cumprimos nosso dever.

(...) já conseguimos conscientizar o nosso povo, doce tarefa que me impus voluntariamente.

Minha consciência está tranqüila e tenho a satisfação do dever cumprido.

Não importa que nos chamem de bandidos. Muitos de nossos inimigos que terão a oportunidade de ler este texto gostariam de sentir a satisfação do dever cumprido que sentem os membros de nosso exército, que, apesar dos despeitados, salvaram a honra de nossa família nicaragüense diante dos homens livres da terra.

(...) juro diante da pátria e da história que minha espada defenderá o decoro nacional e será redenção para os oprimidos.

Quando me juntei ao Movimento Constitucionalista foi com o firme propósito de libertar meu país ou morrer; e como não obtivemos efetiva liberdade nem morri ainda, continuarei em meu propósito original. Nossas armas não serão abandonadas porque representam o enérgico protesto de minha pátria, e por isso suas ameaças não têm importância para mim; não me importa quem o senhor esteja representando.

Qualquer um há de pensar que provocando muitas baixas em nosso exército decairia o seu ânimo, mas hoje, mais do que nunca, estamos impacientes para que saiam a nos procurar, os traidores invasores de nossa pátria, para confirmar assim a firme resolução que temos de terminar com nossas vidas se não podemos desfrutar da verdadeira liberdade a que os homens têm direito.

Iremos até o sol da liberdade ou até a morte; e, se morrermos, nossa causa continuará viva. Outros nos seguirão.



(...) se não se forem os bucaneiros (...) continuarei com meu exército combatendo os invasores e os vende-pátria; e, mais, se o próprio exército não quiser continuar a ação libertadora por qualquer motivo que considere poderoso, eu permanecerá, dando nos bandidos um tiro aqui, outro acolá, sem jamais dar-lhes quartel.

E ali continuaremos, até obter a liberdade ou cair na luta.

Estou na trincheira, mesmo fora da Nicarágua. Em todo momento estou exposto; e, ao sair da Nicarágua, o fiz com 24 metralhadoras; e aqui como em qualquer parte, a mão de meus inimigos pode alcançar-me.

Não existe, pois, lugar para tristeza nem desespero porque essas coisas são filhas tão-somente da falta de decisão e da covardia, e desse tipo de indivíduos a humanidade não poderá esperar nenhum benefício.

Solidariedade humana

(...) nossos corações humanitários foram sensíveis à crítica que sofreríamos se houvésemos terminado da melhor maneira possível, que era abrir fogo contra as duas quadras de casas em que os invasores e os traidores tinham se refugiado depois de alardear tanto suas forças. As famílias proprietárias das duas quadras em questão rogaram-me com lágrimas nos olhos que considerasse a pobreza em que ficariam se queimássemos suas casas; e, considerando que os que suplicavam eram meus concidadãos, sacrifiquei a vitória e foi assim que esse monte de porcos saiu vivo, já que pus o interesse de meus concidadãos acima da glória de minha pátria.

Dirijo-me aos senhores, impostores, rufões, subornados, panfleteiros; ponham-se de joelhos, porque invocarei o nome de meus inconquistáveis irmãos que morreram defendendo a liberdade da Nicarágua: Rufo Antonio Marin (...)

Continuando o senhor com a política de Coolidge e Kellog, continuará encontrando sandinos. Na razão, na justiça e no direito





tenho alicerçado minha atitude contra a política que o senhor pratica em minha pátria.

(...) nossa causa triunfará porque é a causa da justiça, porque é a causa do amor.

Um golpe mortal, terrível, recebeu nossa coluna quando morreu o general Blandón, mas ninguém desanimou; ao contrário, dirigiram-se para o Cabo de Gracias, onde tomaram o porto e destruíram a rádio.

Terrivelmente impressionados ficamos ao receber a notícia fatal de que tinha morrido no combate de Palacagüina nosso queridíssimo irmão e glorioso general Miguel Angel Ortez y Guillén. Também foi terrível e surpreendente para nós a morte de nosso querido irmão, o general Pedro Blandón. Nossos corações sentem-se embargados de pesar e em meio ao pesar vêm-nos ondas de cólera ainda maior contra o inimigo.

O tempo e a história encarregar-se-ão de dizer se os bandidos estão lá ou nas Segovias nicaragüenses, onde reinam o amor e a fraternidade humana.

Algum dia – no futuro – Rufo Marin ressuscitará do mármore, no mesmo lugar que regou com seu sangue. Um artista deveria esculpir os traços de beleza varonil e altiva de sua galhardíssima imagem.

Dignidade

Não estou disposto a entregar minhas armas (...) porque é preferível ser morto como rebelde no fogo, a viver como escravo.

Não importa que o mundo caia em cima de mim, cumprirei um dever sagrado. Por tudo o que foi dito, protestarei por minha própria conta, se não houver quem me acompanhe.

(...) o vínculo de nacionalidade me dá o direito de assumir a responsabilidade de meus atos nas questões da Nicarágua e, portanto, da América Central e de todo o continente, frente ao bárbaro invasor.

Quando um governo não corresponde às aspirações de seus cidadãos, estes, que lhe deram o poder, têm o direito de fazerem-se





representar por homens viris e com idéias de efetiva democracia e não por mandões inúteis, carentes de valor moral e de patriotismo, que envergonham o orgulho de uma raça.

Tudo no menino expressava o protesto vivo contra a civilização atual e a surpresa expressa em seu olhar ainda faz com que a lembrança daquela cena provoque uma irreprimível emoção em minha garganta. Incorporou-se a nossas forças porque não houve meio de convencê-lo de que não resistiria, devido a sua idade, às agruras da guerra (...) e hoje, em vez dos farrapos, usa um belo uniforme, conhecimentos que na leitura e na escrita adquiriu em nosso exército. É um menino-homem.

Dos que foram intimidados em Pipitapa, em 4 de maio de 1927, apenas os maliciosos, os pusilânimes e os indecisos humilharam-se diante do ruído das grandezas *yankees*.

Ânimo, nicaragüenses! Estarei com vocês em breve. Já o invasor se acovarda e pressente o peso da ira popular. Já o invasor fecha suas malas e retira-se distribuindo bofetadas. Felizmente, vocês já deram exemplos de que não estão dispostos a dar a outra face. Esse é o seu dever.

Ninguém se atreverá a dizer o contrário, de que apenas o reconhecimento de meus deveres de cidadão nicaragüense e o amor a minha pátria levaram-me a pedir demissão, no dia 6 de maio de 1926, à Huasteca Petroleum Company, do cargo que ocupava nos campos de petróleo de Cerro Azul, Veracruz, quando a imprensa mundial deu a notícia de um levante armado na Costa Atlântica da Nicarágua, dirigida por Luís Beltrán Sandoval, contra os usurpadores do poder nacional.

Até agora não houve uma só pessoa que tenha se atrevido a fazer-me propostas para desistir; mas se algum dia alguém o fizer, eu o esbofetarei no rosto, pois não me considero alguém que negocia com sua própria pátria.

Que também fique claro que, enquanto na Nicarágua existirem invasores, estiverem vigentes os tratados, pactos e acordos assinados





entre os governos dos Estados Unidos da América do Norte e aqueles que foram impostos por eles mesmos na Nicarágua, não haverá paz, nem garantia de vida e de interesses. Da mesma forma entendam que não existe nenhuma culpa de nossa parte. É óbvio que fomos provocados e é nosso dever defender-nos.

Não quero lutar contra meus irmãos. Mas se formos para a montanha, é porque fomos empurrados, obrigados a fazê-lo. Veja o senhor o que está acontecendo.





APÊNDICE BIOGRÁFICO

AGUADO, Enoc: político liberal eleito vice-presidente da Nicarágua no período compreendido entre 1929 e 1932, nas eleições supervisionadas pelas forças estadunidenses de ocupação. Em agosto de 1930, por meio de uma comunicação epistolar, propôs ao general Augusto C. Sandino um “plano fulminante” para libertar a Nicarágua do “jugo estrangeiro”. Tratava-se de derrubar o presidente José María Moncada com o apoio militar do general Sandino e seu Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. A resposta deste último transcendia as aspirações de Aguado já que, além de deixar claros os princípios básicos de nossa política doméstica e internacional, evitava entrar na virtual aliança que o político liberal lhe propunha. O plano idealizado nunca chegou a ser executado.

ALEMÁN BOLAÑOS, Gustavo: escritor e jornalista nicaragüense radicado na Guatemala durante os anos da luta sandinista. De sua relação com Sandino que lhe confiou alguns documentos, e das cartas que lhe enviou resultou o livro *Sandino!*, publicado originalmente na Guatemala (1933) e depois no México (1951), com o título *Sandino, el libertador*. Depois da assinatura do tratado de paz (2/2/1933), adotou uma posição de crítica radical a Sandino, que finalmente afastou-o, suspendendo a relação epistolar que mantiveram desde meados de 1929.

ALEXANDER, Alfonso: internacionalista colombiano que chegou à Nicarágua em 1930, como jornalista do jornal mexicano *Excelsior* para entrevistar Sandino e escrever uma série de reportagens sobre a luta do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Depois de vários meses de convivência com os patriotas sandinistas, decidiu integrar-se ao Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, onde alcançou a patente de capitão. Uma vez assinada a paz, em fevereiro de 1933, foi autorizado por Sandino a voltar a sua pátria.





ALTAMIRANO, Pedro (Pedrao): general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, nascido em Jinotega. Foi chefe expedicionário da coluna nº 1, que operou nos departamentos de Chontales e Matagalpa. Com a viagem de Sandino ao México, assumiu a chefia das forças patrióticas (1929-1930), mantendo viva a chama sandinista nas montanhas das Segovias. Depois do assassinato de Sandino, continuou enfrentando as forças da Guarda Nacional. Morreu assassinado por traição e sua cabeça foi levada a Manágua em 1935.

ARDILA GÓMEZ, Rubén: internacionalista colombiano que combateu nas fileiras do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua entre 1928 e 1929. Acompanhou Sandino em sua viagem ao México como responsável pelas finanças da delegação sandinista. Em março de 1930 foi nomeado pelo general Sandino representante do Exército Defensor na Colômbia. Chegou a alcançar o cargo de tenente.

BACA, Arturo: político e militar liberal que durante a Guerra Constitucionalista desempenhou o cargo de ministro da Guerra e da Marinha do governo provisório de Juan Bautista Sacasa. Nos dias em que Sandino permaneceu na Costa Atlântica, tentando obter apoio material para sua Coluna Segoviana, Baca fez gestões para que fossem devolvidas a Sandino as armas que este obtivera em Puerto Cabezas, ao mesmo tempo que autorizou seu regresso às Segovias, ao longo do rio Coco, junto às autoridades civis do governo provisório.

BALLADARES M., Manuel: liberal nicaraguense radicado em El Salvador. Em meados de 1932 estabeleceu comunicação com Sandino, a quem ofereceu a instalação de um grande contingente de homens no departamento de León, em apoio ao Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, ao mesmo tempo que lhe solicitava que pleiteasse a presidência da Nicarágua. Finalmente desistiu de suas pretensões, decidindo aderir à linha política do general Sandino.

BARBIAUX, Justino: teósofo mexicano com quem Sandino estabeleceu relações durante sua primeira estadia no México entre 1923 e 1926.

BEALS, Carleton: jornalista estadunidense, primeiro dessa nacionalidade e único dessa profissão que conseguiu entrevistar Sandino nas selvas segovianas no início de 1928. Publicou suas reportagens no semanário *The Nation* entre fevereiro e abril daquele mesmo ano. Posteriormente, em 1932, foi publicada *Banana Gold*, obra em que reproduz suas experiências com Sandino e os soldados do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, assim como tece diversas considerações sobre o domínio imperialista na América Latina. Suas reportagens originais foram traduzidas para o espanhol e reproduzidas no México e na Costa Rica. Desempenhou um importante papel na divulgação da luta sandinista e de seus objetivos nos próprios Estados Unidos. Negava que Sandino fosse um “bandido” e colocava o guerrilheiro na dimensão de um patriota.

BELAUSTEGUIGOITIA, Ramón de: jornalista espanhol, de origem basca, que entrevistou Sandino em San Rafael del Norte, no final da campanha, em fevereiro de 1933, quando se realizava o desarmamento. As entrevistas estão reunidas no livro *Con Sandino en Nicaragua*, publicado na Espanha em 1934.

BLANDÓN, Pedro: general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, originário de Jinotega. Chegou a ser um dos principais chefes sandinistas,





destacando-se na campanha que os patriotas realizaram contra as companhias estadunidenses estabelecidas na Costa Atlântica da Nicarágua, como chefe de uma das colunas sandinistas. Caiu heroicamente no combate de Logtown, perto de Puerto Cabezas, em 13 de abril de 1931.

BORAH, William E.: senador republicano pelo Estado de Idaho, presidente do Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos que, desde 1925, fez sentir sua posição antiintervencionista, opondo-se à doutrina Monroe. Fez parte do triunvirato que levou o “batalhão da morte” à vitória sobre Wilson e sua liga, em 1919 e 1920. Líder da oposição à intervenção na Nicarágua, recebeu uma mensagem de Sandino em fevereiro de 1928.

CALDERÓN, Margarita: camponesa originária de Niquinohomo, departamento de Masaya. Trabalhava como operária agrícola nas plantações de café próximas e como empregada doméstica nas casas das famílias endinheiradas de seu povoado natal, entre elas a de Gregório Sandino, de quem concebe Augusto, quando era doméstica em sua casa.

CALDERÓN RAMÍREZ, Salvador: jornalista nicaragüense residente em San Salvador, El Salvador, nomeado por Sandino delegado nas conversações de paz, em 1933. Relata os incidentes do assassinato de Sandino no livro *Los últimos días de Sandino*, publicado no México, em 1934, pelas Edições Botas.

CALERO OROZCO, Adolfo: escritor e jornalista nicaragüense. Foi redator do jornal *La Prensa* e como tal entrevistou Sandino, em fevereiro de 1933.

COLINDRES, Juan Gregorio: nasceu no povoado de Murra, Jinotega, em 1890. Irmão por parte de mãe do general Pedro Antonio Irias, general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua e comandante da coluna nº 4, que operou em Somoto, Ocotal, Quilalí e El Jícaro e, depois, em Chinandega, León e Estelí. Fez-se proclamar presidente provisório da Nicarágua em novembro de 1932 e foi desarmado por Sandino, sendo posteriormente reabilitado no exército.

COOLIDGE, Calvin: presidente dos Estados Unidos por dois períodos consecutivos (1923-1929); participou da VI Conferência Panamericana de Havana, em janeiro de 1928, e ordenou a intervenção da marinha de guerra estadunidense na Nicarágua em 1926. Em janeiro do ano seguinte, enviou uma mensagem ao Congresso, justificando sua política intervencionista contra a Nicarágua.

CORDERO REYES, Manuel: político e advogado liberal, oriundo de Jinotepe, departamento de Carazo. Participou como delegado do presidente Sacasa nas conversações com Henry L. Stimson (enviado especial do presidente Coolidge à Nicarágua), realizadas no porto de Corinto, em abril de 1927. Posteriormente foi ministro de Relações Exteriores do governo de José María Moncada, presidente da Corte Suprema de Justiça e novamente chefe da seção do exterior, desta vez durante a primeira presidência de Anastasio Somoza García.

CUADRA PASOS, Carlos: nasceu em Granada. Intelectual e político do Partido Conservador, ministro de Relações Exteriores dos governos de Diego Manuel Chamorro e Adolfo Díaz. Participou da VI Conferência Panamericana de Havana, em 1928, presidindo a delegação da Nicarágua. Participou como representante de seu partido das



conversações a bordo do navio de guerra estadunidense “Denver”, em 1926, por meio das quais pretendia-se evitar a guerra civil. Também foi deputado em diversos períodos. Em 22 de dezembro de 1927, assinou, com Dana Munro, o acordo de criação da Guarda Nacional da Nicarágua. Suas memórias estão em *Fios soltos*, publicadas por partes na *Revista Conservadora*, volumes 5 a 8, números 21 a 39, novembro de 1962 a maio de 1963, e no livro *História de médio século*, Manágua, Ed. El Pez y la Serpiente, 1963.

CHAMORRO, Emiliano: general e caudilho conservador, nascido em Comalapa, Chontales. Participou do levante contra o governo do general José Santos Zelaya, em 1909, e assumiu a presidência da República em 1917, tendo antes assinado o tratado Chamorro-Bryan, em 1914, em sua qualidade de embaixador em Washington de Adolfo Díaz. Em 1925 derrubou o presidente Carlos José Solórzano, fazendo-se nomear seu sucessor, mas a pressão estadunidense obrigou-o a deixar o cargo e o país no final de 1926, como embaixador em vários países europeus. Levou uma vida política ativa, sendo exilado várias vezes. Assinou com Somoza García o chamado “pacto dos generais”, em 1950. Foi preso por causa do levante de 1954 e pela execução de Somoza García, em 1956. Conhecido por suas nitidas tendências pró-estadunidenses.

CHAVARRÍA, Perfecto: coronel do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua.

DÍAZ, Adolfo: nasceu em Alajuela, Costa Rica, de pai nicaraguense. Trabalhando como contador em minas estadunidenses na Nicarágua, aderiu ao levante contra Zelaya, em 1909, e exerceu a presidência da República entre 1911 e 1916; durante esse período foi assinado o tratado Chamorro-Bryan. Voltou à presidência depois da queda de Carlos Solórzano, exercendo-a de 1927 a 1928. Sua atuação política foi marcada pelo intervencionismo e seus períodos presidenciais apoiados pela marinha de guerra dos Estados Unidos, à qual serviu fielmente. Morreu em Alajuela.

DÍAZ, José León: nasceu em El Salvador. General do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua e chefe expedicionário da coluna nº 5, que operava nos departamentos de León e Chinandega. Combateu ao lado do general Sandino desde os tempos da Guerra Constitucionalista. Depois de assinada a paz (2/2/1933), foi preso e torturado pela Guarda Nacional.

ESCAMILLA, Juan: aventureiro mexicano que serviu primeiro no exército constitucionalista e depois nos corpos de voluntários organizados por Moncada para combater Sandino. Aterrorizou os moradores das Segovias, onde dirigiu o plano de campos de concentração. Foi responsável pelo assassinato do combatente internacionalista guatemalteco general Manuel María Girón Ruano, em 2 de março de 1929.

ESPINOZA, Rodolfo: advogado e político liberal. Participou das conferências do Denver (outubro de 1926), presidindo a delegação liberal constitucionalista. Depois fez parte de outra delegação, que Juan Bautista Sacasa enviou para reunir-se com o enviado especial estadunidense, Henry L. Stimson, em Corinto, em 29 de abril de 1927. Nas eleições supervisionadas pelas forças da Marinha dos Estados Unidos, em 1932, foi eleito vice-presidente de Juan Bautista Sacasa para o período 1933-1936.

ESTRADA, Francisco: nasceu na cidade de Manágua. Chefe do Estado-maior do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Foi designado chefe político de



Nueva Segovia no começo da luta e assumiu o comando do exército durante uma parte da estadia de Sandino no México (1929-1930). Homem de grande coragem e talento, morreu assassinado junto a Sandino, em 21 de fevereiro de 1934.

ESTRADA, Juan José: militar e político liberal. Foi governador da Costa Atlântica; vendeu-se aos interesses do imperialismo e da oligarquia conservadora, dirigindo um levante armado em outubro de 1909, com o objetivo de depor o regime do general José Santos Zelaya. Em recompensa por sua traição, foi nomeado presidente provisório da Nicarágua (1911-1912), cargo que não conseguiu conservar e que abandonou em maio de 1911. Radicado temporariamente nos Estados Unidos, declarou que a única solução para os problemas de sua pátria era a intervenção estadunidense.

FELAND, Logan: brigadeiro-general da Marinha dos Estados Unidos, comandante da Segunda Brigada das forças navais de ocupação na Nicarágua desde 7 de março de 1926. Dirigiu as primeiras operações contra Sandino, e regressou aos Estados Unidos em 24 de agosto de 1927, deixando no comando o coronel Louis M. Gulick; reassumiu de novo em 15 de janeiro de 1928. Escreveu a Sandino em 4 de dezembro de 1928, solicitando sua rendição, negada por aquele em carta de 1º de janeiro de 1929. Quando Moncada assumiu o poder em 1929, aliou-se a Feland, iniciando uma séria disputa com o chefe da Guarda Nacional, Beadle, pelo controle do país. Foi definitivamente substituído em março de 1929 pelo brigadeiro-general Dion Williams.

GALEANO, Antonio: coronel do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, em cujas fileiras destacou-se como arrojado combatente. Teve participação destacada no combate de Las Cruces (10/10/1927) como um dos chefes das colunas sandinistas. No entanto, devido a abusos cometidos enquanto chefe de uma localidade ocupada pelos sandinistas, o próprio general Sandino viu-se obrigado a ordenar que fosse julgado e fuzilado.

GARCÍA SALGADO, Andrés: internacionalista mexicano que combateu nas fileiras do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Em 1977 publicou suas memórias em *Yo estuve con Sandino*, México, Bloco Operário “general Heriberto Jará”.

GIRÓN RUANO, Manuel María: nasceu na Guatemala, militar de carreira, formado em Postdam, Alemanha. Foi governador do departamento de Petén, em seu país. Deixou casa e fazenda para ingressar, com a patente de general, nas fileiras do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Além de comandar um corpo de cavalaria, o general Girón Ruano era quem operava, pessoalmente, “La Chula”, pequeno canhão antiaéreo com o qual os patriotas abateram vários aviões inimigos. Foi capturado por Escamilla e fuzilado em 21 de março de 1929 em Remango.

GONZÁLEZ, Simón: nasceu em Honduras, general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Destacou-se como subalterno do general Francisco Estrada e segundo chefe da Divisão do Atlântico, força sandinista que operava naquela região em meados de 1932. Apelidado pelo próprio Sandino “*La Careadora*”, por seu arrojo e valentia.

HANNA, Matthew: ministro plenipotenciário dos Estados Unidos na Nicarágua a partir de abril de 1929, quando substituiu Eberhart, no início do governo de Herbert Hoover. Formado em West Point, serviu na ocupação de Cuba, onde organizou o sistema





de escolas públicas. Teve influência decisiva na chegada de Somoza à chefia da Guarda Nacional, em janeiro de 1933.

HATFIELD, Gilbert D.: capitão da Marinha dos Estados Unidos, assumiu o comando da cidade de Ocotal em junho de 1927. É conhecido seu intercâmbio de telegramas com Sandino, antes da batalha de Ocotal, em 16 de julho de 1927, durante a qual dirigiu a defesa do quartel.

HERRERA, Francisco: major do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. No final de 1932 era “instrutor de comunicações” ou contato entre o quartel-general e as colunas de nº 4 e 8 do Exército.

HOOVER, Herbert Clark: presidente dos Estados Unidos (1929-1933). Sua administração, cujos assuntos externos estavam a cargo do secretário de Estado Henry L. Stimson, determinou a saída dos *marines* da Nicarágua, o que foi executado em 1933, contra a solicitação expressa do presidente eleito da Nicarágua, Juan Bautista Sacasa. Sendo presidente eleito, visitou o porto de Corinto em novembro de 1928, onde se reuniu com Adolfo Díaz e José María Moncada, como parte de sua “viagem de boa vontade”.

HOYOS, Balbino: artilheiro da Guarda Nacional acantonado em Quilalí. Em 11 de abril de 1932, abandonou as fileiras da guarda para ingressar, com todo o seu equipamento militar, no Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. A mesma coisa fizeram Antonio García e Antonio Cornejo.

IDIÁQUEZ, José: originário da cidade de Danlí, departamento de Paraíso, Honduras, lugar onde atuava como correspondente e agente de Sandino para envio de munições, equipamentos e alimentação.

IRIAS, Pedro Antonio: nasceu no povoado de Murra, departamento de Jinotega. General do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, chefe da coluna nº 3, que operou nos departamentos de Jinotega, Matagalpa e Zelaya.

JIMÉNEZ, Sebastián: membro da Guarda Nacional que, junto com Felipe Briceño H., Francisco López e Aurelio Flores, levantou-se em Kisalaya, Costa Atlântica, em 4 de abril de 1932. Uniu-se, com seus companheiros, levando grande quantidade de armas e munições, às fileiras dos patriotas sandinistas.

JOHNSON, Roy A.: empregado civil do comando militar em Ocotal, pediu uma entrevista a Sandino em janeiro de 1928. Apareceu morto, meses mais tarde.

KELLOGG, Frank B.: secretário de Estado do presidente Calvin Coolidge, articulou politicamente a intervenção na Nicarágua. Substituiu Charles Evans quando começou o segundo período de Coolidge, em 1925.

LABORDE, Hernán: secretário-geral do comitê central do Partido Comunista do México.

LARA, Escolástico: médico e cirurgião estabelecido na cidade de León. Líder do Partido Trabalhista. Apreciado por Sandino, foi chamado para integrar o hipotético gabinete do general Horacio Portocarrero (1931), e designado comandante supremo interino em janeiro de 1933, quando viajou à Manágua para negociar a paz. Foi também delegado nas conversações de paz.

LATIMER, Julian H.: contra-almirante, comandante das Forças Navais na Nicarágua desde 1926 (Esquadrão de Serviço Especial); executou o desarmamento dos





exércitos em guerra quando, em maio de 1927, José María Moncada assinou a rendição; pediu sua passagem para a reserva em agosto do mesmo ano, sendo substituído pelo contra-almirante David F. Sellers.

MACHADO, Gustavo: líder comunista venezuelano; fez parte do comitê Manos Fuera de Nicaragua, organizado no México.

MAIRENA HERNÁNDEZ, Domingo: médico auxiliar de filiação liberal. O general Sandino encarregou-o de cumprir uma missão no exterior, em 1929. Irresponsavelmente, Mairena traiu a confiança depositada nele. Recebeu ordem de voltar à Nicarágua, onde evitou enfrentar a justiça sandinista. Posteriormente, vendeu-se por um cargo público ao regime pró-estadunidense de José María Moncada.

MARABOTO, Emidgio: jornalista mexicano que entrevistou Sandino durante sua estadia no México (1929-1930) e escreveu um importante documentário intitulado *Sandino ante el coloso*, publicado em Veracruz, em 1929.

MARADIAGA, Coronado: coronel do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Desempenhou um papel importante na manutenção da luta sandinista nas Segovias enquanto Sandino esteve no México (1929-1930).

MARIN, Rufo Antonio: combatente sandinista destacado desde os dias da Guerra Constitucionalista. Comandou uma coluna na tomada de Jinotega (28/3/1927) e participou com ousadia e coragem do ataque e tomada de Ocotal (16/7/1927), onde caiu, combatendo heroicamente. Alcançara a patente de coronel e gozava do apreço e reconhecimento sem limites do próprio general Sandino.

MARTÍ, Agustín Farabundo: nasceu em Teotepeque, departamento de La Libertad, El Salvador. Dirigente comunista, ingressou no Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua em junho de 1928 e atuou como secretário de Sandino, que acompanhou em sua viagem ao México em 1929. Embora tenha rompido com Sandino em 1930, antes de ser fuzilado, depois da insurreição camponesa de 1932, em El Salvador, que foi brutalmente esmagada pelo ditador Maximiliano Hernández Martínez e que deixou 30 mil mortos, Martí expressou sua admiração por Sandino e sua fé na luta de libertação que este dirigia. “Seu entusiasmo e boa fé deixaram-me uma impressão muito viva e muito lamentei a sua morte”, disse Sandino em 1933.

MEDINA, Adán: liberal originário de Jinotega. Foi secretário de Sandino no final da Guerra Constitucionalista e primeiro auditor de guerra interino. Desertor das fileiras sandinistas, depois da traição de José María Moncada, em maio de 1927.

MONCADA, José María: nasceu em Masatepe, departamento de Carazo. Jornalista, político e militar, alistou-se com a patente de general nas forças que iniciaram a revolta que derrubou o regime de Zelaya, em 1909. Foi ministro de governo do general Estrada, em 1911. Em 1920, dirigiu o exército constitucionalista, que pleiteava o poder para Sacasa, mas entregou as armas, em maio de 1927, ao enviado estadunidense Henry L. Stimson, com quem pactuou a rendição. Em 1928, foi eleito presidente, como consequência do acordo, governando até 1932; foi durante seu período que a guerra sandinista chegou a seu ponto mais alto.

MONTOYA, Simeón: general do Exército Defensor da Soberania Nacional da





Nicarágua. Por sua destacada participação no combate de Las Cruces (10/10/1927), foi promovido de coronel a general.

MORAL, José: ex-sacerdote católico de nacionalidade espanhola, radicado em Yalí, Jinotega. Renunciou à batina, dedicando-se à agricultura. Apreciado por Sandino, participou das conversações entre Sandino e seu pai, naquela cidade, em 23 e 24 de maio de 1927.

MORALES, Juan Santos: nasceu em Somoto Grande. Estudou milícia na Academia Militar organizada no governo de Zelaya. General do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, foi segundo comandante da coluna do general Pedro Altamirano.

MUNGUÍA, Berta: secretária do Grupo Solidário ao Movimento Operário Nicaraguense, com sede em León. Nomeou o general Sandino presidente honorário dessa entidade operária.

ORTEZ Y GUILLÉN, Miguel Angel: nasceu em Ocotal. Estudou no Instituto de Ocidente, em León. general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua e um dos mais extraordinários heróis da luta guerrilheira; caiu lutando na batalha de Palacagüina, em 15 de maio de 1931, atingido por uma granada. Seu primeiro nome de guerra foi “general Ferrara”.

ORTIZ RUBIO, Pascual: presidente do México, eleito em 1930, quando Sandino estava nesse país em busca de solidariedade para sua epopéia libertária. Por suas posições francamente pró-estadunidenses e sua política externa, mereceu severas críticas do general Sandino.

OVIEDO, Octavio: estudante universitário de León. Integrou-se às fileiras do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Caiu combatendo heroicamente em Kisalaya, departamento de Zelaya, em 21 de abril de 1932.

PAREDES, José de: originário de Guadalajara, estado de Jalisco, México, aderiu ao Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua com a patente de capitão. Serviu Sandino como emissário enviado ao presidente Portes Gil, do México, em janeiro de 1929, acompanhando-o depois em sua viagem a esse país. Traiu a causa sandinista e desertou em 1932.

PENICHE, Alfonso: cidadão mexicano residente em Espita, Yucatán. Ofereceu abrigo e apoio a Sandino e sua delegação durante a estadia no México.

PERALTA, Ismael: general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, comandante da coluna nº 7, que operava no departamento de Estelí. Atuou também como ajudante de Sandino.

PORTES GIL, Emilio: presidente provisório do México entre 1928-1930, em consequência da crise política provocada pelo assassinato do general Alvaro Obregón. Permitiu a entrada de Sandino no país em 1929, mantendo-o recluso em Mérida, Yucatán, encontrando-se com ele apenas em janeiro de 1930, antes que Sandino deixasse o México para reiniciar sua luta, sem ter obtido o apoio que esperava.

PORTOCARRERO, Horacio: militar nicaraguense de extração liberal. Em 1912, durante os dias da epopéia patriótica de Benjamín Zeledón, ocupou militarmente a localidade de Jinotepe, sob o comando de um contingente liberal. Residia em El Salvador





na época da luta sandinista. Atuou como delegado do exército no Comitê pela Libertação da Nicarágua. Foi designado por Sandino candidato à presidência de um governo de transição em 1931, e delegado nas conversações de paz em 1933.

QUEZADA, Carlos: coronel do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Logo que o exército foi formado, chegou a ser chefe de uma coluna, participando de numerosos combates. Posteriormente, foi expulso de suas fileiras como indigno e irresponsável.

REYES, Canuto: bispo da cidade de Granada. Em meados de fevereiro de 1928, benzeu as armas dos *yankees* e da Guarda Nacional para acabar com Sandino.

REYES, Heriberto: capitão do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Nasceu perto de Quilalí, departamento de Jinotega. No final da discórdia de 1950, participou de diversos levantes armados contra a ditadura de Somoza. Foi, com os coronéis Santos López e Ramón Raudales, elo histórico entre o Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua e a Frente Sandinista de Libertação Nacional.

RIVERA, Abraham: nasceu na cidade de Jinotega em 16 de março de 1975. Profundo conhecedor da zona do rio Coco e de seus habitantes. Coronel do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, comandante da coluna nº 6, que operava na região atlântica da Nicarágua. É dirigida a ele grande parte das mais importantes cartas de Sandino.

RIVERA BERTRAND, Enrique: cidadão mexicano que deu apoio incondicional à causa do general Augusto C. Sandino e a seu Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, durante a segunda estadia de Sandino no México. Depois do retorno deste à Nicarágua, Bertrand fez esforços para organizar uma coluna de voluntários internacionalistas que se integrariam às colunas sandinistas. No entanto, esse plano nunca chegou a realizar-se. Em diversas cartas, Sandino demonstra seu apreço e reconhecimento a Rivera Bertrand.

ROMERO BOSQUE, Pio: presidente de El Salvador 1927-1931, foi o único governante que respondeu a uma carta de Sandino em março de 1929 e garantiu seu trânsito pelo país durante a viagem ao México no mesmo ano.

SACASA, Juan Bautista: eleito, em 1925, vice-presidente da República na fórmula liberal-conservadora que levou Carlos Solórzano à presidência. Quando, naquele ano, Emiliano Chamorro derrubou Solórzano, negando a Sacasa a sucessão ao poder, estabeleceu, em 1926, um governo em Puerto Cabezas, apoiado militarmente pelo general José María Moncada, chefe do Exército Constitucionalista. Quando Moncada entrou em acordo com Stimson e aceitou a rendição, foi para a Costa Rica de onde se transferiu para os Estados Unidos, aí fixando residência; voltou protegido pelo beneplácito estadunidense, sucedendo a Moncada na presidência em 1933. Assinou a paz com Sandino; não pôde castigar os culpados pelo assassinato do guerrilheiro, devido a sua debilidade e já sob o poder de Somoza, que o derrubou em 1936.

SALAS, Marcial: major do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, participou do combate de Las Conchitas, em 1º de novembro de 1927, batalha que significou um grande triunfo para as fileiras sandinistas.





SALGADO, Carlos: nasceu no Vale do Taquezal, jurisdição de Somoto. General do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, comandante da coluna nº 2, que operava na Costa Atlântica e no departamento de León.

SALINAS DE AGUILAR, Norberto: originário da cidade de León, viveu nos Estados Unidos, na Costa Rica e em outros países. Dirigente do Partido Trabalhista, que deu apoio a Sandino.

SALVATIERRA, Sofonías: líder do Grupo Patriótico, formado em 1932, que pretendia a paz quando os *marines* se retiraram. Foi designado ministro da Agricultura do governo Sacasa e nesse cargo negociou o tratado de paz, tendo visitado Sandino em seu quartel e o instado a viajar à Manágua, em janeiro de 1933. Em sua última viagem à capital, Sandino alojou-se na casa de Salvatierra, a qual foi assaltada na hora do assassinato; ele mesmo foi preso junto com Sandino ao chegar do palácio presidencial e mantido na prisão enquanto se consumava o crime. Suas experiências estão reunidas no livro *Sandino o la tragedia de un pueblo*, publicado na Espanha, em 1934.

SANDINO, América Tiffer de: esposa de Gregorio Sandino (pai de Augusto César) e mãe de Sócrates. Originária da cidade de Masaya.

SANDINO, Blanca Aráuz de: telegrafista do povoado de San Rafael del Norte, no departamento de Matagalpa, de onde era originária. Conheceu Sandino no decorrer da Guerra Constitucionalista. Casaram-se em 18 de maio de 1927. Foi sua secretária durante grande parte da campanha e sua emissária nas conversações finais de paz, em 1933. Morreu ao dar à luz uma menina, Blanca Segovia, em 2 de junho.

SANDINO, Gregorio: originário da cidade de Niquinohomo, departamento de Masaya. Agricultor e comerciante, pai do general Sandino. Tanto Moncada, em 1927, quanto as forças estadunidenses de ocupação depois, recorreram a ele como mediador de paz; em 1933 participou das negociações do fim da guerra. Foi capturado junto com Sandino na noite de 21 de fevereiro e mantido na prisão até que se consumasse o assassinato. Emigrou por algum tempo para El Salvador.

SANDINO, María: prima-irmã e primeira namorada do general Augusto C. Sandino. Em 1984, vivia ainda em sua cidade natal de Niquinohomo.

SANDINO, Sócrates: Nasceu em Niquinohomo, departamento de Masaya; irmão menor de Sandino. Emigrou para os Estados Unidos e lá trabalhou como mecânico na cidade de Nova York, onde estava quando começou a luta guerrilheira, em 1927. Ali se integrou ao exército, com a patente de coronel, em junho de 1931, na coluna comandada pelo general Umanzor. Capturado em Manágua na noite de 21 de fevereiro, em casa de Sofonías Salvatierra, foi conduzido a La Aviación e assassinado no mesmo dia em que seu irmão.

SANDOVAL, Luis Beltrán: general do Exército Constitucionalista (1926-1927), foi o primeiro a levantar-se em armas na Costa Atlântica, em maio de 1926, contra o governo de Emiliano Chamorro.

SELLERS, David F: contra-almirante do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, comandante do Esquadrão de Serviço Especial na Nicarágua, a partir de agosto de 1927. Escreveu a Sandino em 8 de dezembro de 1928 solicitando sua rendição.





SELVA, Salomón de la: um dos grandes poetas nicaraguenses, nascido na cidade de León, atuou como dirigente sindical durante sua residência no México; como tal apoiou a luta sandinista.

SEQUEIRA, José Santos: general do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua e chefe do Estado-maior até fevereiro de 1928, quando traiu a causa sandinista e tentou assassinar o próprio general Sandino. Reconhecido culpado de seu malogrado crime, fugiu do acampamento, sendo posteriormente capturado e sumariamente executado.

SOLIS, Anacleto: líder sindical do Estado de Yucatán, México. Colaborou com a causa nicaraguense, dando alojamento ao general Sandino e a sua comitiva em sua residência.

SOMOZA GARCÍA, Anastasio: nasceu em San Marcos, departamento de Carazo, e estudou em uma escola de comércio em Boston, Estados Unidos. Em 1926 integrou-se por pouco tempo à Guerra Constitucionalista, assaltando sem êxito o quartel de San Marcos; a partir desse momento, aparece como general. Foi vice-ministro de Relações Exteriores do governo de Moncada e, como protegido deste e do ministro estadunidense, Matthew Hanna, e, ainda, parente político do presidente eleito Sacasa, conseguiu chegar à chefia da Guarda Nacional em 1º de janeiro de 1933. A partir de então, pleiteou a presidência, passando pelo assassinato de Sandino em 21 de fevereiro de 1934; depois da derrubada de seu tio, o presidente Sacasa, em 1936, fez-se eleger presidente até 1947, quando entregou fugazmente o poder a Leonardo Argüello, seu próprio candidato, a quem fez ganhar fraudulentamente, mas que derrubou 26 dias depois. Quando se preparava para uma nova reeleição foi morto em 21 de setembro de 1956, e sua família herdou o poder.

STADTHAGEN, David: político conservador. Representou seu partido na assinatura do tratado de paz de 2 de fevereiro de 1933.

STIMSON, Henry L.: delegado especial do presidente Coolidge, chegou à Nicarágua em abril de 1926, estando o país ocupado pela marinha de guerra de seu país, e propôs às facções em guerra um armistício, que o general-em-chefe do exército constitucionalista, José María Moncada, aceitou em 12 de maio. Foi secretário de Estado do governo de Herbert Hoover e mais tarde secretário da Guerra. O relato de sua viagem à Nicarágua está no livro *American Policy in Nicaragua*, Nova York, Scribners and Sons, 1927.

TERCERO, Federico: internacionalista nascido em Honduras, combatente do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Caiu heroicamente lutando contra as forças de intervenção em Ciudad Antigua, Nueva Segovia, no dia 1º de maio de 1932.

TURCIOS, Froylán: poeta e jornalista hondurenho, diretor e fundador da revista *Ariel*, foi representante e correspondente de Sandino a partir de 1927, distanciando-se dele depois.

UMANZOR, Juan Pablo: nasceu no povoado de Las Manos, na fronteira entre Honduras e Nicarágua. General do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, comandou as colunas de nºs 8 e 4, depois da morte de Miguel Angel Ortez, que cobriam Somoto, Ocotal, Quilalí e El Jícaro. Foi assassinado na noite de 21 de fevereiro junto com Sandino.





VILLATORO, Teresa: internacionalista salvadorenha, companheira de luta do general Sandino, a quem acompanhou em sua viagem ao México (1929-1930).

WALKER, William: aventureiro estadunidense que chegou à Nicarágua no comando de uma falange de mercenários em 1854; chamado para apoiar uma das facções em guerra civil, fez-se proclamar presidente, estabeleceu a escravidão e pretendeu anexar a América Central aos Estados do Sul dos Estados Unidos. Derrotado pelos exércitos centro-americanos em 1857, tentou em várias ocasiões voltar à Nicarágua, até que foi capturado e fuzilado em Trujillo, Honduras.

YRIGOYEN, Hipólito: presidente da Argentina de 1916 a 1920 e outra vez em 1928, foi derrubado em 1930 por um movimento militar encabeçado por José Uriburu. Sandino dirigiu-lhe uma extensa carta em 20 de março de 1929, a que ele não respondeu.

ZEPEDA, Pedro José: nicaragüense, representante de Sandino no México, participou dos entendimentos para a chegada deste, em 1929. Foi nomeado delegado nas conversações de paz em 1933. Almejou sempre ser o candidato presidencial de Sandino.

